

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

MARÍA ALICIA GANCEDO ÁLVAREZ

La oblicuidad,
construções de dativos
na interlíngua de estudantes brasileiros de espanhol

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Orientadora: Profa. Dra. Neide T. Maia González

São Paulo

2002

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Serviço de Pós-Graduação

ATA DE DEFESA DE MESTRADO

Em 14 de outubro de 2002, na Sala de Defesas desta Faculdade, realizou-se a Defesa de Dissertação de Mestrado de María Alicia Gancedo Álvarez intitulada: “La oblicuidad, construções de dativos na interlíngua de estudantes brasileiros de **espanhol**” para obtenção do Título de Mestre em Letras: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana. Após declarada aberta a sessão, a Sra. Presidente deu a palavra aos examinadores, para as devidas argüições, que se desenvolveram nos termos regimentais. Em seguida, a comissão examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, decidindo, por unanimidade, aprovar a candidata.

À vista deste resultado, María Alicia Gancedo Álvarez foi considerada **aprovada** com distinção e louvor, fazendo jus ao Título de Mestre em Letras: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana.


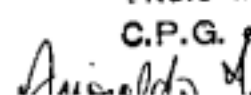
Justificamos a menção pelo fato de o trabalho da aluna preencher todos os requisitos de um bom Mestrado: Delimitação clara dos objetivos e do problema a ser analisado; Elaboração de um procedimento de coleta de dados que possibilitam explicar as construções com dativos não argumentais do espanhol e levantar hipóteses sobre sua aquisição.

A banca manifesta-se favoravelmente a que o texto defendido seja incorporado ao banco da Biblioteca Digital da Universidade de São Paulo.


 Prof.ª Dr.ª Esmeralda Vailati Negrão


 Prof. Dr. **Miria Maria Groppi Asplanato**
 de Varalla


 Prof.ª Dr.ª **Neide Therezinha Maia González**
 Orientadora
 Presidente da Banca

Título homologado pelo
 C.P.G. em 


*“ Para vivir no quiero
islas, palacios, torres.
¡ Qué alegría más alta:
vivir en los pronombres ! ”*

(Pedro Salinas, *La voz a ti debida*, 1933)

*A mis padres, siempre presentes en mí,
a mis hijas, Ana y Marilia.*

AGRADECIMENTOS

A Neide T. Maia González, querida Professora Orientadora que ha sabido guiar mis infinitas búsquedas con sabiduría.

A Mirta Groppi, por su invaluable contribución.

A Laerte, ¡inmensamente!

A Raquel Vázquez Álvarez, que aplicó entre sus compañeros de trabajo los tests del grupo referencia y me los envió con prontitud y cariño.

A todos los que respondieron los tests con buena voluntad.

A Silvia Etel Gutiérrez, Zulma M. Kulikowski, Maite Celada, Heloísa Pezza Cintrão y Adrián Fanjul, por el apoyo constante y las enriquecedoras interlocuciones.

RESUMO

Neste trabalho pesquisam-se as dificuldades apresentadas pelos estudantes brasileiros de espanhol língua estrangeira nas construções que implicam o uso de dativos – *me duelen las piernas / se me rompieron las medias / me cae bien su forma de ser*. São estruturas oblíquas em que a pessoa afetada pelo acontecer manifesta-se dentro da sintaxe através de um dativo, muitas vezes duplicado por uma forma tónica pronominal ou por um sintagma nominal. A análise do uso dessas construções e das estratégias utilizadas para substituí-las ou evitá-las na interlíngua, ao longo do curso de Letras / ELE, comparando-as com uma amostra de falantes nativos da cidade de Montevideu, permitiu uma aproximação ao processo de aquisição/aprendizagem da *oblicuidad* da língua espanhola e das conseqüências semânticas e sintáticas desencadeadas pelo uso de construções inadequadas ou menos freqüentes. Os resultados também sugerem algumas hipóteses sobre os conflitos – lingüísticos e/ou extralingüísticos – que dificultam a aquisição de tais estruturas pelos falantes de português do Brasil.

Palavras chave: clíticos, dativos, língua espanhola, sintaxe, interlíngua.

RESUMEN

En este trabajo se investigan las dificultades de los estudiantes brasileños de español como lengua extranjera en las construcciones que implican el uso de dativos – *me duelen las piernas / se me rompieron las medias / me cae bien su forma de ser*. Son estructuras oblicuas en las que la persona afectada se manifiesta dentro de la sintaxis a través de un dativo, muchas veces duplicado por una forma tónica pronominal o por un sintagma nominal. El análisis del uso de dichas construcciones y de las estrategias utilizadas para sustituirlas ou evitarlas en la interlengua, a lo largo del curso de Letras/ELE, comparándolas a una muestra de hablantes nativos de la ciudad de Montevideo, ha permitido una aproximación al proceso de adquisición/aprendizaje de la oblicuidad de la lengua española y de las consecuencias semánticas, sintácticas y discursivas desencadenadas por el uso de construcciones inadecuadas o menos frecuentes. Los resultados sugieren además, algunas hipótesis sobre los conflictos – lingüísticos y/o extralingüísticos – que dificultan la adquisición de dichas estructuras por hablantes de portugués de Brasil.

Palabras llave: clíticos, dativos, lengua española, sintaxis, interlengua.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
OBJETIVOS	12
CAPÍTULO I: Pressupostos teóricos	13
I.1. Aquisição de línguas estrangeiras	13
I.1.1. A interlíngua	15
I.1.2. Erros e estratégias de aprendizagem	20
I.2. Sobre as construções de dativos na língua espanhola	22
I.2.1. Provas de determinação do <i>complemento indirecto</i>	24
I.2.2. <i>Complementos indirectos argumentales</i>	25
I.2.2.1. Em <i>esquemas triactanciales</i>	26
I.2.2.2. Em <i>esquemas biactanciales intransitivos</i>	26
I.2.2.3. Determinação da <i>naturaleza actancial del CI</i>	30
I.2.3. <i>Complementos indirectos no argumentales</i>	30
I.2.4. Dativos	31
I.2.4.1. Dativos <i>concordados</i>	33
I.2.4.1. Dativos <i>no concordados</i>	33
I.2.5. Relação com os atores do discurso	34
CAPÍTULO II: Metodologia	36
II.1. Os <i>corpora</i>	37
II.1.1. <i>Corpus</i> da interlíngua	37
II.1.2. <i>Corpus</i> do grupo referência	38
II.2. Sobre a análise dos dados	39
II.2.1. Tratamento dos dados: estratégias de análise	44
CAPÍTULO III: Análise dos dados	46
III.1. Construções da interlíngua usuais na língua meta	46
III.1.1. com dativos argumentais	46

III.1.2. com dativos não argumentais	47
III.1.3. sem dativos	48
III.2. Construções peculiares da interlíngua	48
II.2.1. com dativos argumentais	48
II.2.2. com dativos não argumentais	49
II.2.3. sem dativos argumentais	49
II.2.4. sem dativos	50
II.2.5. ausência de dativos associada ao uso de possessivos	51
II.2.6. uso desnecessário de dativos	52
II.2.7. troca de paradigma	53
III.3. Outras construções da interlíngua	55
III.3.1. com verbos de ligação (<i>esquemas atributivos</i>)	55
III.3.2. construções híbridas	55
CAPÍTULO IV: Discussão dos resultados	58
CONCLUSÕES	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
OBRAS DE APOIO	74
ANEXOS	
1. Formulário para coleta de dados	75
2. O conto: <i>Material Plástico</i> , Júlio Cortázar	77
3. Dados do grupo referência	78
4. Dados do grupo da interlíngua	83
5. Gráficos	120

ÍNDICE DE QUADROS E GRÁFICOS

GRÁFICOS	página
01 Comparação das construções produzidas pelos estudantes (médias) com as do grupo referência	121
02 Construções produzidas pelo grupo N II comparadas com as do grupo referência	122
03 Construções produzidas pelo grupo N III comparadas com as do grupo referência	123
04 Construções produzidas pelo grupo D III comparadas com as do grupo referência	124
05 Construções produzidas pelo grupo N IV comparadas com as do grupo referência	125
06 Construções produzidas pelo grupo D IV comparadas com as do grupo referência	126
07 Construções produzidas pelo grupo N VII comparadas com as do grupo referência	127
08 Construções produzidas pelo grupo D VII comparadas com as do grupo referência	128
09 Construções produzidas pelo grupo D VIII comparadas com as do grupo referência	129
10 Evolução das construções com e sem dativos na interlíngua ..	130
11 Evolução das construções peculiares da interlíngua	131
12 Construções com verbos de ligação e híbridas	132
13 Estruturas com e sem dativos: GR e estudantes (médias)	133
14 Construções <S+V(+/- C)> ao longo do curso de ELE em 2001 e no GR	134
QUADROS	
01 Distribuição dos dados coletados na graduação	38
02 Construções que exigem ou permitem o uso de dativos -GR	58
03 Construções que exigem ou permitem o uso de dativos - IL	58

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve seu ponto de partida nas dificuldades apresentadas pelos estudantes brasileiros de espanhol língua estrangeira (doravante ELE), com estruturas que implicam o uso de dativos como: *escapársele, morírsele, ocurrírsele, caersele, dársele, subírsele, rompérsele, hacérsele, etc.* Eles apontam essas construções como uma das faces mais complexas da língua espanhola, complicada por uma enorme proliferação de formas oblíquas e duplicações. Ao mesmo tempo e à medida que avançam no conhecimento da língua, um dos seus principais questionamentos refere-se à busca de um sentido que ultrapasse as explicações estruturais da gramática.

Os estudos de González (1994, 1996 e 1998) sobre a gramática e o sistema pronominal da interlíngua levantaram questões importantes sobre essas dificuldades no uso de construções com pronomes pessoais:

“(...) un análisis detenido de otros tantos ‘errores’ nos muestra que éstos se asocian – directa o indirectamente – al empleo de construcciones con pronombres personales léxicos (categorías plenas) o con categorías vacías (pronombres sin matriz fonética), y al empleo alternativo de formas átonas o de sintagmas preposicionados para la expresión de los complementos.” (González, 1994:146).

O profuso uso de clíticos dativos na língua espanhola exigiu um recorte do nosso objeto de estudo para o qual, primeiramente, foram selecionadas algumas das construções destacadas por Lorenzo (1980) como características do modo de expressão da língua espanhola e definidas por ele como estruturas oblíquas, nas quais a pessoa afetada pelo acontecer corresponde semanticamente a um **caso afetado**, manifesta-se dentro da sintaxe através de um **dativo, muitas vezes duplicado por uma forma tônica pronominal ou por um sintagma nominal introduzidos pela preposição a**, como em: *a Pedro / a él se le olvidaron los anteojos.*

A partir desses estudos decidimos investigar as manifestações dos casos afetados nas produções espontâneas dos estudantes. Especificamente procuramos responder:

1. Quais são as construções utilizadas por eles em situações em que a preferência do espanhol seria a estrutura com dativos para o caso afetado?
2. Utilizam os pronomes pessoais como elementos dêiticos e anafóricos para obter a coesão textual? Caso contrário, quais são as conseqüências desencadeadas ao longo dos seus enunciados?
3. É possível identificar o papel da língua portuguesa nesse processo?
4. Acontece o processo de aquisição/aprendizagem das formas oblíquas de enunciação do espanhol no curso de ELE?
5. Nota-se algum tipo de progressão no aparecimento dessas construções do primeiro ao oitavo semestre de estudo do espanhol? Em caso afirmativo, ela se deveria à focalização do tema nos cursos que estão fazendo?

Convém deixar claro que as construções escolhidas supõem o emprego de uma forma *se* que não vamos analisar. Em primeiro lugar porque de fato não constitui o foco de nossa observação, que são os dativos, expressados pelas formas oblíquas e eventualmente duplicados por formas tônicas. Em segundo lugar, porque isso nos levaria a uma discussão que a própria teoria gramatical não resolveu completamente ainda a respeito da classificação do *se*.

Também é preciso esclarecer que o objetivo primordial deste trabalho não é a classificação gramatical, mas observar se estas estruturas consideradas teoricamente tão importantes e abundantes na língua espanhola a ponto de se constituírem numa de suas *claves* (chaves), como o próprio Lorenzo (1980) as chama, aparecem ou não espontaneamente na produção dos aprendizes brasileiros de ELE e, também, observar o que aparece no seu lugar na interlíngua quando em espanhol elas seriam produzidas.

Com o material selecionado para a coleta de dados, baseado num pequeno relato de Cortázar¹ em que as construções oblíquas são predominantes (Anexo 2), o estudo ficou restrito às formas sugeridas pela atividade:

A un señor se le caen al suelo los anteojos ...

El señor ... descubre con asombro que por milagro no se le han roto...

¹ Cortázar, Julio (1970): *Historia verídica*, de *Material Plástico*. En su: *Historias de cronopios y famas*. Buenos Aires, Minotauro, p.87.

Una hora más tarde se le cae el estuche ...

A este señor le lleva un rato comprender que ...

González (1994, 1996, 1998) estuda as características da língua espanhola partindo da observação da existência de um problema central para os falantes do português brasileiro na aquisição do sistema pronominal espanhol, problema que gera vários outros numa reação em cadeia, alguns deles nem sempre associados claramente ao primeiro. A autora (1994) fala de uma **tendência da língua espanhola à obliquidade** que constitui uma característica que reforça sua diferente assimetria em relação ao português brasileiro. Estas duas línguas, segundo a autora, se caracterizam por suas diferentes assimetrias², o que poderia provocar conseqüências na aprendizagem do espanhol por parte de brasileiros e, portanto, na sua interlíngua. Ela assinala que essas estruturas sintáticas **configuram um uso preferencial característico do espanhol, que contrasta com o atual e progressivo empobrecimento do sistema de clíticos do português do Brasil (González, 1994).**

O uso de construções inadequadas para esses casos, ou menos freqüentes em espanhol, desencadeia conseqüências semânticas, sintáticas e discursivas, consideradas no exame do *corpus*. Os dados lingüísticos obtidos sugerem algumas hipóteses sobre os conflitos – lingüísticos ou extralingüísticos – que dificultam a aquisição dessas estruturas pelos estudantes brasileiros.



² Assimetrias que González analisa em sua tese de Doutorado (1994), junto a outras dentro do mesmo campo da sintaxe.

OBJETIVOS

O presente trabalho se propõe alcançar os seguintes objetivos:

- 1- Identificar as construções utilizadas pelos estudantes em situações em que a preferência do espanhol poderia ser pela estrutura oblíqua com dativos para o caso afetado.
- 2- Observar a retomada do referente pelo pronome pessoal adequado, ou caso contrário, quais são as conseqüências desencadeadas pela sua carência.
- 3- Tentar identificar nas construções anômalas o eventual papel da língua portuguesa.
- 4- Observar se é possível lançar hipóteses passíveis de comprovação posterior por meio de estudos longitudinais, sobre a aquisição/aprendizagem dessas formas oblíquas de enunciação do espanhol, à luz dos dados fornecidos pelo *corpus* e da revisão bibliográfica antes mencionada.
- 5- Verificar, em nosso *corpus* transversal, se a produção dos estudantes dos primeiros aos últimos níveis apresenta alguma mudança significativa quanto às construções objeto deste estudo e, eventualmente, examinar se estão ou não associadas a algum fator vinculado ao ensino formal a que foram expostos.



Pressupostos teóricos

Para compreender os fenômenos da interlíngua dos estudantes brasileiros de ELE no processo de aquisição de estruturas de dativos, foi necessário, em primeiro lugar, estudar o campo teórico da aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras e, em segundo lugar, pesquisar os trabalhos sobre clíticos dativos nos estudos de estruturas sintáticas e valores semânticos; como surgiram e até onde chegaram essas investigações. A partir destas leituras definiram-se as teorias e a metodologia de trabalho para tentar explicar os dados da interlíngua.

I.1.

Sobre aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras

Os primeiros estudos no campo de aquisição de línguas estrangeiras, entendida esta como especialidade científica com objetivos e instrumentos próprios, surgiram a princípios do século XX e sofreram mudanças significativas a partir dos anos 60, como consequência dos avanços das teorias lingüísticas. As novas correntes foram desenvolvidas em dois âmbitos geográficos diferentes: nos Estados Unidos por um lado e na Europa por outro.

Nos Estados Unidos derivaram dos princípios da lingüística estrutural e dos métodos propostos pela teoria comportamental no campo da psicologia da aprendizagem. Esta corrente respondia mais a um interesse pela forma do que pelo uso da língua e continua orientada para o desenvolvimento de hábitos lingüísticos. A aprendizagem de línguas estrangeiras é concebida nesse modelo como um processo de formação de hábitos. Os trabalhos dirigiam-se ao estudo da língua materna e da língua alvo e à sua exaustiva comparação como forma de prever e evitar os erros na produção de L2. Apesar de a chamada Análise Contrastiva ter evoluído com Wardhaugh (1970), e em sua nova versão ter abandonado a exigência da previsão de erros, não apresenta uma reflexão sobre a variação da produção lingüística que não corresponde à norma culta vigente.

Com a publicação dos trabalhos de N. Chomsky, que fundam as bases da lingüística gerativa³, ocorre uma mudança de paradigma na ciência lingüística, cujo principal objetivo de pesquisa passa do comportamento lingüístico para a natureza da linguagem humana. A abordagem chomskyana apóia-se na idéia de que os seres humanos estão dotados geneticamente de um conhecimento específico e universal para a língua, a Gramática Universal (GU), que possibilita a aquisição/aprendizagem de uma ou mais línguas. É uma aptidão inata para a linguagem, atividade criativa do ser humano dentro da qual se situa o sistema não nativo do processo de aquisição/aprendizagem de uma língua estrangeira (Liceras, 1992).

A possibilidade de a GU permanecer ou não disponível nos adultos (talvez parcialmente) para a aquisição de uma língua estrangeira ainda é pesquisada pelos lingüistas que trabalham dentro desse campo teórico. Alguns acham que o papel desempenhado pela GU na aquisição da língua materna é desempenhado pela L1 na aquisição da L2, outros, no entanto, como Liceras (1996), vêem a língua materna como uma espécie de filtro dos dados do *input* (insumo), um elemento de intermediação, que determina o que será selecionado para o *intake* (insumo absorvido).

Baralo (1996) verifica em seus estudos com adultos que adquirem uma L2 que eles incluem em seu conhecimento lingüístico um componente dedutivo para a língua meta, que vai além dos dados disponíveis e do ensino explícito. Com isso, ela conclui que apesar de existir um período crítico na puberdade, a partir do qual alguns princípios da GU ficam inoperantes, de alguma maneira esta dotação inata restringe e guia o processo de aquisição da L2 na formulação de hipóteses, como se verá mais adiante. Tal processo é, portanto, visto como construtivo e criativo.

A partir da visão chomskiana da aquisição de sistemas não nativos que entende o processo como uma atividade criativa, surgem modelos que explicam e analisam as interlínguas (IL), conferindo-lhes estatuto de linguagem independentemente dos níveis de bilingüismo alcançados.

³ Parte do conceito de competência lingüística, entendida como o conhecimento inconsciente de um falante-ouvinte ideal numa comunidade falante completamente homogênea, como algo diferente da atuação lingüística, isto é o uso da língua em situações concretas.

I.1.1.

Interlíngua

Dialeto idiossincrático

Sistema aproximado

As etapas alcançadas pelo adulto nos processos de aquisição/aprendizagem de uma segunda língua são ditas sistemas intermediários entre o sistema conhecido da L1 e a língua meta, chamados dialetos idiossincráticos por Corder (1971) dentro de uma perspectiva sociolingüística, sistemas aproximados por Nemser (1971) numa abordagem lingüística, e interlínguas por Selinker (1971, 1982) de uma ótica psicolingüística. São os estudos que dão identidade às interlínguas.

Corder (in Liceras, 1991: 34) fez uma distinção entre os processos de aquisição de primeira língua e de aprendizagem de língua estrangeira, colocando como principal diferença entre eles as circunstâncias em que acontecem, já que ainda não está demonstrado, segundo ele, que o processo de aprendizagem de uma L2 seja de natureza diferente ao processo de aquisição da L1. Os processos não seriam diferentes, mas as circunstâncias como a idade, motivação, tempo, lugar, etc., sim.

O autor explica que, embora as estratégias de aprendizagem de uma L2 sejam basicamente as mesmas que o indivíduo usa para adquirir sua L1, uma das principais diferenças entre os dois processos estaria constituída pela quantidade de hipóteses que o indivíduo faz e experimenta sobre a natureza da língua. Durante a aquisição de L1 esta quantidade de hipóteses pode ser ilimitada, mas, para a aprendizagem de uma L2, as hipóteses giram em torno das semelhanças ou diferenças entre as duas línguas: a materna e a estrangeira.

“(...) los sistemas de la nueva lengua, ¿son los mismos o distintos de los de la lengua que conozco? y si son diferentes, ¿cuál es su naturaleza?”

(Corder, in Liceras, 1991: 39)

Os estudos de Corder apontaram mudanças importantes tais como uma nova concepção das interlínguas ou dialetos idiossincráticos: sistemas cujas gramáticas compartilham regras com outras gramáticas, mas possuem regras próprias e têm a

instabilidade como característica principal, razão pela qual podem ser chamados de “dialetos transicionais” ou “competências transitórias”.

As orações idiossincráticas produzidas pelos aprendizes são manifestações de uma gramática do dialeto transicional e não devem ser consideradas simplesmente erros, desvios ou orações agramaticais; ao contrário, devem ser objeto de estudo lingüístico longitudinal. Este conceito lança um novo olhar sobre os erros, vistos agora como passos obrigatórios para a apropriação da língua, índices dos estágios alcançados pelo indivíduo nesse caminho do conhecimento (Fernández López, 1995).

Para Nemser (In: Licerias, 1991), qualquer língua não nativa ou língua estrangeira é um sistema aproximado. Isto porque os sistemas lingüísticos em contato incluem uma língua objeto, uma língua origem (língua materna que atua como fonte de interferência) e um sistema aproximado (o sistema lingüístico usado nas tentativas de utilização da língua objeto). Este sistema tem estrutura gramatical e sons próprios e muda de maneira rápida, passa por sucessivos níveis de domínio da língua objeto e pode ser identificado como característica de um grupo (os sotaques estrangeiros) ou uma comunidade (casos de pidgin). Segundo Nemser (In: Licerias, 1991), a regularidade dos erros de alunos com um mesmo sistema de língua materna proporciona numerosas provas da existência de um sistema aproximado.

Segundo Selinker (In: Licerias, 1991), na mente existe uma estrutura da linguagem latente e uma estrutura psicológica que pode ser ativada quando o adulto tenta produzir ou entender uma língua estrangeira mas não a domina como um nativo. Essa estrutura psicológica latente é responsável por um sistema lingüístico cujas regras não correspondem nem à língua materna nem à língua estrangeira e é denominado por ele interlíngua. A análise da estrutura superficial das orações da interlíngua pode revelar os processos da estrutura psicológica latente, entre os quais se destacam a transferência lingüística, a transferência de instrução, as estratégias de aprendizagem, as estratégias de comunicação e a hipergeneralização de regras da língua estrangeira. Nesses processos da estrutura psicológica latente também se originam as regras e subsistemas lingüísticos que, em geral, os falantes de uma língua conservam em sua interlíngua face à língua estrangeira; são os elementos fossilizáveis.

Shumann (1976, in Licerias, 1992), dentro de uma perspectiva sociolingüística, identifica elementos da formação de línguas pidgins com elementos da aquisição de

segundas línguas em contextos naturais, para determinados indivíduos. Tanto Corder como Shumann reconhecem que as interlínguas (doravante ILs) surgem em determinadas condições psico-sociais, porque estas ativam algumas funções da linguagem que dão origem à pidginização inicial ou a sua possível estabilização posterior (fossilização). Mas, até esse momento, os modelos existentes não discutiam os mecanismos através dos quais o aprendiz de L2 relacionava os dados externos com a sua capacidade lingüística.

Krashen (1977, in Liceras, 1991) apresenta um modelo que relaciona a mente a esses dados externos (*input*) por um lado e, por outro, a mente à produção lingüística (*output*). Para ele os processos de aquisição e de aprendizagem são diferentes. O adulto adquire/aprende uma língua estrangeira através de dois processos independentes: a aquisição inconsciente da linguagem e/ou a aprendizagem consciente do sistema lingüístico meta. A aquisição é um processo inconsciente desencadeado por um impulso vital e inevitável: a necessidade de comunicação. O processo de aprendizagem, ao contrário, é consciente e supõe o conhecimento de regras, poder falar sobre elas e aplicá-las na prática da língua. Supõe também a existência de um monitor que corrige os erros produzidos (Krashen, 1982: 16, *apud* Carioni, 1988: 55-56). Resumidamente, o modelo de Krashen propõe cinco hipóteses:

1. Os processos de aquisição e de aprendizagem são diferentes em suas origens e finalidades.
2. A ordem de aquisição da segunda língua é semelhante à da aquisição dessa mesma língua como L1 mas não é igual. A ordem natural parece não corresponder à ordem de regras gramaticais ensinadas.
3. O *input* deve ser compreensível, relevante, interessante e em quantidade suficiente, ou seja, deve apresentar informação lingüística além da conhecida pelo aprendiz, de forma que possibilite a evolução da aquisição (*input* + 1). Da qualidade e da quantidade de *input* oferecido dependerá a correção dos erros.
4. Monitor: prevê que o conhecimento consciente de regras gramaticais atua na produção do falante de L2 levando-o à auto-correção.
5. Filtro afetivo: a motivação, a ansiedade e a autoconfiança podem facilitar ou impedir o recebimento do *input*. Se houver um baixo filtro afetivo, a aquisição se realizará, caso contrário, o filtro afetivo poderá levar ao bloqueio da aquisição ou à fossilização.

O trabalho de Krashen foi fundamental para o estudo da aquisição de línguas estrangeiras por adultos e minimizou o papel da língua materna, tornando-o praticamente nulo, muito embora a sua importância tenha sido recuperada posteriormente por muitos pesquisadores, ainda que não como se concebia nos tempos da Análise Contrastiva. No trabalho de Krashen priorizam-se a comunicação e a compreensão desvinculadas da reflexão consciente da gramática e os fatores ambientais e afetivos tornam-se relevantes para o sucesso ou não de quem está adquirindo ou aprendendo uma segunda língua.

Posteriormente, McLaughlin (1978) e Bialystok (1978), além do próprio Krashen (1982), modificaram este modelo que não apenas distinguia os processos de aquisição e de aprendizagem, mas que criava uma barreira entre ambos e afirmava que o aprendido não se transformava em adquirido, uma barreira que ficou conhecida como a interface aquisição/aprendizagem. McLaughlin propõe um modelo fundamentado nos processos controlados e nos processos automatizados, no qual as memórias de curto e longo prazo desempenham papéis fundamentais. Bialystok propõe um modelo de análise da IL baseado nos papéis desempenhados pelo conhecimento implícito e pelo conhecimento explícito (informação implícita armazenada para a compreensão e produção de L2 e informação explícita que mais tarde será automatizada).

Mesmo oferecendo explicações diferentes, estes autores admitem a possibilidade de transformação do aprendido em adquirido. Quanto à independência entre os processos de aquisição e de aprendizagem defendida por Krashen, de fato, pode ocorrer a aquisição de uma L2 sem uma aprendizagem, assim como também pode acontecer a aprendizagem sem necessariamente haver uma aquisição. É o caso de aprendizes que sabem resolver exercícios gramaticais da língua meta mas não têm os conhecimentos que lhes permitem a comunicação nessa língua, ou das pessoas que adquirem uma L2 naturalmente mas não conseguem explicitar seu conhecimento sobre a língua (Baralo, 1994).

Gass & Selinker (1983, *apud* González, 1994) julgam que é realmente possível e não incompatível ver a aquisição de uma segunda língua como um processo, ao mesmo tempo, de testagem de hipóteses (no qual os estudantes criam porções de conhecimento a partir dos dados da segunda língua que lhes são acessíveis), e de utilização do conhecimento da primeira língua, bem como de outras já aprendidas, na criação da língua do aprendiz.

Com a comprovação de uma relativa universalidade dos processos cognitivos e a impossibilidade de atribuir à interferência da L1 todos os erros encontrados na IL, houve uma relativização do papel da língua materna na aquisição de L2. Passou-se então à análise de erros com uma focalização maior das variáveis individuais.

Antes de seguir adiante é preciso esclarecer que a construção deste arcabouço teórico é importante nesta fase do projeto para situar o trabalho no campo da investigação em aquisição/aprendizagem de segundas línguas. Destacamos os estudos das últimas décadas nos quais esta pesquisa se fundamenta (especialmente os de Krashen) com a finalidade de encontrar uma parte dos recursos teóricos necessários para a análise do *corpus* que, embora limitado, permitirá ao menos lançar hipóteses, que deverão posteriormente ser testadas com novos dados, sobre possíveis influências e interferências na produção de algumas estruturas, sejam elas compatíveis ou não com a norma vigente na língua espanhola.

A outra parte dos recursos teóricos necessários virá dos estudos específicos de aquisição/aprendizagem de espanhol como língua estrangeira. Para tanto, partimos dos trabalhos da orientadora deste projeto assim como de outros autores por ela citados. Outra parte importante é a da descrição das estruturas de dativos na língua espanhola para situar as construções encontradas no *corpus* que, embora restrito para qualquer afirmação categórica, consideramos pertinente para os nossos objetivos.

I.1.2.

Erros e estratégias de aprendizagem

Erro, falha, lapso: em termos gerais, um “erro” é um desvio sistemático; uma “falha” um desvio inconstante e eventual, e um “lapso” é um desvio causado por fatores extralingüísticos como falta de concentração, memória, etc. (Fernández, 1991). Para Corder (*apud* Fernández, 1991: 208) os erros têm triplo significado:

“(...) Primero, para el profesor: si éste emprende un análisis sistemático, los errores le indicarán dónde ha llegado el estudiante en relación con el objetivo propuesto y lo que le queda por alcanzar. Segundo: proporcionan al investigador

indicaciones sobre cómo se aprende o se adquiere una lengua, sobre las estrategias y procesos utilizados por el aprendiz en su descubrimiento progresivo de la lengua. Y por último (y en algún sentido lo más importante) son indispensables para el aprendiz, pues se puede considerar el error como un procedimiento utilizado por el que aprende para aprender, una forma de verificar sus hipótesis sobre el funcionamiento de la lengua que aprende. Hacer errores, es por tanto una estrategia que emplean los niños en la adquisición de su L1 y del mismo modo los aprendices de una lengua extranjera.”

O modelo da análise de erros baseia-se nos fundamentos teóricos da lingüística chomskyana e nas teorias cognitivas da aprendizagem. A análise de erros das produções dos alunos de língua estrangeira demonstrou que muitos erros não se deviam a um processo de transferência negativa da língua materna e que havia uma porcentagem importante deles que não podia ser atribuída a processos de transferência (Fernández, 1991).

As transferências, segundo González (1994), demonstram a distância percebida pelo indivíduo entre as línguas, e a relação que o aprendiz projeta e constrói entre elas possibilita uma maior ou menor influência da L1 sobre a L2. Segundo a autora, é impossível negar que essas influências existam, embora seja necessário ficarmos bem atentos para os resultados imprevistos que essa relação projetada pelo aprendiz entre a L1 e a L2 possa ter sobre a interlíngua, que podem ser desde uma aproximação muito grande até um afastamento total que pode levar à formulação de hipóteses exóticas sobre a língua meta.

Para Marta Baralo (1999: 46) a transferência pode ser entendida como:

“(...) una estrategia universal, que se da al comienzo del proceso y en los estadios intermedios, cuando se crea inestabilidad. Suele producirse en los casos en los que la lengua meta presenta un rasgo marcado mientras que en la lengua materna, por el contrario, la estructura equivalente es menos marcada, más constante, más universal.(...) podemos considerar la transferencia como una estrategia disponible para compensar la carencia de conocimiento de la lengua objeto (...)”

Embora o contexto do levantamento de dados do nosso trabalho seja característico de um processo de aprendizagem, compartilhamos os conceitos de Krashen (1982),

McLaughlin (1978) e Bialystok (1978) quando admitem a possibilidade de transformação do aprendido em adquirido, assim como também as considerações de Baralo (1994) sobre os casos de aprendizagem sem aquisição e vice-versa.

Da mesma forma, concordamos com González (1994) em que a aquisição de uma L2 é um processo de testagem de hipóteses e de utilização do conhecimento da primeira língua assim como de outras já aprendidas, na criação da interlíngua; um processo em que, no caso específico da aquisição/aprendizagem de ELE por parte de falantes de português brasileiro, a L1 funciona como um mecanismo cognitivo e sua função é filtrar e selecionar os dados que são oferecidos para o aprendiz.

Segundo Revuz (1998: 217, *apud* González, 2000: 3), uma autora que observa a aquisição de língua estrangeira a partir do quadro teórico da psicanálise, muito diferente, portanto, daqueles que o fazem a partir de modelos que genericamente poderíamos classificar de mais propriamente cognitivos:

“ (...) o encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico com nossa língua. Esse confronto entre primeira e segunda língua nunca é anódino para o sujeito e para a diversidade de estratégias de aprendizagem (ou de não aprendizagem) de uma segunda língua”.

Esse exercício de aprendizagem é muito delicado porque para isso, ainda segundo Revuz,

“(...) solicitam-se as bases mesmas de nossa estruturação psíquica, e com elas aquilo que é, a um mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna. Toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua.”

Através destas palavras, assim como dos precedentes teóricos sobre a interlíngua já citados, podemos perceber a complexidade dos sistemas transitórios que são a base do nosso *corpus*, a diversidade de fatores e influências que incidem, filtram, bloqueiam ou interferem na produção dos estudantes ao longo do curso, entre os quais está a sua primeira língua, e a instabilidade que os caracteriza.

I.2.

Sobre as construções com dativos na língua espanhola

O latim possuía a categoria flexiva da declinação que transformava em casos (nominativo, vocativo, genitivo, acusativo, dativo y ablativo) o comportamento funcional do signo que ela contribuía a configurar. Os casos indicavam a função sintática (às vezes junto com preposições) e associavam-se freqüentemente a determinados conteúdos (agente, paciente, objeto, destinatário, beneficiário, locativo,...) que representavam gramaticalmente como atuavam os referentes na situação da mensagem (Gutiérrez Ordóñez, *in*: Bosque y Demonte, orgs., 1999: 1859).

No processo de transição para a língua romance, as formas dos casos de declinação desapareceram e seus conteúdos foram assumidos pela preposição *a*⁴. Do antigo caso dativo ficou a herança pronominal das formas *le-les*.

No século XIX surgiu uma discussão sobre a existência ou não dos casos de declinação em espanhol, na qual a Real Academia adotou uma postura conservadora, enquanto outros autores rejeitavam a existência da declinação com os seguintes argumentos:

“En castellano es absurdo decir que el nombre ‘mesa’ se declina, porque para expresar la relación que la cosa por él significada tiene con otra, se dice ‘de la mesa, a la mesa, para la mesa’ ”.

(Vázquez, 1990: 428, *apud* Gutiérrez, 1994)

Independentemente dos caminhos seguidos pela língua romance através dos séculos, e mesmo depois que as oposições formais da declinação desapareceram, os gramáticos gregos e latinos continuaram mantendo as antigas classificações, localizando na expressão da língua os conteúdos e valores que eram transmitidos em latim pelos antigos casos (Gutiérrez Ordóñez, 1999).

⁴ A manutenção da preposição *para* nas gramáticas, com exceção da de Bello, segundo Gutiérrez Ordóñez (1999), não correspondia ao comportamento da língua. A comutação de *a* por *para* é possível quando a função semântica do sintagma é **benefactiva**. Os contextos de finalidade pertencem ao uso exclusivo de *para*. Outros valores como destino, possessão, interesse, ... escolhem a preposição *a*.

Com o surgimento das noções funcionais de *complemento directo e indirecto*⁵ a terminologia dos casos tradicionais não desapareceu, mas passou a ser variante das correspondentes funções sintáticas (*acusativo* ou *complemento directo* e *dativo* ou *complemento indirecto*).

Os *dativos* (ou *complementos indirectos*) caracterizam-se semanticamente, nas gramáticas tradicionais, pela sua relação com as noções de atribuição e de interesse, ou seja o *complemento indirecto* significa ou expressa *daño, provecho, beneficio, interés, finalidad, destino, origen, ...*, os mesmos valores que manifestava o dativo latino. Mas, segundo Gutiérrez Ordóñez (1999), esta forma de caracterização encontra alguns inconvenientes porque cada um desses significados pode expressar-se por meio de outras funções, ou pode também mudar se é mudado o esquema sintático. O problema é que a função formal de *complemento indirecto* possui um valor arquitetônico, construtivo. Não existe um conteúdo único que corresponda, por exemplo, à categoria sintática *sujeto* ou *complemento indirecto*.

A gramática estruturalista (Alarcos, 1980: 155) segue os seguintes critérios para determinar o *complemento indirecto*:

- a) Compatibilidade com o *complemento directo* em um mesmo enunciado.
- b) Presença obrigatória da preposição (ou índice funcional) *a*.
- c) Quando são elididos, deixam um substituto pronominal *le-les* que só faz referência ao número do sintagma suprimido e que, se coincidir com outro clítico de terceira pessoa, transforma-se em *se*:

entregaron un regalo a la señora → *le entregaron un regalo* → *se lo entregaron*

- d) O referente pronominal e o conjunto < *a* + *SN* > podem aparecer em uma mesma seqüência: *a la señora siempre le entregan un regalo*.

⁵ Optamos por manter os termos usados pelos autores na língua espanhola para evitarmos um problema de terminologia que não tem cabimento num trabalho deste tipo. Cabe dizer que nem sempre os mesmos termos têm as mesmas interpretações na nomenclatura gramatical do português e do espanhol, daí que preferimos, neste caso, não entrar nessa questão.

I.2.1.

Provas de determinação do *complemento indirecto*

Gutiérrez Ordóñez (1999) descreve minuciosamente vários procedimentos de determinação do *complemento indirecto*, dentre os quais escolhemos o dos clíticos para a análise dos dados da interlíngua dos estudantes. É um procedimento que apresenta vantagens frente a alguns possíveis problemas de aplicação de fácil resolução.

O critério de substituição por clíticos pronominais para determinar a função de um segmento do predicado não é novo, mas ocupava um dos últimos lugares entre os procedimentos de determinação utilizados pelos gramáticos tradicionais, até que Alarcos (1980) lhe outorgou, pela primeira vez, um valor prioritário. Suas vantagens consistem em que:

- a) os referentes *le-les* não estão condicionados a restrições semânticas, o único requisito funcional que exigem é pertencer ao mundo dos dativos;
- b) constituem uma prova satisfatória para a condição de explicar a língua com argumentos lingüísticos;
- c) servem para identificar os sintagmas que desempenham uma mesma função e para diferenciar os que desempenham funções diferentes, também possuem uma função de demarcação (determinam em cada caso a extensão da função):

Tengo nuevos dos discos.

Los tengo nuevos. (*los = dos discos = objeto directo*)

* *Les tengo nuevos.* (não é possível ⁶)

Um dos problemas da aplicação da prova dos clíticos é o sincretismo das formas pronominais de primeira e segunda pessoas do singular:

me	te	le la lo	nos	os	los las	castigó
me	te	le	nos	os	les	pegó

⁶ De acordo com a norma, já que em variedades peninsulares do castelhano, entre elas a madrilenha, este caso não só ocorre como é relativamente freqüente no colóquio.

Nesses casos o que determina a diferença funcional de *me* em *me pegó* (*complemento indirecto*) e *me castigó* (*complemento directo*) é que pertencem a diferentes paradigmas, portanto, eles têm um valor diferente.

I.2.2.

Complementos indirectos argumentales

Segundo o mesmo autor, todos os verbos condicionam ou selecionam o número e o tipo dos seus complementos sintáticos e o papel semântico que cada função assume nos esquemas em que ele participa. Considerando o número de funções sintáticas, os verbos são classificados em *trivalentes* ou *trirectanciales*, *bivalentes* ou *biirectanciales*, *monovalentes* ou *monoirectanciales* e *ceovalentes*. Mas a presença do *complemento indirecto* não está limitada aos esquemas *trirectanciales*, pode aparecer com verbos intransitivos e em esquemas impessoais.

I.2.2.1.

Em esquemas trirectanciales

alguien (algo) – verbo – algo – a alguien

ou

< Sujeto – Núcleo del Predicado – Complemento Directo – Complemento Indirecto >

Muitos gramáticos tradicionais postularam que a presença do *complemento indirecto* é requerida pela natureza do verbo (*trirectancial*), inscrevendo-os dessa forma na categoria dos argumentos. Esses verbos que têm um lugar prefigurado para o *complemento indirecto* em seu esquema argumental, freqüentemente são verbos de transferência, segundo Strozer (1978, *apud* Gutiérrez Ordóñez, 1999: 1876) e podem ser agrupados em quatro conjuntos considerando-se os critérios de conteúdo:

de transferencia material: *dar, donar, entregar, mandar, enviar, vender, comprar, conceder, otorgar, legar, prestar, pagar, proporcionar, poner, colocar, llevar, remitir,*

robar, entregar, ofrecer, pedir, tomar, restituir, transmitir, confiar, devolver, servir, quitar, comprar, suprimir, cortar, evitar, ahorrar, arrancar, confiscar, sustraer, arrebatarse ...

de transferencia comunicativa: *transmitir, decir, comunicar, anunciar, avisar, gritar, confiar, explicar, contar, replicar, exponer, enseñar, sugerir, declarar, narrar, dictar, recordar, solicitar, contestar, escribir, manifestar, notificar, repetir, revelar, referir ...*

de moción física: *traer, atraer, sacar ...*

de moción abstracta: *imputar, destinar, asignar, consagrar, ofrecer, reconocer, reservar, agregar, aplicar, asociar, conferir, dedicar, oponer ...*

I.2.2.2.

Em esquemas *biactanciales intransitivos*

< Sujeto – Núcleo del Predicado – Complemento Indirecto >

O *complemento indirecto* no *esquema biactancial intransitivo* possui um comportamento singular, afirma Gutiérrez Ordóñez (1999: 1877), do ponto de vista formal e da perspectiva semântica.

Os esquemas *biactanciales intransitivos* supõem a existência de um *complemento indirecto* afetado pela ação do verbo sem a interposição do *complemento directo*.

Formalmente apresenta pontos coincidentes e pontos discordantes com o *esquema triactancial* mencionado anteriormente:

1. Sempre aparece introduzido pela preposição *a*.
2. A presença do clítico pode ser obrigatória ou não dependendo da natureza do verbo.
3. Os clíticos pronominais pertencem ao paradigma: *me, te, le, nos, os, les*.
4. Não é *pasivizable*, isto é, passível de transformação passiva.

Os verbos destas construções podem ser agrupados em conjuntos segundo seu comportamento:

1. **de incumbencia:** *incumbir, atañer, competir, convenir, tocar, corresponder...*;
2. **de adecuación:** *bastar, sobrar*;
3. **de moción física o de cambio:** *llegar, ir(se), subir, venir, volver, escarse, nacer, morir, caer ...* (grifo nosso, este verbo faz parte dos que aparecem em nosso *corpus*). Neste grupo incluem-se os verbos de movimento e mudanças de estados, que parecem reclamar mais do que os outros a presença do clítico:

Nos asquean a todos los crímenes terroristas.

*La pobreza del mundo **nos** concierne a todos.*

4. **de acontecimiento:** *ocurrir, sobrevenir, suceder, acontecer, presentarse ...* Neste grupo de verbos um sujeito inanimado afeta um experienciador:

Les sobrevinieron varios contratiempos seguidos.

*Lo que **nos** ocurrió en el prado.*

5. **de afección psíquica:** *admirar, alegrar, satisfacer, encantar, interesar, divertir, preocupar, urgir, convencer, impresionar, ofender, molestar, disgustar, servir*.
Permitem duas estruturas:

Construção agentiva < Suj + Pred + CD >

Verbo transitivo com elemento [+animado/humano] em lugar de sujeito, complemento directo: *Pepe **nos** admira*

Construção inacusativa < Suj + Pred + CI >

Verbo com sujeito inanimado que afeta um experienciador construído como complemento indirecto. *A Pepe **le** admira nuestra persistencia.*

Dependendo do valor de *agentividad* (de agentividade) assumido pelo predicado, um mesmo verbo deste grupo pode produzir alternância de construções, conforme o caráter animado ou inanimado do sujeito (Vázquez, 1995, *apud* Gutiérrez Ordóñez, 1999: 1880):

Lucas la admira. ↔ construção agentiva.
 S CD V (voluntariedade)

Le admira la madurez de sus hijos. ↔ construção inacusativa
 CI V S (involutariedade)

$\frac{\text{Pedro}}{S} \frac{\text{lo}}{CD} \frac{\text{quemó}}{V} \text{ en la pierna.} \leftrightarrow$ construção agentiva
(voluntariedade)

$\frac{\text{El fuego}}{S} \frac{\text{le}}{CI} \frac{\text{quemó}}{V} \frac{\text{la pierna.}}{CD} \leftrightarrow$ construção inacusativa
(involuntariedade)

Estas estruturas, segundo Vázquez (1995, *apud* Gutiérrez Ordóñez, 1999) apresentam como traço característico a **involuntariedade**:

*“(…) en otras palabras, un rasgo que diferencia en el contenido a las cláusulas biactanciales que presentan un esquema sintáctico SUJ-PRED-CD de las que tienen una configuración de funciones SUJ-PRED-CI es que el empleo del segundo esquema **descarta explícitamente que la situación descrita esté bajo control voluntario de alguno de los participantes implicados**” (grifo nosso).*

A sua manifestação sintática estaria dada por:

1. Sequências opostas unicamente em função da presença/ausência do traço ‘voluntariedade’:

*Lucas admira tu valentía. / A Lucas **le** admira tu valentía.*
(voluntariedade) (involuntariedade)

2. Sequências opostas nas quais o membro caracterizado pela involuntariedade apresenta forma pronominal:

*Lucas rompió tu florero. / A Lucas **se le** rompió tu florero.*
(voluntariedade) (involuntariedade)

*Los náufragos agotaron pronto el agua. / A los náufragos **se les** agotó pronto el agua.*
(voluntariedade) (involuntariedade)

Ocorre com verbos como: *acabar, agotar, arreglar, arrugar, cerrar, confundir, derramar, desbaratar, desprender, disparar, doblar, enredar, ensuciar, estropear, hundir, levantar, manchar, mezclar, mover, olvidar, perder, quebrar, quemar, rasgar, terminar, volcar, **romper** ...* (grifo nosso, este verbo faz parte dos que aparecem em nosso *corpus*).

Estas são as estruturas objeto do nosso estudo, com o qual pretendemos verificar se os alunos falantes de português brasileiro têm ou não dificuldades para produzir essas construções que indicam involuntariedade, aceitando em princípio a tese de Lorenzo (1980) acerca de sua frequência na língua espanhola a ponto de se constituírem numa de suas *claves*.

3. Exemplos em que a oposição ‘voluntário/involuntário’ manifesta-se em diferentes verbos:

*María **ama** la música / A María **le gusta** la música.*

(voluntariedade)

(involuntariedade)

4. Construções nas quais a oposição ‘voluntariedade/involuntariedade’ vai acompanhada de significados diferentes, como duas entradas léxicas às quais correspondem diferentes estruturas:

*El hada **la** encantó. < alguien + encanta + a alguien >*

(voluntariedade)

encantar: 1,2 (S, CD) = (hizo encantamientos con ella)

*El hada **le** encantó. < algo/alguien + encanta + a alguien >*

(involuntariedade)

encantar: 1,2 (S, CI) = (le gustó mucho)

Ocorre com verbos do tipo: *agradar, alegrar, convencer, desagradar, disgustar, distraer, entretener, estorbar, fascinar, halagar, inquietar, intrigar, molestar, preocupar, sorprender ...*

I.2.2.3

Determinação da *naturaleza actancial del complemento indirecto*

Um dos problemas que podemos encontrar é responder à pergunta sobre se os *complementos indirectos* são argumentos solicitados pelo verbo, ou se, pelo contrário, são

acrescentados pelo enunciador. Para responder a esta pergunta pode ser utilizada a prova da substituição citada anteriormente:

Me bastaron unas muestras → Le bastaron unas muestras.

I.2.3.

Complementos indirectos no argumentales

Em esquemas triactanciales impropios ou biactanciales

Um número abundante de verbos pode apresentar *complementos indirectos*, geralmente *benefactivos*, apesar de não estarem prefixados em sua valencia lexemática, motivo pelo qual não são complementos argumentais. O clítico dativo acrescentado pelo enunciador é um recurso gramatical que introduz uma informação no enunciado (voltaremos a este ponto mais adiante):

Juan arregló la casa./ Juan les arregló la casa (a sus padres).

São verbos do tipo: *preparar, guisar, cocinar, comer, hacer, intar, dibujar, copiar, anotar, alegrar, festejar (las bromas), aliviar, adornar, coser, lavar, afeitarse, arreglar, reparar, poner, pegar, destruir, encontrar, gastar, agotar, abrir, romper ...* (grifo nosso, este verbo faz parte do nosso corpus).

Segundo Gutiérrez Ordóñez (1999: 1905), trata-se de uma função construída:

*“(...) la lengua permite al hablante adjuntar esta función a verbos que no poseen este hueco actancial en su estructura argumental. Son los complementos indirectos no actanciales. En tales casos es necesaria la presencia del clítico **le-les**, que se comporta como un recurso gramatical de capacitación funcional.”*

I.2.4.

Dativos

(oposição dativo/complemento indirecto)

Bello (1847, *apud* Gutiérrez Ordóñez, 1999), denominava os dativos de *superfluos* para diferenciá-los de sua função de *complemento indirecto*.

Fernández Ramírez (1951, *apud* Gutiérrez Ordóñez, 1999), fez uma diferenciação tomando as definições de Bello:

“(...) *dativos objetivos que aparecen implicados en la idea del verbo y dativos de interés que mantienen con el verbo una relación menos necesaria desde el punto de vista semántico*”.

Os *dativos de interés* são classificados por Fernández Ramírez (1987) em:

- a) *dativo simpatético ou posesivo*: *La greña sudada y angustiada se le pegaba a la frente.*
- b) *dativo de dirección*: *Durante todo el camino se **nos** acercó la gente de los pueblos.*
- c) *dativo commodi ou incommodi*: *Cortó una rama de avellano que le nublab a el sol.*
- d) *dativo ético*: *Había ido el gato y se me lo ha comido. Vosotros no me salgáis de aquí.*

Definição muito acertada dos *dativos de interés* (do nosso ponto de vista) é a de Sánchez Márquez (1972, *apud* Gutiérrez Ordóñez, 1999): “(...) *indica el interés en la acción, es decir, no es el destinatario sin más (CI), sino el afectado por la acción*”.

I.2.4.1.

Caracterização dos dativos

Optamos por algumas das características gerais de Gutiérrez Ordóñez (1999: 1909):

1. Constituem uma função pronominal, são sempre clíticos.

	<i>Clítico</i>	$\langle (a) + SN \rangle$	$\langle \textit{clítico} + (a) + SN \rangle$
<i>C. Indirecto</i>	+	+	+
<i>Dativos</i>	+	—	—

2. Não ocupam nenhuma função no sintagma verbal, não são argumentos (nem mesmo complementos circunstanciais).
3. São opcionais. Com isso, entretanto, não se deve entender que eles não aportam nada à mensagem, mas que, não assumindo nenhuma função sintática, a sua eliminação da seqüência não desfigura a representação do acontecimento.

A gramática tradicional classifica os dativos em *concordados* e *no concordados*. Embora os de nosso interesse sejam os *no concordados*, achamos importante incluir a seguir uma explicação das principais características de cada grupo para evidenciar seu contraste.

I.2.4.1.1.

Dativos *concordados*

1. Paradigma: *me, te, se, nos, os, se* (compartilhado com as construções reflexivas).
2. Concordam em número e pessoa com o sujeito (ou com os morfemas verbais).
3. São opcionais (frente aos pronominais obrigatórios).
4. Não podem representar um enunciado completo.
5. Diferenciam-se funcionalmente dos reflexivos, dos átonos pronominais e dos *inagentivos* (*se* morfema da voz *pasiva refleja* e morfema de impessoalidade).
6. Frente aos reflexivos não permitem acrescentar ‘*a__ mismo*’.
7. Introduzem um valor de ênfase ou realce que afeta toda a seqüência.

8. Por razões formais não podem aparecer em seqüências que incluem um membro do seu paradigma com outro valor (reflexivo, impessoal, passivo).
9. Podem co-aparecer com outro membro do paradigma dos dativos não concordados.

Exemplos mais freqüentes (em *esquemas biactanciales transitivos*):

Me bailé un tangazo

Nos leímos bien el contrato.

Pepe se comió diez manzanas.

Juan se tomó una copa de vino.

O *complemento directo* das estruturas transitivas com estes dativos precisa estar determinado e referir-se a uma entidade específica.

I.2.4.1.2.

Dativos *no concordados*

1. Paradigma: *me, te, le, nos, os, les* (compartilhado com os *complementos indirectos*).
2. Não concordam em número e pessoa com os morfemas verbais nem com o sujeito.
3. Podem ser opcionais.
4. Não podem ser transformados em enunciados autônomos.
5. Diferenciam-se funcionalmente de clíticos de *complemento indirecto*.
6. Predominam a primeira e a segunda pessoas gramaticais.
7. Dependem sintaticamente do verbo mas estão relacionados às pessoas do discurso.
8. Podem co-aparecer com *complementos indirectos*.
9. Podem co-aparecer com dativos concordados:

Pónganmele un colchón bien mullido. Que te le pongan un colchón bien mullido
 Segundo Gutiérrez Ordóñez (1999: 1916), os dativos *no concordados* de terceira pessoa aparecem muito raramente, embora não seja impossível:

El tutor les gastó toda la herencia.

I.2.5.

Relação com os atores do discurso

Os pronomes *yo* e *tú* e suas variantes formais referem-se sempre aos atores do discurso. Essa referência efetua-se mediante sua participação em uma das funções da oração (*Yo te llamo y tú no me respondes*). Entretanto, a natureza da presença do enunciador e do interlocutor instauradas pelos dativos é diferente.

Já vimos que eles não dependem do verbo, referem-se aos atores do discurso diretamente. A través dos dativos, os sujeitos da enunciação entram na estrutura oracional não para modificá-la, mas para indicar que um deles (quem fala, quem escuta ou ocasionalmente um referente de terceira pessoa) está afetado pelo acontecer descrito na fala. **Os dativos não concordados são *dativos de afectación*. Os dativos concordados ou *reflejos* são índices de participação, de expressão e ênfase** (Gutiérrez Ordóñez, *op.cit.*: 1917).

Existe um exemplo que parece confirmar essa incorporação direta dos atores do discurso através dos dativos: o pronome *usted* comporta-se gramaticalmente como uma terceira pessoa, mas atua como uma segunda pessoa (como um *tú* enunciativo):

Él se me fumó los cigarros. — Usted se me fumó los cigarros.

*Él se te fumó los cigarros.— *Usted se te fumó los cigarros.— Usted se fumó los cigarros.*

Os **dativos no concordados** podem co-aparecer como clíticos depois de qualquer tipo de *se*:

- a) reflexivo:

Todos deseamos que tu hijo se te desenganche de la droga.

Péinateme bien ese moño.

- b) com verbos pronominais (*arrepentirse, quejarse, avergonzarse ...*):

Cada día se nos arrepiente de algo nuevo.

- c) com um dativo *reflejo*:

Se le cayó el libro. / Se le murió el tío.

O autor ainda assinala que a seqüência de clíticos *se le* (*me, te, nos, os, les*) parece introduzir nos enunciados a ‘involuntariedade’, justamente o que nos interessa na

pesquisa: *Se me cayó el vaso. El jarrón se me rompió. Se le hundió el mundo. Se le extraviaron los papeles.* Porém, estas construções não podem ser separadas do processo de inagentivação. A língua diferencia sistematicamente três estágios em estruturas com verbos causativos:

- a) agentiva com agente = *Luis **me** rompió los lentes.*
- b) agentiva sem agente = *Se **me** rompieron los lentes.*
- c) inagentiva = ***Me** rompieron los lentes.*

A anulação do agente em (b) efetua-se por meio da partícula *se*. Mas o clítico dativo pode aparecer nos três grupos.

As restrições para a co-aparição de dativos e *complementos indirectos* são:

1. A língua não aceita dois clíticos idênticos (**se se, *le la, *le los*).
2. Também não é possível a coincidência referencial (**Usted se te fumó los cigarrillos*).

Estas referências teóricas foram utilizadas na análise dos dados, para a descrição e classificação das construções que aparecem na interlíngua dos estudantes.



CAPÍTULO II

Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, além da revisão bibliográfica pertinente ao campo da aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras, interlíngua e construções de dativos na língua espanhola, seguimos as seguintes etapas:

- 1) coleta dos dados de produção de estudantes de ELE, obtidos mediante a realização de uma atividade planejada estritamente para esse fim, e coleta de um corpus de falantes nativos aplicando a mesma atividade planejada para os estudantes;
- 2) análise dos dados coletados, de acordo com a linha metodológica da Análise de Erros – baseada nos fundamentos teóricos da lingüística chomskyana e nas teorias cognitivas da aprendizagem –, descrita por Fernández (1995) e fundamentada nos estudos de Corder (1981: 14-26, *apud* Fernández, 1995: 206-207):
 - a) identificação dos erros no seu contexto;
 - b) classificação e descrição;
 - c) explicação (mecanismos ou estratégias utilizados em sua produção);
 - d) valoração dos erros (vistos como passos necessários no caminho da apropriação da língua meta).

II.1.

Os corpora

II.1.1.

Dados da interlíngua

O *corpus* da interlíngua compõe-se de textos escritos de forma voluntária por alunos de vários níveis do Curso de Letras com Habilitação em Espanhol da FFLCH. O levantamento de dados foi realizado durante os dois semestres de 2001 com a presença e a orientação da pesquisadora.

Foi esclarecido para os informantes o objetivo geral da pesquisa (a análise da interlíngua de estudantes brasileiros de espanhol), mas não o objetivo específico (a verificação do uso de determinadas estruturas pronominais), uma vez que isso poderia levá-los a uma excessiva monitoração e conseqüente bloqueio da espontaneidade na produção. Entretanto, foi permitido o uso de dicionários, solicitado por eles, já que o léxico não é objeto de avaliação deste estudo; entretanto, será importante considerar este procedimento na observação dos dados.

Junto às seqüências de quadrinhos em que foi transformado o texto de Cortázar ⁷, do qual falaremos logo adiante, foi apresentado um pequeno questionário pessoal ⁸, sobre procedência, vivência em outros países, conhecimento de outras línguas e contatos com a língua espanhola, por considerarmos alguns desses fatores como eventuais causadores de interferências na produção, sendo assim importantes para o momento da análise dos dados.

Considerando a grande quantidade de estudantes dos dois períodos (diurno e noturno) optamos pela coleta escrita. Também consideramos que, para alcançar os nossos objetivos, os testes e condições do levantamento dos dados deveriam ser iguais para todos os informantes, incluindo os do grupo de referência, para permitir a comparação entre os dois grupos, entre informantes e entre diferentes níveis do curso.

Por último, os formulários do teste não poderiam conter nenhuma alusão ao tema pesquisado, nem em espanhol nem em português.

⁷ Cortázar, J. (1970): *Material Plástico*, em *Historias de Cronopios y Famas*. Bs. As.:Minotauro (Anexo 2)

⁸ Anexo 1.

Para isso foi pensada e preparada uma seqüência de seis quadrinhos elaborados pelo cartunista Laerte Coutinho, com base num pequeno relato de Julio Cortázar no qual predominam as construções de dativos. Os informantes foram instruídos a narrar uma pequena história sobre a seqüência, produzindo no mínimo uma sentença para cada quadrinho, e, em seguida, um relato do que cada um pensaria ou sentiria se fosse o personagem do conto.

Foram coletadas 358 redações pertencentes a 179 estudantes (duas de cada informante), discriminadas por semestre da seguinte forma:

graduação em letras	grupos	período	coletadas	analizadas
2º ano	Língua Espanhola I	diurno	18	10
		noturno	24	10
	Língua Espanhola II	diurno	00	00
		noturno	23	10
		sub-total	65	30
3º ano	Língua Espanhola III	diurno	18	10
		noturno	26	10
	Língua Espanhola IV	diurno	21	10
		noturno	21	10
		sub-total	65	40
5º ano⁹	Língua Espanhola VII	diurno	14	10
		noturno	14	10
	Língua Espanhola VIII	diurno	17	10
		noturno	04	04
		sub-total	49	34
		total	179	104

Quadro 1

II.1.2.

Dados do grupo referência

O grupo de referência está composto, em sua maioria, por funcionários públicos da *Corte Electoral de la República Oriental del Uruguay*, situada na cidade de Montevideu, e por algumas outras pessoas da mesma procedência, maiores de 18 anos,

que não tiveram contatos com a língua portuguesa. Colheram-se mais de trinta testes para que o número fosse comparável, em proporções estatísticas, ao de um grupo de alunos de Língua Espanhola. Eles responderam voluntariamente aos mesmos testes que os informantes brasileiros. Os formulários foram enviados junto com as instruções escritas e apresentados aos informantes por uma colega deles, devidamente instruída pela pesquisadora. Este material serviu também para testar, ainda que de forma restrita, a intuição de Lorenzo¹⁰ (1980) a respeito das preferências da língua espanhola pelas construções com dativos, ao menos para o caso de falantes dessa região incluída no que se costuma chamar de *la variedad rioplatense*.

II.2.

Sobre a análise dos dados

Dada a grande quantidade de material reunido, optamos por analisar a produção de dez informantes de cada grupo, retirados aleatoriamente do corpus, a partir do segundo semestre do primeiro ano do curso de Língua Espanhola. Seguindo nossa linha metodológica, identificamos e classificamos as construções relacionadas ao uso ou ausência de dativos nos dois *corpora*.

O corpus da interlíngua apresentou as seguintes classes:

Construções da interlíngua usuais na língua meta:

1. com dativos argumentais;
2. com dativos não argumentais;
3. sem dativos;

Construções peculiares da interlíngua:

1. com dativos argumentais;

⁹ A reforma curricular de 1998 instituiu o ciclo básico durante o primeiro ano da graduação, isso significa que os cursos de línguas estrangeiras começam no terceiro semestre estendendo a carreira de Letras para cinco anos, se ela for feita na seqüência.

¹⁰ Estudo sobre as particularidades da língua espanhola, especificamente sobre o que ele chama *la tangencialidad del acontecer* (*op.cit.*:13).

2. com dativos não argumentais;
3. sem dativos argumentais (mudança de preposições);
4. sem dativos;
5. ausência de dativos associada ao uso de possessivos;
6. uso desnecessário de dativos;
7. troca de paradigma.

O corpus do grupo referência apresentou três tipos de estruturas relacionadas ao uso ou ausência de dativos:

1. com dativos argumentais;
2. com dativos não argumentais;
3. sem dativos.

Esta classificação é o resultado de um processo que começou pela elaboração de um esquema que considerava a descrição dos usos de dativos de Gutiérrez Ordóñez (1999), mas que se mostrou insuficiente para analisar a interlíngua. Foi necessária uma adaptação que considerasse os conceitos de transitividade e intransitividade de Alarcos (1980:162):

“(...) La llamada transitividad es característica de la estructura del predicado: consiste en la presencia de un implemento o un suplemento, pero el núcleo verbal no es de por sí ni transitivo ni intransitivo, “haze a dos manos”, según la expresión de Correas.”

Alarcos (1980: 152) lembra ainda que

(...) el considerar un verbo transitivo o intransitivo es más una cuestión de norma que de sistema, lo vemos también en manifestaciones expresivas de escritores, como la conocida frase de “Clarín”: no nació, me nacieron en Zamora, donde nacer se utiliza como “transitivo”.

1- dativos em função de CI argumental

→ em esquemas transitivos com 3 argumentos

< *Sujeto* + V + *Objeto* + *Complemento* >

< *alguien* + *da* + *algo* + *a alguien* > *Les dieron huesos (a los perros)*¹¹

(*dar, poner, colocar, decir, etc.*)

→ em esquemas intransitivos com 2 argumentos < *Sujeto* + V + *Complemento* >

< *algo* + *le* + *pasa* + *a alguien/a algo* > *¿Qué les pasa (a mis manos)?*

(*pasarle, sucederle, dolerle, ocurrirle, pertenecerle, etc.*)

2- dativos não argumentais

→ em esquemas transitivos com 2 argumentos < *Sujeto* + V + *Objeto* >

< *alguien/algo* + *rompe* + *algo* > *Un señor le rompió los lentes (a Ana).*

(*romper / romperle; hacer / hacerle; arreglar / arreglarle; etc.*)

→ em esquemas intransitivos com 1 argumento < V + *Sujeto* >

< *romperse* + *algo* > *Se le rompieron los lentes (a un señor).*

(*caérsele, rompersele, quebrársele, escapársele, etc.*)

Contudo, a classificação final ficou muito mais clara quando utilizamos a análise dos papéis temáticos (Moto *et alii*, 1999:83-110 e Raposo, 1992:65). Na aplicação dessas noções, as ocorrências foram agrupadas segundo as estratégias linguísticas utilizadas pelos aprendizes para preencher ou não o lugar argumental quando esse era o caso, e segundo as estratégias usadas para suprir a função do dativo não argumental, quando se tratava de acrescentar um elemento [+ humano] muito relevante no discurso, afetado pela ação.

¹¹ Concordamos com as propostas de Alarcos (1980:154) e Groppi (1997:116): se retiramos o SP, o clítico permanece, ele ocupa o lugar argumental.

O conhecimento do léxico permite a construção dessa predicação. É importante lembrar que o léxico de uma comunidade, neste caso o léxico dos montevidéanos, não é igual ao de outra comunidade (o léxico dos estudantes brasileiros paulistas), por isso um mesmo verbo é diferente em suas exigências. Os dados mostram uma tendência dos estudantes por construções sem dativos, nas quais o elemento [+ humano] aparece na função sujeito ou não aparece e poucas vezes surge como afetado pela ação. Isto se pode observar nos seguintes exemplos, nos quais a personagem da história nem sequer é mencionada:

Él estuche de gafas Ø Ø¹² cae al suelo. (D 3.3.5)

Agarra las gafas y queda sorprendido por no Ø Ø haberen rompido. (D 4.3.2)

Ø Ø Cayeron de nuevo. ¡Increíble! (N4.9.12)

A lo mejor Ø Ø caen porque no tiene una cajita para guardarlas. (D7.2.10)

Essa tendência, mais forte durante os primeiros semestres do curso de ELE (Gráfico 01), está relacionada, do nosso ponto de vista, às estruturas da língua materna dos aprendizes. Os verbos existem nas duas línguas, mas as estruturas semânticas e sintagmáticas são diferentes.

A classificação reuniu uma abundante variedade de construções em classes de estruturas que revelaram os recursos lingüísticos utilizados pelos estudantes em diferentes construções e permitiram uma aproximação à lógica da interlíngua; do nosso ponto de vista, uma forte evidência de que os “erros” são tentativas dos aprendizes, guiadas pelo seu conhecimento lingüístico prévio, num caminho não linear de inserção na língua meta (González, 1994 e 2000).

Os diferentes tipos de construções foram agrupados segundo sua aproximação à língua alvo (representada nas produções do Grupo Referência), em três grupos: construções da IL usuais na língua meta, construções da IL pouco usuais na língua meta e, construções peculiares da interlíngua.

Trabalhar com um grupo controle foi uma decisão prévia que teve como primeiro objetivo determinar concretamente as preferências do espanhol por determinadas

estruturas lingüísticas numa situação concreta, a mesma que apresentamos para os estudantes, com a finalidade de comparar as estruturas produzidas por ambos os grupos. Entretanto, o uso do corpus de falantes nativos como referência durante a classificação das construções da interlíngua (doravante IL), nos permitiu também a isenção de qualquer outro critério parcial ou subjetivo que pudesse interferir na determinação do que é próprio da língua espanhola, pois não trabalhamos com uma língua fictícia nem com a norma gramatical, nem mesmo com a norma culta de uma determinada comunidade, mas com a atividade lingüística em situação informal, registros da oralidade de diferentes níveis sócio-culturais de falantes de uma comunidade lingüística concreta.

II.3. Tratamento dos dados: estratégias de análise

A produção de estruturas com dativos por estudantes brasileiros de espanhol é o nosso objeto de investigação, os tipos de construções produzidas são suas variáveis qualitativas e, as ocorrências dos diferentes tipos de construções de dativos constituem a medida das variáveis.

No estudo de natureza qualitativa faz-se necessária a alocação das variáveis em categorias nominais independentes (Gráfico 1) e em categorias ordinais que mantêm uma relação de ordem, como os níveis de aquisição da segunda língua (Gráfico 10). O tratamento dos dados permitiu a produção da informação¹³ necessária para embasar uma discussão capaz de responder adequadamente aos objetivos do estudo.

Por fim, para padronizar a análise adotamos a nomenclatura utilizada por Alarcos (1980) nos *Estudios da Gramática Funcional del Español*, na qual emprega:

implemento para o *objeto directo*, elemento adjacente e posterior ao verbo que quando elidido deixa em seu lugar uma *implementación* junto ao núcleo, um referente pronominal que indica sua função e faz referência ao número e gênero do sintagma omitido (a

¹² Marcamos não só o lugar do dativo não argumental que aparece preenchido no Grupo Referência, mas também, o lugar do *se*.

preposição *a* que às vezes, por motivos semânticos, precede o sintagma nominal, não indica que ele seja um *implemento*, mas apenas que não é sujeito).

complemento para o objeto indirecto, quando elidido deixa em seu lugar um referente pronominal (*le/les*) diferente do *implemento* que indica apenas o número do sintagma omitido, não o gênero. Pode aparecer junto com o *implemento*, (a preposição *a* que às vezes, por motivos semânticos, precede o sintagma nominal, não indica que ele seja um *complemento*, mas apenas que não é sujeito).

suplemento para o objeto preposicional argumental, utiliza as preposições como indícios funcionais.

aditamento para o objeto preposicional não argumental, é um elemento marginal que não modifica a estrutura do predicado e possui grande mobilidade na estrutura da seqüência.



¹³ Entre outras, as linhas de tendência (poligonais calculadas através de pontos) são estimativas do relacionamento entre as variáveis e podem ser usadas para realizar previsões.

CAPÍTULO III

Análise dos dados

III.1. Construções da IL usuais na língua meta

Estas construções, embora aparentemente corretas, inserem-se em discursos matizados por estruturas e léxico que não pertencem à língua espanhola ¹⁴, e que podem pertencer ao sistema da língua materna dos aprendizes ou a nenhum dos sistemas. São fenômenos lingüísticos que caracterizam os discursos como interlínguas ¹⁵.

É importante assinalar que os informantes de todos os casos estudados declararam nos questionários pessoais que sua primeira língua é o português do Brasil e que tinham poucos conhecimentos de outras línguas.

III.1.1. com dativos argumentais

*Se **me** ocurrió **una idea**.* (D7.8.10)

[concord.]

[concordância]

< **algo** + *se* + **le** + *ocorre* + **a alguien** (+humano) >

ocurrir: 1, 2 (argumentos: **sujeto**, **complemento**)

Esquema intransitivo com dois argumentos, o sujeito e o *complemento indirecto*. A concordância de *se* com o sujeito e com o verbo indica que existe uma relação entre os referentes própria do paradigma reflexivo: *me, te, se, nos, os, se*. *Se* não recebe papel temático nem desempenha uma função sintática, é um morfema que modifica o valor léxico do verbo.

¹⁴ Ver Construções Peculiares da IL.

¹⁵ Ver item I.1.1. A interlíngua e I.1.2. Erros e estratégias de aprendizagem.

... pero **el futuro** no **nos** pertenece. (N 2 7.6) < **algo** + pertenece + **a alguien** >
 pertenecer: 1, 2 (argumentos: **sujeito**, **complemento**)

Esquema intransitivo com dois argumentos: sujeito e dativo em lugar de *complemento indirecto*.

III.1.2. com dativos não argumentais

Casi seguro de que se **le rompieron**, los agarra en el suelo. (D8.6.2)

< alguien + rompe + algo >	romper: 1,2 (argumentos: sujeito , implemento)
↓	↓
< se rompe + algo >	se fecha um lugar argumental

Esquema intransitivado pelo morfema *se*.

O sujeito é conhecido (*los lentes*), está indicado na flexão verbal *rompieron*: 3^a pessoa plural.

le: dativo em lugar não argumental.

Voy a comprar **les una caja** en la óptica. (N7.4.8) < **alguien** + compra + **algo** >
 comprar: 1,2 (argumentos: **sujeito**, **implemento**)

Esquema transitivo com dois argumentos.

O sujeito está indicado no morfema verbal *voy*: 1^a pessoa singular.

les : dativo em lugar não argumental.

III.1.3. sem dativos

Voy a comprar una cajita para guardarlos y así evitar que se rompan. (D8.3.10)

romper: 1,2 (argumentos): *sujeto, implemento* < *alguien* + *rompe* + *algo* >
 ↓ ↓
se fecha um lugar argumental < *se rompe* + *algo* >
 Quando *se* fecha um lugar argumental intransitiva o verbo.

¡*Pero Dios! La caja se cayó.* (N4.5.5)

caerse: 1 argumento (*sujeto*) < *algo* + *se cae* >

Se não recebe papel temático nem desempenha função sintática, tem valor reflexivo inerente ao léxico da palavra, muda seu significado e em consequência o esquema argumental: esquema intransitivo com um argumento que é um sujeito paciente, não há agente.

III.2. Construções peculiares da interlíngua

III.2.1. com dativos argumentais

Acidentalmente se cayó del bolsillo del personaje, de ese hombre, sus anteojos y no le agradó. (D7.10.1)

< *algo/alguien* + *agrada* + *a alguien* >

agradar: 1,2 (argumentos: *sujeto, complemento*)

Esquema intransitivo com dois argumentos.

*El hombre coge la caja del suelo y piensa que ahora **nada le** ocurrió **a sus gafas** porque están en la caja. (D3.10.6)*

< **algo** + ocurre + **a alguien/algo** > ocurrir: 1 (argumentos: **sujeto** + **complemento**)

Esquema intransitivo com um argumento.

le dativo não argumental duplicado pelo SN **a sus gafas**.

III.2.2. com dativos não argumentais

*Ahora ni que se **me** caiga **un rayo** hombre pasará nada. (D8.6.11)*

caer: 1 (argumento: **sujeto**) < **algo** + cae >

Esquema intransitivo com um argumento.

se: uso inadequado, a reflexividade não é possível neste caso.

me: dativo em lugar não argumental.

*Ahora puersupuesto, se **me** rompieron **mis gafas** (D4.5.8)*

romper: 1,2 (argumentos): sujeto, implemento	< alguien + rompe + algo >
↓	↓
se fecha um lugar argumental	< se rompe + algo >

Esquema intransitivado, **se** fecha um lugar argumental.

III.2.3. sem dativos argumentais (mudança de preposição)

Dentro do nosso *corpus* a mudança de preposição acontece com os verbos *pasarle* e *ocurrirle* utilizados com valor de < *sucederle* + *algo* + *a alguien* >

São esquemas intransitivos com 2 argumentos: *Sujeto, Complemento*

¿Qué pasa con mis manos hoy? (D8.5.12)

¿**Qué les** pasa? (a mis manos) < **algo** + **le** + pasa > (a alguien/algo)

¡Que suerte! Nada ocurrió con los anteojos apesar de la caída ... (N2.4.9)

Nada les ocurrió (a los anteojos) < **algo** + **le** + ocurre > (a alguien/algo)

Ahora estoy seguro realmente de que nada se pasó con los anteojos. (N2.4.13)

nada les pasó (a los anteojos) < **algo** + **le** + pasa > (a alguien/algo)

Nesta última ocorrência há também uma troca de paradigmas: em vez do dativo *les* aparece um pronome reflexivo *se* formando o verbo *pasarse* que, embora exista em espanhol, possui outro valor léxico.

III.2.4. sem dativos

... y se \emptyset cayen en el llano. (N7.2.1) < **algo** + se cae >

De esa vez, la cajita $\emptyset \emptyset$ cayó en el llano. (D4.10.5) < **algo** + se cae >

caerse: 1 argumento (**sujeito**)

Esquema intransitivo com um argumento que é um sujeito paciente, não há agente.

Se tem valor reflexivo inerente ao léxico da palavra (não recebe papel temático nem desempenha função sintática), muda o significado e em consequência, o esquema argumental.

Agarra las gafas y queda sorprendido por no haberen rotpido. (D 4.3.2)

(y se sorprende porque no se **le** han roto)

< **alguien** + rompe + **algo** > romper: 1,2 (argumentos: **sujeito**, **implemento**)

↓
< **se** rompe + **algo** >

Para intransitivar o esquema é necessário o morfema *se* que fecha um lugar argumental.

O sujeito é conhecido (*las gafas*), está indicado na flexão verbal *han roto*: 3ª pessoa plural.

III.2.5. ausência de dativos associada ao uso de possessivos

O dativo possessivo inclui elementos que indicam posse ou pertença (partes, atos ou produtos de alguém/de algo) e pode ser substituído pelo possessivo correspondente ou pela construção < *de* + *SN* > (Busse e Vilela, 1986):

Bueno, ahora estoy segurísimo, mis anteojos nunca se romperán. (D8.10.11)
(... nunca se **me** romperán los anteojos.)

La cajita se cae nuevamente de su bolsillo. (D7.2.5)
(... se **le** cae ... del bolsillo)

Pero seguramente mis gafas no se rompieron, estoy tranquilo de esta vez. (D3.5.13)
(... no se **me** rompieron, ...)

Ahora puedo quedarme tranquilo, porque no hay posibilidad de mis gafas cayeren y se rompieren. (D7.1.4)
(... no hay posibilidad de que las gafas se **me** caigan y se **me** rompan)

Las lentes de un señor se caen de su bolsillo. (D7.2.1)
(**a un señor** se **le** caen los lentes del bolsillo)

Acidentalmente se cayó del bolsillo del personaje, de ese hombre, sus anteojos y no le agradó. (D7.10.1)
(...**al personaje** se **le** cayeron del bolsillo los anteojos y no le agradó)

De nuevo se escapan de mis manos mis anteojos. (N7.2.12)
(de nuevo se **me** escapan de las manos los anteojos)

Las gafas del tipo fueron al chán. (D 3.7.1)
(**al tipo** se **le** cayeron las gafas al suelo)

No *corpus* dos estudantes aparece um número muito significativo desta classe de construções, não registrada no Grupo Referência. A opção linguística dos nativos neste caso é sempre pelo dativo não argumental.

III.2.6. uso desnecessário de dativos

Mejor comprarme un estuche para guardarme las gafas. (N7.8.10)
(mejor me compro un estuche para guardar los lentes)

< **alguien** + compra + **algo** > comprar: 1,2 (argumentos: **sujeto**, **objeto**)

O verbo precisa uma flexão que indique quem é o sujeito (*compro*) e o dativo não argumental antecede o verbo (*me compro un estuche*).

< **alguien** + guarda + **algo** > guardar: 1,2 (argumentos: **sujeto**, **objeto**)

O reflexivo *me* não recebe papel temático nem desempenha uma função sintática, modifica o valor léxico do verbo: *guardarse algo* tem o valor de *apropiarse de algo*.

Se le compra la cajita y pone los anteojos dentro de ella. (N7.2.4)

< **alguien** + compra + **algo** > comprar: 1,2 (argumentos: **sujeto**, **objeto**)

↓
 (**él**) se compra **la cajita**
 [] []
 concordância

O sujeito está indicado no morfema verbal *compra*: 3^a pessoa singular.

A concordância de *se* com o sujeito e com o verbo indica que existe uma relação entre os referentes própria do paradigma reflexivo: *me, te, se, nos, os, se*.

¡Qué mala suerte! ¡Cayeron mis anteojos! ¡Qué bueno! Nada se les ocurrió. (N4.6.9)

< ocurrir + **algo** > ocurrir: 1,2 (argumento: **sujeto, complemento**)
 ↓
nada les ocurrió

les dativo não argumental.

Uso desnecessário de *se*: verbo *ocurrir* usado com valor léxico de suceder.

É possível que o estudante use *se les* indiscriminadamente porque não conhece ou não distingue as diferenças entre os valores léxicos de *ocurrir*, *ocurrirle* e *ocurrírsele*. Este fenômeno é próprio das generalizações indevidas que ocorrem por desconhecimento do léxico; se não houver fossilização podem ser consideradas como tentativas de apreender o significado e o uso de algo novo, que não existe na gramática da L1 dos aprendizes ou pelo menos não é usual na sua variedade.

III.2.7. troca de paradigma

Pero, sería bueno que las comprase una protección ... (N7.1.10)

< **alguien** + compra + **algo** > comprar: 1,2 (argumentos: **sujeto, objeto**)
 ↓
alguien + **le** + compra + **algo** (**a alguien/a algo**)
les + comprase + **una protección** (**a los lentes**)

les: dativo não argumental, complemento não solicitado pela estrutura semântica do verbo, pertence ao paradigma de *complemento indirecto*: *me, te, le, nos, os, les* .

El hombre **les** mira **a los anteojos** y piensa, bueno, ¿cómo los voy a arreglar? (N7.9.2)

< **alguien** + mira + **algo** > mirar: 1,2 (argumentos: **sujeto, implemento**)
 ↓
el hombre mira **los anteojos**
 ↓
el hombre **los** mira

Paradigma de *complemento directo*: *me, te, la/lo, nos, os, las/los*. O dativo *les* no lugar do implemento poderia indicar um *leísmo* ou contatos do aprendiz com pessoas *leístas*, mas aparece um sintagma preposicionado duplicador que na língua espanhola é usado apenas nos casos de implemento [+ humano], razão pela qual nos inclinamos à interpretação de troca de paradigma.

El hombre coge el estuche, le abre y se da cuenta de que las gafas se quebraron. (N4.2.6)

< *alguien* + *abre* + *algo* > *abrir*: 1,2 (argumentos: *sujeto, objeto*)

↓
*lo abre ...*¹⁶

Paradigma de *implemento*: *me, te, la/lo, nos, os, las/los* (o dativo *le* no lugar do implemento pode indicar contatos com pessoas *leístas*).

Pero, la distracción le persiguió y cuando fue poner la caja dentro de su bolsillo, nuevamente, dejó caer sus anteojos. (D4.7.5)

< *algo/alguien* + *persigue* + *a alguien* >

↓
la distracción lo persiguió

perseguir: 1,2 (argumentos: *sujeto, implemento*)

Esquema transitivo com dois argumentos (o dativo *le* no lugar do implemento pode indicar um *leísmo* ou contatos com pessoas *leístas*).

El chico, tranquilo, vá a recoger la cajita del llano seguro que nada se ocurrió con sus anteojos. (N7.2.6)

< *ocurrir* + *algo* > *ocurrir*: 1 (argumento: *sujeto*)

↓
nada ocurrió con sus anteojos

¹⁶ Este tipo de *leísmo* não seria totalmente impossível em algumas variedades do espanhol peninsular como o de Madrid.

Nesta construção não é possível o morfema *se*. A estrutura semântica do verbo *ocurrir* é semelhante à do verbo *suced*.

Por que, então, a presença desse clítico? González (1994), aponta para um uso indiscriminado do *se*, que demonstra uma não percepção das mudanças (de vários tipos) que implica o seu emprego com determinados verbos.

III.3. Outras construções da interlíngua

III.3.1. construções com verbos de ligação (*esquemas atributivos*)

Nestas construções o predicado atribui ao sujeito uma característica ou atributo por meio de um núcleo morfológico de valor muito amplo, que pode considerar-se vazio, apenas como um portador de morfemas (Alarcos, 1980:160):

Ah, que bueno, no están quebrados. (D8.2.9) → *no se **me** quebraron*

Cuando la abre, se sorprende: las gafas están rotas. (D3.8.7) → *se **le** rompieron*

... y se sorprendió pues estaban intactos. (N2.1.2) → *no se **le** rompieron*

As estruturas *atributivas*, segundo Alarcos (1980:159), têm a particularidade de apresentar

“(...) un núcleo verbal de conmutación bastante limitada (ser, estar, quedar...) y un término adjacente que llamamos atributo, pero que desde el punto de vista léxico es el centro del predicado. Pensamos que tal construcción es en realidad una forma especial de derivación para que funcionen como predicados ciertos sintagmas que no pueden transformarse en verbos por los procedimientos habituales de derivación, si bien a veces las dos posibilidades existen: el café está amargo = el café amarga, el gato era molesto = el gato molestaba”.

III.3.2. construções híbridas

Outro tipo de construções (não produzidas pelo grupo referência nessa situação) tentam, de alguma forma, expressar a involuntariedade do elemento [+humano] na ação:

Orlando se distrae y deja caer al suelo sus gafas. (N7.3.1)

São classificadas por Alarcos (1980:160) como híbridas, aparecem na proporção de 7,2 nos dados dos estudantes, para 0 no grupo referência.

Remetendo-nos às reflexões sobre a natureza qualitativa do nosso objeto de estudo (item II.3.) verificamos que, tanto os *esquemas atributivos* como as construções híbridas não são variáveis (presença ou ausência) do mesmo fenômeno lingüístico: dativos em lugar de *complemento indirecto*.

Essas construções representam a ausência da partícula *se* intransitivadora, que ocupa o lugar argumental do *objeto* em um esquema originalmente transitivo, deslocando o argumento *objeto* para o lugar do sujeito e permitindo, dessa forma, introduzir um dativo não argumental em lugar de *complemento indirecto*.

As construções híbridas não foram usadas por nenhum dos 40 informantes nativos nessa situação. Este dado apresenta-se como prova da invalidez dessas estruturas para expressar, ao menos nessa variedade da língua espanhola, a participação involuntária do elemento [+humano] na ação. As estruturas híbridas usam-se na língua espanhola para expressar outros conteúdos semânticos.

Para os nossos objetivos, a sua presença em situações em que a língua espanhola não as usa explicita o papel desempenhado pela língua materna nos diferentes estágios da interlíngua: sua ocorrência diminui na medida em que os estudantes se aproximam da língua meta (Gráfico 12).

Apresentamos a seguir, uma breve amostra que, embora não faça parte do nosso objeto de estudo no momento, o fará numa investigação posterior.

No corpus encontramos:

- a) *Imagina que se rompieron las gafas y, sin embargo, las ve intactas. (D8.4.2)*
(ve las gafas + las gafas están intactas)

Uma estrutura predicativa e uma atributiva reunidas numa oração pela redução dos elementos comuns (Alarcos, 1980:160); *las* é a referência pronominal do *objeto*: *las gafas*.

A construção que permite introduzir o elemento [+humano] em lugar de afetado involuntariamente precisa primeiro fechar o lugar argumental do *objeto* com a partícula *se*:

... ve que las gafas no se le rompieron
 sujeto ↓
 fecha o lugar do *objeto*

- b) *Orlando se distrae y deja caer al suelo sus gafas.* (N7.3.1)
 (*Orlando ... deja sus gafas + sus gafas caen al suelo*)

Pero deja caer la caja que contenía sus gafas. (N3.8.5)
 (*deja la caja que contenía sus gafas + la caja que contenía sus gafas cae*)

São construções com um verbo em infinitivo no lugar do atributo. A construção oposta que poder introduzir o elemento [+humano] como afetado involuntariamente pela ação precisa da partícula *se*:

fecha o lugar argumental do *objeto*
 ↑
 < a alguien + se + le + cae + algo > ↔ < alguien + *deja caer* + algo >
 dativo sujeto sujeto objeto



CAPÍTULO IV

Discussão dos resultados

Após a identificação e quantificação das construções compararam-se as proporções de cada tipo de estrutura construída, considerando como total (100%) todos os sintagmas que solicitam ou permitem o uso de dativos em cada grupo (Gráficos 10 e 11):

construções que exigem ou permitem o uso de dativos	GR (%)
com dativos argumentais	17,0
com dativos não argumentais	77,0
sem dativos	6,0
total	100,0 %

Quadro N° 02

construções que exigem ou permitem o uso de dativos	estudantes (por semestre, em %)					
	2° sem.	3° sem.	4° sem.	7° sem.	8° sem.	médias
com dativos argumentais	1,9	3,2	5,5	2,8	5,8	3,84
com dativos não argumentais	7,4	17,2	7,2	24,3	50,7	21,36
sem dativos	37,0	39,0	40,0	28,6	33,4	35,60
troca de preposição	5,5	3,1	0,0	0,0	2,8	2,28
com possessivos	27,8	29,7	40,0	32,9	4,3	26,94
uso desnecessário	3,7	1,6	1,8	5,7	1,5	2,86
troca de paradigma	16,7	6,3	5,5	5,7	1,5	7,14
total	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %	100 %

Quadro N° 03

Corpus de falantes nativos

Os resultados mostram que no grupo referência existe uma significativa predominância de 77% de estruturas com dativos não argumentais, seguida de 17% de esquemas com dativos argumentais, enquanto as estruturas sem dativos representam 6% do total, clara evidência da preferência desses falantes por estruturas com dativos.

Corpus dos estudantes

No corpus dos estudantes predominam claramente as construções sem dativos (aproximadamente 38%) ou com pronomes possessivos (de 27 a 40%) até o quarto semestre inclusive (Gráficos 2, 3, 4, 5 e 6) das quais falaremos mais adiante.

No sétimo semestre observa-se uma mudança importante nas proporções: diminuem as construções sem dativos e aumentam as estruturas que apresentam pronomes possessivos em lugar de dativos.

No oitavo semestre aumenta a produção de construções com dativos não argumentais, que alcançam 24,3%, embora os totais ainda estejam muito distantes da quantidade de ocorrências registradas no grupo referência (77%).

Paralelamente ao aumento de uso de dativos não argumentais no sétimo semestre, existe uma oscilação na produção de estruturas de dativos argumentais, ainda não reconhecidos como necessários em todos os casos.

Observamos também uma diferença notória entre os grupos do período diurno e do noturno, que não será analisada neste trabalho porque responde a diferentes condições de aquisição/aprendizagem, mas que merece ser destacada. O grupo noturno apresentou um leve aumento na produção de dativos não argumentais e de construções sem dativos com o uso do *se*, mas a tendência assemelha-se à dos primeiros quatro semestres do curso, com intensa produção de construções peculiares da interlíngua, enquanto o grupo do período diurno mostrou proporções mais próximas às da língua meta, numa curva que indica tendência e/ou movimento para as estruturas de dativos (Gráficos 7, 8 e 9).

O uso do incremento reflexivo de 3^a pessoa, *se*, pode ser considerado como um indício de que os estudantes estão caminhando em direção à sintaxe da língua espanhola. Com ele é possível fechar o lugar argumental do *implemento*, intransitivando o esquema, de modo que o sintagma nominal que ocupava o lugar do *implemento* passa para o lugar do sujeito:

<alguien + rompe + algo > → <algo + se rompe >

Se é uma repercussão da pessoa sujeito, não modifica o lexema verbal. O valor reflexivo surge de sua oposição com outros pronomes, por esta razão, só pode ser combinado com eles na terceira pessoa (Alarcos, 1980:217-221). Dessa forma, admite dativos não argumentais.

O efeito semântico do exemplo anterior faz pensar ou imaginar que esse *algo se rompe* sozinho porque não há um sujeito agente que *rompe*, mas justamente por isso torna-se importante colocar ou omitir no discurso a pessoa que provocou ou sofreu essa ação. Isso é possível na língua espanhola pelo emprego dos dativos que introduzem a pessoa afetada ou involuntariamente responsável pela ação sem que ela ocupe um lugar argumental. Também é possível ocultá-la, já que o lugar ocupado pelo dativo (que representa essa pessoa) não é solicitado pelo núcleo morfológico do sintagma verbal, não é argumental.

A opcionalidade dos **dativos não argumentais**, como em *se me cayeron los lentes* y *no se me rompieron*, é relativa: o enunciador pode optar por colocar o dativo ou não, porque este não ocupa um lugar argumental, mas isto não significa que não seja necessário discursivamente, porque o dativo introduz uma personagem muito relevante no discurso que, entretanto, não ocupa um lugar argumental. A opção vai responder a uma intenção discursiva do falante em relação a essa pessoa que o dativo representa.

Este recurso lingüístico permite que essa pessoa — no caso da história de Cortázar é a única personagem, sem o qual não haveria história — seja colocada como afetada involuntariamente pela ação, ou ainda, deliberadamente omitida.

Um exemplo que ilustra muito bem essas diferenças semânticas e conseqüentemente sintáticas, cedido por González em 2001, registra a resposta de um informante ao pedido de tradução para o espanhol da seguinte frase:

(a) O maestro derrubou a partitura durante o concerto e não conseguiu continuar regendo.

A resposta foi:

(a') El maestro tiró la partitura durante el concierto y no pudo continuar rigiendo.

quando na verdade equivale a:

(a'') *Al maestro se le cayó la partitura durante el concierto y no pudo continuar rigiendo.*

porque o maestro não derrubou a partitura propositadamente.

Em (a') o maestro ocupa o lugar de sujeito agente, em (a'') está representado pelo dativo *le* em lugar de *complemento indirecto* não argumental.

Os aprendizes brasileiros de ELE praticamente não usam dativos em sua L1, ao menos no registro informal, utilizam outras estruturas sintáticas para expressar o conteúdo semântico por eles representado. Segundo González (1994:349) o português brasileiro vem sofrendo perda de clíticos a partir do século XIX e “não apenas um progressivo desaparecimento do clítico de terceira pessoa *lhe*, como também uma categórica preferência pela regra nominal de superficialização do caso dativo representada por *a (para) ele*.” (Martins, 1989, *apud* González, 1994). Por outro lado, a autora conclui que é possível “ratificar a tese de que os tópicos estão cada vez mais assumindo o papel do sujeito e consolidando a estrutura SV(O) na língua” (González (1994:423).

Verificamos que essas tendências do português brasileiro associadas a uma falsa permeabilidade da língua espanhola (como forma de interpretá-la no Brasil, descrita por Celada, 2000), tem um peso significativo na interlíngua dos aprendizes de ELE:

Mui bien, ahora nada ni nadie podrá rumpir mis anteojos que quedaran muy protegidos (D4.6.11)

A questão é se as dificuldades com estruturas de dativos respondem a limitações lingüísticas derivadas do nível sócio-cultural (fatores extralingüísticos) ou a limitações da lógica lingüística de sua L1 (fatores intralingüísticos). Questões que ultrapassam os objetivos deste trabalho.

Como já vimos, os informantes de todos os casos estudados declararam nos questionários pessoais que sua primeira língua é o português do Brasil e têm poucos conhecimentos de outras línguas. Estas informações foram importantes para descartar influências de outras línguas, na medida em que as produções são discursos matizados por estruturas e léxico que não pertencem à língua espanhola, mas podem vir do sistema de sua L1 ou de algum outro sistema.

As construções peculiares da interlíngua, inexistentes no grupo referência, apresentam-se de forma oscilante através do curso, mas em curvas de tendência semelhantes e bem definidas durante os quatro primeiros semestres (Gráficos 2, 3, 4, 5 e 6). Predominam, em ordem decrescente, as construções sem dativos, a ausência de dativos associada ao uso de pronomes possessivos, a troca de paradigmas, o uso desnecessário de dativos e a troca da preposição *a* do sintagma nominal.

As **construções sem dativos** são maioria absoluta até o quarto semestre (40%), quando se equiparam às que substituem o dativo pelo pronome possessivo (40%). A partir do sétimo semestre observa-se uma evolução representada pelo aumento da presença de dativos não argumentais (24%), com a conseqüente diminuição das anteriores (Gráficos 2, 3, 4, 5, 6 e/ou 10). Esta mudança deve-se ao uso mais freqüente do incremento reflexivo de 3ª pessoa *se*, que desempenha um papel importante ao fechar o lugar argumental do implemento, permitindo, dessa forma, que ele seja sujeito. Esta mudança sintática facilita a presença do dativo não argumental, que os alunos começam a usar mais a partir do oitavo semestre.

Na categoria da **ausência de dativos associada ao uso de possessivos** registramos nos 2º, 3º, 4º, 7º, e 8º semestres ocorrências de 27,8%, 29,7%, 40%, 32,9% e 4,3%, respectivamente, enquanto que no grupo referência não houve nenhum registro desta categoria. As porcentagens demonstram uma inclinação muito acentuada para a substituição do dativo possessivo (não argumental) pelo pronome possessivo ou pela construção *< de + SN >*. O aumento gradual das produções até o quarto semestre com uma drástica diminuição posterior, indica um aparente estancamento em relação à aquisição de estruturas com dativos, superada numa grande medida durante o último ano do curso. A curva de tendência sugere a existência de um trabalho específico do tema nos últimos semestres, capaz de provocar tal mudança, que de fato ocorre no programa de ELE.

A substituição é possível e aceita como válida em qualquer variedade diatópica da língua espanhola, mas nessa situação particular não foi produzida por nenhum dos falantes nativos. Isso indica não só uma preferência da língua por dativos possessivos, mas principalmente que, nessa situação, a troca não é usual nem recomendável, pois os dativos condensam outras funções lingüísticas e discursivas (são elementos dêiticos e anafóricos) que o pronome possessivo não tem nem expressa:

*La cajita se cae nuevamente de su bolsillo. (D7.2.5)
(se **le** cae la cajita del bolsillo)*

Quando o estudante chegou nesta frase já estava falando de um senhor que é o protagonista da história; o dativo *le* retomaria esse personagem como afetado involuntariamente neste novo acidente com a caixinha que não necessariamente lhe pertence. Parece haver no dativo possessivo uma implicação espacial do lugar físico ocupado pela pessoa. Isto pode ser observado no seguinte exemplo:

*Las lentes de un señor se caen de su bolsillo. (D7.2.1)
(a un señor se **le** caen los lentes del bolsillo)*

Não é necessário explicitar que os óculos e o bolso pertencem ao senhor que sofreu o acidente. O dativo expressa tudo isso.

Subjacente a estas observações, ainda persiste a questão também colocada para as estruturas atributivas e híbridas no capítulo anterior: a prevalência da ordem <S+V> na interlíngua, oposta à da língua espanhola nessas estruturas <V+S>, responde ao papel desempenhado pela L1 na interlíngua? Pensamos que sim e deixamos esta questão em aberto para um estudo futuro.

Na troca de paradigmas confundem-se os pronomes átonos de *complemento indirecto* (*me, te, le, nos, os, les*) com os de *complemento directo* (*me, te, lo/la, nos, os, los/las*) ou vice-versa :

Pero sería bueno que las comprase una protección. (N7.1.10) [... que les comprase una ...]

Pero nada las pasará. (D4.1.5) [Pero nada les pasará.]

Qué bueno, no se lo rompió. (N2.10.9) [... no se le rompió.]

*El hombre coge el estuche, le abre y ...((N4.2.6) [... lo abre y ...]*¹⁷

Também ocorrem mudanças de construções com dativos por reflexivas:

Ahora estoy seguro realmente de que nada se pasó con los anteojos. (N2.4.13)

[nada les pasó a los anteojos]

¹⁷ Existem fenômenos de troca como o *leísmo*, *laísmo* e *loísmo*, em algumas variedades do espanhol, mas as ocorrências na interlíngua não encontram equivalentes perfeitos na produção nativa.

Nesta última ocorrência *se* faz parte do verbo *pasarse*, que em espanhol possui outro valor léxico, diferente do português.

O uso desnecessário de dativos responde provavelmente à aplicação da estratégia da generalização livre (*free generalisation strategy*):

“A instrução formal dirige a atenção dos estudantes para tudo aquilo que, nas etapas menos controladas do aprendizado, parecia ser descartado. Com a atenção canalizada para esses fatos, o monitor começa a controlar a produção, no sentido de que aquilo que antes se descartava começa a aparecer na interlíngua. Esse processo é evidente, como veremos, sobretudo para a questão dos clíticos, que começam a pulular nas estruturas produzidas pelos estudantes, sem que, no entanto, a aproximação à L2 possa se considerar propriamente bem sucedida.” (González,1994:410)

Nestes casos aparecem dativos que não têm referência no discurso e, em alguns casos, não são solicitados nem permitidos pelo núcleo morfológico do sintagma verbal:

Se le compra la cajita y pone los anteojos dentro de ella. (N7.2.4) [Se compra la cajita y...]

Ai queridas gafas, no me puedo vivir sin ti. (N2.3.9) [... no puedo vivir sin ustedes]

Entonces, cuando le abre a la caja... (N3.1.7) [... cuando abre la caja...]

A troca da preposição *a*, que precede o sintagma nominal, pela preposição ***con*** (em *pasarle* e *ocurrirle* com valor de *sucedarle*), tenta resolver em parte o preenchimento do lugar argumental:

i) ... y se queda sorprendido que más una vez le cayó sus gafas del suelo y nada ocurrió con ellas. (D3.10.2)

ii) ... y se sorprende de que se le hayan caído al suelo otra vez y no les haya ocurrido nada.

Em (i) observamos, como resultado disso, um discurso sem coesão que repete os sintagmas nominais ou coloca pronomes pessoais fortes em seu lugar. Em (ii), *las gafas* estão representadas, como sujeito, na flexão verbal *hayan caído* e, como *complemento indirecto*, no clítico dativo *les*.

CONCLUSÕES

Nossa pesquisa nos leva às seguintes observações finais, que valem como nossas conclusões:

- Os dados do grupo referência demonstram uma notória preferência da língua espanhola por estruturas de dativos. De todas as construções que exigem ou permitem uso de dativos elas totalizam 94,0%, frente a 6,0% de construções sem dativos.

Essa preferência comprova a tese de González (1994), baseada por sua vez, nas afirmações de Lorenzo (1980), sobre uma tendência da língua espanhola por construções oblíquas, uma das características do que ela chama de diferentes assimetrias entre as duas línguas.

Também confirma a tese de González (1994), na qual ela mostra uma “categórica preferência do espanhol pelas formas átonas, às vezes duplicando uma forma tônica, bem como uma considerável predileção por certos procedimentos sintáticos que permitem a *‘muy extendida oblicuidad con la que el significado verbal incide en el llamado sujeto lógico’*” (Lorenzo, 1980:13, In González, 1994:422). Entretanto, a importância a elas atribuída por Lorenzo não implica uma diminuição do protagonismo da pessoa, como ele afirma. Pelo contrário, vimos que a presença da pessoa que vivencia o acontecer (representada no dativo) é tão fundamental como a sua ausência, e que este recurso lingüístico não diminui nem aumenta o seu protagonismo no acontecer, simplesmente a coloca em diferentes lugares ou posições sintáticas e discursivas. Esses recursos corroboram outra constatação de González (1994) em relação a uma maior liberdade de ordem dos constituintes na língua espanhola, o que favorece um “alto grau de permeabilidade dessa área da gramática não-nativa” para os estudantes brasileiros, tornando-a receptiva não apenas às transferências mas também à fossilização”.

- A interlíngua dos estudantes apresenta em média, 35,60% de estruturas sem dativos e 26,74 % de estruturas que substituem dativos não argumentais por pronomes possessivos fortes. Essas duas categorias juntas totalizam 62,54%. Estas proporções são constantes ao longo do curso, até o sétimo semestre inclusive. Nessa etapa as diferenças entre o período noturno e o diurno tornam-se mais notórias: o grupo da noite continua semelhante aos

semestres anteriores em suas produções, enquanto o grupo da manhã apresenta mais construções com dativos não argumentais. No oitavo semestre as estruturas com dativos não argumentais chegam a 50,7%, porém, é necessário explicar que se trata de um fenômeno circunstancial: nesse grupo havia um tipo de atenção fortemente focalizada para o caso, talvez em função do conhecimento que os alunos tinham de que se tratava da questão específica de pesquisa da professora, o que gerou neles uma expectativa e uma atenção redobrada¹⁸. Em síntese: existe uma progressão lenta na aquisição/aprendizagem de estruturas com dativos ao longo do curso, não gradual mas oscilante, composta de avanços e retrocessos que, no último semestre, representam 56,5% do total frente a 94,0% no grupo referência, progressão essa claramente associada a um fator vinculado ao ensino formal ao qual os alunos foram expostos: o programa da disciplina no nível VIII trata das marcas da pessoa (usos de pronomes tônicos e átonos).

- As estruturas com dativos argumentais representam 3,84% na interlíngua dos estudantes, demonstrando um grande contraste frente aos 17% dos falantes nativos. A sua presença oscila bastante durante o curso: começam com apenas 1,9%, aumentam para 5,5% até o quarto semestre e depois diminuem a 2,8% no sétimo semestre. No fim do curso chegam a 5,8%. Estas construções não significam falta de dativos em sintagmas verbais que exigem o preenchimento do *complemento indirecto*, mas um uso bastante restrito ainda de verbos que o solicitam. Por essa razão pode-se pensar em um não uso (ou evitamento, do inglês *avoidance*) de esquemas intransitivos que requerem *CI*.
- As construções utilizadas pelos aprendizes em situações em que a preferência do espanhol é a estrutura oblíqua com dativos para o caso afetado são as que chamamos peculiares da interlíngua: ausência de dativos associada à troca da preposição *a*, ausência de dativos associada ao uso de pronomes possessivos, uso desnecessário de dativos, e troca de paradigma. Elas representam estratégias ou alternativas para expressar o conteúdo semântico de uma determinada situação que a língua espanhola realiza por meio de construções com dativos (sem exceção), como confirmam os dados do grupo referência.

¹⁸ Infelizmente, não foi possível colher dados do período diurno.

- A ordem de construção mais usada na interlíngua (somando estruturas com verbos de ligação, híbridas, e substituição do dativo pelo pronome possessivo forte) é $\langle S + V \rangle$, numa média de ocorrências de 28,7 em cada grupo. O Gráfico 14 mostra a produção dessas construções ao longo do curso. Nele é possível observar também as diferenças entre os grupos dos períodos diurno e noturno e uma diminuição considerável destas ocorrências no sétimo e oitavo semestres do período diurno. O sétimo semestre do noturno ainda apresenta uma produção semelhante ao terceiro semestre do diurno. Embora esses dados correspondam a um fenômeno sintático relacionado à ausência do incremento reflexivo *se* (neste caso particular), são significativos para a nossa reflexão sobre aquisição/aprendizagem de ELE. Em primeiro lugar, eles mostram uma característica da interlíngua de estudantes brasileiros, que permanece quase inalterada (apenas com leves oscilações) até o último ano do curso. Essa forte tendência faz pensar numa muito provável relação entre a mudança em curso no português do Brasil e a aquisição/aprendizagem de espanhol como segunda língua, relatada anteriormente por González (1994) como uma “tendência do português brasileiro ao apagamento ou à manifestação dos complementos por formas tônicas” que “se estende ao objeto indireto, ao predicativo, e altera as características de orações que poderiam conter dativos possessivos, faz praticamente desaparecerem da língua os dativos éticos e chega a afetar o emprego dos clíticos anafóricos (...)”. Os dados de IL apresentados demonstram uma clara preferência pelas construções que destacam os tópicos colocando-os em lugar de sujeito $\langle S+V \rangle$. Por outro lado, também revelam uma resposta imediata ao trabalho pedagógico desenvolvido no programa do último ano do curso, apesar do qual, em se tratando de língua estrangeira, não é possível afirmar que, havendo aprendizagem, exista aquisição (Krashen, 1982; Baralo, 1994).

- Sobre o papel da língua materna nessas construções, consideramos importante em primeiro lugar, poder descartar influências de outras línguas. Com isso foi possível, por um lado, estabelecer uma clara relação entre a língua materna dos estudantes e alguns fenômenos de sua interlíngua como os relatados anteriormente. Entretanto, é preciso afirmar também que fenômenos semelhantes foram encontrados em aprendizes de espanhol falantes de outras línguas, uma questão que, portanto, merece aprofundamento. Por outro lado, encontramos hipergeneralizações (como o uso desnecessário de dativos ou

a troca de paradigmas) que não respondem à influência da L1 mas que podem ser atribuídos a uma seleção de princípios e regras da língua alvo realizada na estrutura mental existente, moldada pela língua materna — transferência a nível de *intake* (González, 1994). Nesse processo de transferência atuam mecanismos cognitivos (dedução, inferência, generalização de regras, etc.) que o aprendiz testa avançando ou não na aproximação à língua estrangeira.

Nos Gráficos 2 a 9 é possível observar esse papel da L1: os princípios da GU como dotação inata atuam através da L1 restringindo e guiando o processo de aquisição da L2 na formulação de hipóteses, tanto na primeira etapa, (bastante extensa, até o terceiro ano inclusive), como num segundo momento do processo, caracterizado por curvas de tendência mais semelhantes às de falantes nativos e localizado depois do sétimo semestre.

Durante a primeira etapa, apesar de sucessivos avanços e retrocessos, persistem as hipóteses que aproximam a gramática da interlíngua da L1 dos estudantes: ordem <S +V>; ausência de clíticos dativos; substituição de dativos não argumentais possessivos pelos pronomes fortes; troca de preposições para preencher o lugar do dativo argumental sem usá-lo; uso desnecessário de clíticos anafóricos (sem referente) ou ausência deles com a conseqüente repetição do referente através de formas tônicas, configurando discursos entrecortados, sem marcas coesivas e incoerentes textualmente. Percebe-se uma mudança importante durante o último ano do curso como resposta ao trabalho dirigido, mas ainda em produções bastante distantes da gramática da língua alvo.

- Observando os resultados apresentados, não é possível afirmar que após o oitavo semestre a maioria dos estudantes tenha adquirido a língua aprendida ao longo do curso. Vê-se claramente que, na melhor das hipóteses, o processo de aquisição ainda está incompleto. Em alguns casos, ele chega a se completar, mas em muitos deles, essa aquisição nunca se completa e os estudantes guardam essas marcas na sua IL, o que poderia constituir um caso de fossilização, por menos que a afirmação e o termo nos agrade. Vê-se, assim, que de fato se trata de uma área da gramática sumamente complexa para os aprendizes, razão pela qual ainda é necessário investigar se essas dificuldades respondem somente à lógica lingüística de sua L1 (fatores intralingüísticos), a limitações lingüísticas derivadas do nível sócio-cultural (fatores extralingüísticos), ou se existe uma interação de fatores que contribui para os resultados observados.

- Com base nessas reflexões, foi possível pensar numa hipótese passível de comprovação através de um estudo longitudinal, dentro de um programa experimental que introduza os estudantes desde o início do curso nas zonas de maior dificuldade da língua espanhola para os falantes do português do Brasil. Essa reformulação proporcionaria um aprofundamento maior nos recursos da língua espanhola permitindo que os estudantes se coloquem dentro dela com mais desenvoltura. Experiências como essa já foram testadas parcialmente por professores da disciplina de Língua Espanhola na FFLCH com resultados bastante animadores. Não foram, no entanto, levadas às últimas conseqüências, uma vez que não tiveram continuidade, já que se tratou de experiências pontuais.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCOS L. E. (1980) *Estudios de Gramática Funcional del Español*. Madrid: Gredos.
- BARALO, M. (1999) *La adquisición del español como lengua extranjera*. Madrid: Arco Libros.
- (1996) *Algunos tópicos en la adquisición de una lengua extranjera*. In: *Frecuencia – Revista de Didáctica ELE*. (1): 14-17, 03. Madrid.
- BIALYSTOK, E. (1978) *Un modelo teórico del aprendizaje de lenguas segundas*. In: LICERAS, J.M. (1992) (comp.) *La adquisición de las lenguas extranjeras. Hacia un modelo de análisis de la interlengua*. Madrid: Visor.
- BOSQUE, M. I. & DEMONTE, B, V. (1999) (Org.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa Calpe.
- CANO, A. R. (1987) *Estructuras sintácticas transitivas en el español actual*. Madrid: Gredos.
- CORDER, S. P. (1967) *La importancia de los errores del que aprende una lengua segunda*. In: LICERAS, J. (1992) (comp.) *La adquisición de las lenguas extranjeras. Hacia un modelo de análisis de la interlengua*. Madrid: Visor.
- (1971) *Dialectos idiosincrásicos y análisis de errores*. In: LICERAS, J. (1992) (comp.) *La adquisición de las lenguas extranjeras. Hacia un modelo de análisis de la interlengua*. Madrid: Visor.
- ECKMAN, F. (1977) *El análisis contrastivo y la teoría de lo marcado*. In: LICERAS, J.M. (1992) (comp.) *La adquisición de las lenguas extranjeras. Hacia un modelo de análisis de la interlengua*. Madrid: Visor.
- FERNÁNDEZ, R. (1987) *Gramática española. El Pronombre*. Volumen 3.2. preparado por POLO, J. Madrid: ArcoLibros.
- FERNÁNDEZ, S. (1995) *Errores e interlengua en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. In: *Didáctica*, 7:203-216. Madrid: Servicio de Publicaciones de la UCM.

- FERNÁNDEZ, S.O. (1999) ***El pronombre personal. Formas y distribuciones.*** In: BOSQUE M. I. & DEMONTE B. V. (org.): *Gramática Descriptiva de la Lengua Española: vol 1*, p. 1209-1273, Madrid: Espasa Calpe.
- GONZÁLEZ, N. T. M. (1992) **¿Y qué hacemos con el portugués?** O duela a quien duela, viva la cueca-cuela. In: *1492 ¿Punto de llegada o punto de partida?* Rev.APEESP, nº4, S. P.
- (1994) ***Cadê o pronome? O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos.*** Tese de Doutorado. DL/FFLCH-USP.
- (1994) **Las construcciones con pronombres personales en la interlengua de estudiantes brasileños de E/LE.** Actas del II Seminario de Dificultades Específicas para la enseñanza del español a lusohablantes, p. 146-155. São Paulo, Consejería de Educación de la Embajada de España en Brasil.
- (1998) **Pero ¿qué gramática es ésta?** Los sujetos pronominales y los clíticos en la interlengua de brasileños adultos aprendices de español/LE. In: *Español como lengua extranjera: investigación y didáctica. RILCE*, 14.2 p.243-263. Pamplona, Universidad de Navarra.
- (2000) **La expresión de la persona en la producción de español lengua extranjera de estudiantes brasileños:** perspectivas de análisis. Apresentado na Mesa Redonda: *Materialidad lingüística y procesos significativos en español.* In: TROUCHE, A. & REIS, L. (Orgs.): *Hispanismo 2000*, volume I: 239-255. I Congreso Brasileño de Hispanistas, Niterói: ABH y Consejería de Educación de la Embajada de España en Brasil.
- GROPPI, M. (1997) **Pronomes pessoais no português do Brasil e no espanhol do Uruguai.** Tese de Doutorado. Depto. de Filologia e Língua Portuguesa/FFLCH-USP.
- GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ, S. (1999) **Los dativos.** In: BOSQUE M. Ignacio y DEMONTE B. Violeta (orgs.): *Gramática Descriptiva de la Lengua Española: 1855-1930.* Madrid: Espasa Calpe.
- KRASHEN, S. (1977) **El modelo del monitor y la actuación de los adultos**

- en **L2**. In: LICERAS, J.M. (1992) (comp.) *La adquisición de las lenguas extranjeras. Hacia un modelo de análisis de la interlengua*. Madrid: Visor.
- LARSEN-FREEMAN, D. & LONG, M. (1994) *Introducción al estudio de la adquisición de segundas lenguas*. Madrid, Gredos.
- LICERAS, J. M. (1966) *La adquisición de las lenguas segundas y la gramática universal*. Madrid, Síntesis.
- (1991) (comp.) *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid.
- LORENZO, E. (1980) *El español y otras lenguas*. Madrid: SGEL.
- McLAUGHLIN, B. (1978) **Algunas consideraciones metodológicas sobre el modelo del monitor**. In: LICERAS, J. (1992) (comp.) *La adquisición de las lenguas extranjeras*. Madrid: Visor.
- ZORRAQUINO, M. A. M. (1979) *Las construcciones pronominales en español, paradigma y desviaciones*, Madrid: Editorial Gredos.
- NOVARECE, L. C. (1995) **Interiorización de la gramática de la primera lengua y de la lengua extranjera: ¿procesos similares o diferentes?** In: *Didáctica*, 7, 341-348, Servicio de Publicaciones UCM, Madrid, 1995.
- PEREIRA, J. C. R. (2001) *Análise de dados qualitativos. Estratégias metodológicas para as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais*. São Paulo: EDUSP.
- SCHACHTER, J. (1974) **Un error en el análisis de errores**. In: LICERAS, J. (1992) (comp.) *La adquisición de las lenguas extranjeras. Hacia un modelo de análisis de la interlengua*. Madrid: Visor.
- SCHUMANN, J. (1976) **La adquisición de lenguas segundas: la hipótesis de la pidgnización**. In: LICERAS, J. (1992) (comp.) *La adquisición de las lenguas extranjeras. Hacia un modelo de análisis de la interlengua*. Madrid: Visor.
- SELINKER, L. (1972) **La interlengua**. In: LICERAS, J. (1992) (comp.) *La adquisición de las lenguas extranjeras. Hacia un modelo de análisis de la interlengua*. Madrid: Visor.

- TARONE, E. (1983) **La variabilidad de la interlengua.** In: LICERAS, J. (1992) (comp.) *La adquisición de las lenguas extranjeras Hacia un modelo de análisis de la interlengua.* Madrid: Visor.
- WARDHAUGH, R. (1970) **La hipótesis del análisis contrastivo.** In: LICERAS, J. (1992) *La adquisición de las lenguas extranjeras. Hacia un modelo de análisis de la interlengua.* Madrid: Visor.

OBRAS DE APOIO

- ALMEIDA FILHO, J. (1995) Uma metodologia específica para o ensino de línguas próximas? In: *Português para estrangeiros. Interface com o espanhol.* pp. 13-21, Campinas: Pontes.
- BENTIVOGLIO, P. & BRAGA, M. L. (1994) Español, português e ordem de palavras. In: *DELTA*, 10: (n° especial), 163-182. São Paulo.
- BRANDÃO, H. (1997) *Introdução à Análise do Discurso.* Campinas: Ed. da Unicamp.
- BRUNO, F. C. (2001) *A compreensão da 'impersonalidad' em espanhol por estudantes brasileiros.* São Paulo. Dissertação de Mestrado defendida junto ao Departamento de Linguística da FFLCH/USP, inédita.
- CARREIRAS, M. (1997) *Descubriendo y procesando el lenguaje.* Madrid: Editorial Trotta.
- CELADA, M. T. & GONZÁLEZ, N. T. M. (2000) El español en Brasil: un intento de captar el orden de la experiencia. In: *El hispanismo en Brasil. ABEH, Suplemento.* (35-58). Brasília: Thesaurus.
- ELIZAICÍN, A. (1992) *Dialectos en contacto: español y portugués en España y América.* Montevideo: Editorial Arca.
- ERBOLATO, M. L. (1999) (org.) *Tópicos de psicolingüística aplicada.* São Paulo: Humanitas.

- FILINICH, M. I. (1998) *Enunciación*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires.
- FRANCHI, C. (1992) *Linguagem- Atividade constitutiva*. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, (22): 9-39. Campinas, UNICAMP.
- GARCÍA S. C. A. (1996) *La enseñanza del español en el siglo XXI*. In: Giovannini et alii, *El proceso de aprendizaje*. Madrid: Edelsa.
- GIOVANNINI et alii (1996) *El proceso de aprendizaje. Colección Investigación Didáctica*. Madrid: Edelsa.
- KANY, E. (1976) *Sintaxis hispanoamericana*. Madrid: Gredos.
- PIZZANELLI, N. L. F. (1998) *Os pronomes clíticos em duas variantes de línguas românicas: o português do Brasil e o espanhol do Ríó de la Plata*. Dissertação de Mestrado/D.Letras/Lingüística/Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- POSSENTI, S. (1992) *Concepções de sujeito na linguagem*. In: *Boletim da ABRALIN*, 13. Campinas: IEL/UNICAMP/CNPq.
- (1999) *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado das Letras.
- SERRANI-INFANTE, S. (1994) *Análise de ressonâncias discursivas em micro-cenas para estudo da identidade lingüístico-cultural*. In: *Trab. Ling. Apl.*(24): 79-90. Campinas: UNICAMP.
- (1997) *Formações discursivas e processos identificatórios na aquisição de línguas*. DELTA Vol. 13, N° 1, p.63-81, São Paulo.
- SOLER-ESPIAUBA, D. (1995) *El español: lengua posesiva, subjetiva e ..irresponsable. Algunos aspectos de la función pronominal*. In: *Actuales tendencias en la enseñanza del español como lengua extranjera II. Actas del VI Congreso Internacional de ASELE*. León.
- TARALLO, F. & ALKMIN, T. (1987) *Falares crioulos, línguas em contato*. São Paulo: Ática.



ANEXO 1**Formulário para coleta de dados**

Data:	Código do informante (a ser preenchido pelo pesquisador):
Profissão:	Idade:
Lugar de Nascimento:	Sexo: (M) (F)
Quando e como teve seus primeiros contatos com a língua espanhola:	
Se residiu no exterior, qual/is país/es e durante quanto tempo:	
Se estrangeiro/a, quanto tempo faz que vive no Brasil:	
Retorna ao país de origem:	Com que frequência:
Outros idiomas: sabe () ou estuda ()	Qual(is):
Que idioma(s) utiliza em casa:	
no ambiente profissional:	
na vida social:	
no ambiente acadêmico:	
Nome (informação sigilosa, caso seja necessário um contato posterior):	

Instrucciones

- Observa detenidamente esta tira (basada en un cuento de Cortázar) y cuéntanos **todo** lo que ocurre en la historia.
- Luego, escribe lo que tú crees que el personaje piensa en cada uno de esos momentos (transcribe esos pensamientos del personaje en primera persona). Puedes usar la hoja del dibujo.



WAPTE

ANEXO 2**O conto**

CORTÁZAR, Julio (1970): de *Material Plástico*. En su *Historias de cronopios y famas*. Buenos Aires, Minotauro, p.87.

A un señor se le caen al suelo los anteojos, que hacen un ruido terrible al chocar con las baldosas. El señor se agacha afligidísimo porque los cristales de anteojos cuestan muy caro, pero descubre con asombro que por milagro no se le han roto.

Ahora este señor se siente profundamente agradecido, y comprende que lo ocurrido vale por una advertencia amistosa, de modo que se encamina a una casa de óptica y adquiere en seguida un estuche de cuero almohadillado doble protección, a fin de curarse en salud. Una hora más tarde se le cae el estuche, y al agacharse sin mayor inquietud descubre que los anteojos se han hecho polvo. A este señor le lleva un rato comprender que los designios de la Providencia son inescrutables, y que en realidad el milagro ha ocurrido ahora.



Dados do grupo referêcia**Informante C 1**DI:

1. Se contraría enormemente al ver que se le caen los lentes.
2. Se alegra al comprobar que no se le rompieron.
3. Piensa en adquirir un estuche para que los lentes no se le rompan.
4. Complacido, guarda sus lentes en el estuche adquirido recién.
5. Se le cae el estuche con los lentes. Se sorprende...
6. Se agacha a levantar el estuche, seguro que sus lentes están bien resguardados, pero...
7. Al abrir el estuche comprueba que están rotos!

DD:

1. Qué mala suerte!
2. Increible ! Se salvaron! ... Hoy ligué !
3. ya que Dios me ayudó una vez, voy a tratar de asegurarlos comprando un estuche.
4. Ahora con el estuche ya estoy hecho, seguro murió de viejo !
5. Puta ! otra vez se me cayeron ... si seré gil a ...! Qué zapallo soy !!
6. Bueno, menos mal que compré el estuche.
7. Qué lo parió qué racha !! mala suerte !! (.....) el finado Beltrán ... ¡ y se abrochó el saco !! Lo que no tiene remedio ... está remediado así que ... a otra cosa mariposa, paciencia y barajar de nuevo ... Si Dios quiere mañana hecho una buena y salute ! ya paso al frente y mientras ... paciencia y pan criollo hasta que pase la mala que no hay mal que dure 100 años... ni cuerpo que lo resista.

Informante C 2DI:

1. Al señor en esta escena se le caen los lentes estando muy molesto.
2. El señor mira a los lentes para ver si están sanos.
3. Al pasar por una casa de venta de lentes piensa en el estuche de los mismos.
4. Compra un estuche para los lentes.
5. Se le cae al suelo el estuche con los lentes.
6. Se inclina para levantar el estuche con los lentes.
7. Al revisar el estuche comprueba la rotura de los lentes.

DD:

1. Me daría mucha bronca y me diría que idiota que soy.
2. Yo los miraría para ver si están sanos y me pondría muy contenta y daría gracias a Dios porque los lentes no se rompieron.
3. Al ver en un comercio de venta de lentes y estuches de lentes, pensaría que tal si compro un estuche para que los lentes estén más protegidos.
4. Pondría los lentes en el estuche y saldría tranquila y confiada que si vuelve a suceder lo mismo no van a sufrir daños.
5. Diría que mala suerte otra vez se me caen estos lentes, que cosa horrible.

6. Al levantarlos del suelo estaría tranquila porque al estar en un estuche los mismos están protegidos.
7. Al ver que están rotos me daría mucha bronca y me dolería mucho, por el cariño que uno le tiene a las cosas.

Informante C 3

DI:

1. Se le caen los lentes al individuo y quedan sanos.
2. Observa detenidamente los lentes, si se encuentran intactos.
3. Mira una vidriera, en donde se expone a la ventana estuches de lentes.
4. Compra el estuche y coloca los lentes dentro del mismo.
5. Intenta introducir el estuche dentro del bolsillo interno del saco y se le cae al suelo.
6. Se agacha para levantar el estuche.
7. Comprueba al levantar y abrir el estuche que se le rompieron los cristales de sus anteojos.

DD:

1. Maldición, y mucha bronca, (...) en una instancia así, porque antes de llegar al suelo ya los imagino rotos
2. Que suerte no se rompieron.
3. Voy a comprar un estuche, para que se conserven mejor y evitar que se me rompan.
4. Ahora sí, no me va a ocurrir el incidente de que se me caigan y se rompan.
5. Que torpe soy, al intentar guardarlos sin mirar y sucede lo inesperado de vuelta en el suelo.
6. Todavía que se me caen y debo agacharme todavía para levantarlos y la ilusión es que se encuentren sanos.
7. Que ironía, tanto protegerlos e igual se me destruyeron.

Informante C 4

DI:

1. La persona de la escena va a sacar los lentes de su bolsillo y se le caen al suelo, lo que le causa desagrado.
2. Con gran satisfacción puede comprobar que no sufrieron daño alguno.
3. Al pasar por una óptica, resuelve comprarse un estuche para los lentes y así preservarlos mejor.
4. Compra el estuche y guarda los lentes.
5. Nuevamente al sacarlos del bolsillo se le cae el estuche con los lentes adentro.
6. Ya más tranquilo lo levanta del suelo.
7. Cuando revisa el estuche puede comprobar que los lentes se hicieron pedazos.

DD:

1. Pero qué cosa tan tarada, cómo voy a tirar los lentes.
2. Bueno de ésta me salvé, la saqué regalada.
3. Podría comprarle un estuche, así cuando se me caigan no se rompen.
4. Bueno, espero que con esto, estén a salvo.
5. No puedo creerlo, los volví a tirar, la pu... ma... que te pa...
6. Pero por suerte están en el estuche, espero que no les haya pasado nada.
7. ¡A! no ! esto es el colmo, para qué mierda compré ese estuche, ¡lo que me faltaba! y ahora con qué pucha voy a leer en el trabajo.

Informante C 5DI:

1. Al personaje se le han caído los lentes cuando los quiso sacar de su saco.
2. Nota que éstos no se han roto
3. Ve en la vidriera de una óptica varios lentes y estuches. Para prever una futura ruptura, piensa comprar un estuche.
4. Compra el estuche y guarda los lentes en éste al salir del comercio.
5. Al volver a sacar los lentes del bolsillo éstos se le caen. Pero esta vez se encuentran en el estuche.
6. Recoge del piso el estuche de lentes
7. Los cristales se habían roto.

DD:

1. No !! Se me cayeron los lentes !! Se deben de haber roto todos !!
2. ¡Qué suerte que tuve !!
3. ¡Pá, necesitaría un estuche para proteger los cristales !!
4. Ahora sí ...
5. Uff! de bueno !
6. Menos mal que esta vez fui precavido ...
7. ¡ ¡ Qué estuche de mierda !! No lo hubiera comprado y capáz se me salvaban los cristales !!

Informante C 6DI:

1. Cuando Arturo fue a sacar los lentes de su bolsillo, se le caen y se estrellan contra el piso.
2. De inmediato examina los lentes y ve que por suerte no se hicieron ni un rasguño.
3. Entonces decide comprar un estuche para protegerlos de futuros accidentes.
4. Satisfecho con la compra guarda sus lentes muy contento.
5. Nuevamente con torpeza tira sus lentes ...
6. Los levanta confiado, ya que el estuche protegía sus lentes.
7. Pero la sorpesa fue que el estuche no dio los resultados esperados, los lentes se le hicieron pedacitos.

DD:

1. ¡Hay ! ¡ ¡ La gran puta !! No puedo creer ...
2. ¡ ¡ Que suerte !! No les pasó nada.
3. Voy a comprar un estuche.
4. Ahora sí están protegidos.
5. Pero ché, otra vez....
6. Menos mal que les compré el estuche ...
7. ¡ ¡ ¡ La puta madre que lo parió !!! ¡ ¡ ¡ Estuche de mierda !!!

Informante C 7DI:

1. Al hombre se le caen los lentes.
2. Los lleva a reparar.
3. Piensa que es mejor comprarle un estuche.
4. Compra el estuche.
5. Se le cae el estuche.

6. Lo levanta del piso.
7. Y cuando mira se le hicieron mierda los lentes.

DD:

1. La puta que lo pario. Se me cayeron los lentes.
2. Que suerte !! No se me rompieron.
3. Mejor le compro un estuche.
4. Los voy a guardar al fin a salvo!!
5. Oh !! se me cayeron.
6. Menos mal que les compré el estuche.
7. Qué remongólico que soy. Gasté plata al * # *.

Informante C 8

DI:

1. Ay !!! los lentes !!!! Este bolsillo ... siempre roto !!! Bueno no importa los junto y se acabó la historia ...
2. Pero, que fatalidad !!!! Menos mal que están sanos. Justo ahora que voy para la conferencia ... Que hubiera hecho si se me hubieran roto !!!
3. Mirá que casualidad !!! estoy de suerte ... Una óptica ... A ver si puedo hacer algo ...
4. Otra vez al suelo !!! Bolsillo de porquería, cuando llegue a casa le digo a la vieja que me lo casa bien !!!
5. Ufa !!! agacharse otra vez !!!!
6. Ya estoy viejo para tanto ejercicio !!!!
7. No lo puedo creer !!! Con estuche y todo se me astillaron, todos hechos pedazos, hoy la suerte no está de mi lado !!!

DD:

1. Para que me voy a preocupar... hay cosas peores que pasan en el mundo !!!
2. Lo único que me faltaba !!! yo que no veo nada !!!
3. Menos mal que se me ocurrió comprar un estuche. Ahora sí están a salvo !!!
4. Hombre prevenido vale por dos ... suerte que están adentro del estuche !!!
5. Que trabajo quje me están dando estos lentes !!!
6. Espero que no se me hayan roto después de tanto trabajo ... pasaron mas tiempo en el suelo que adentro del maldito bolsillo !!!
7. Bueno, que se le va a hacer !!! No hay otra sin lentes parezco un topo !!! No queda otra solución en el discurso digo lo que me acuerdo e invento otro poco... que sea lo que dios quiera !!!

Informante C 9

DI:

1. Putea cuando se le cae el lente,
2. ve que estan sanos,
3. pero ve que puede protegerlos con un estuche,
4. va a una optica y compra unos porta lentes fuerte,
5. coloca los lentes dentro del estuche,
6. y al ponerlo en el bolsillo interior de su saco se le vuelven a caer,
7. y ve que han roto.

DD:

1. la puta madre que lo parió, se me cayeron los lentes.
2. que alivio no les pasó nada,

3. voy a comprar un estuche para protegerlos,
4. ahora van a estar bien,
5. pucha otra vez se me caen,
6. confiado los recojo,
7. pero carajo otra vez se me rompieron.

Informante C 10

DI:

1. Al personaje se le caen sus lentes.
2. Comprueba que no se ha roto.
3. Se le ocurre comprar un estuche en la óptica.
4. Compra el estuche y guarda los lentes.
5. Se le cae el estuche con los lentes dentro.
6. Lo va a recoger confiado en que los lentes estan resguardados.
7. Comprueba que, a pesar de estar en el estuche, se le ha roto los cristales.

DD:

1. Siento angustia al pensar en la rotura de los cristales.
2. Me siento aliviado al comprobar que no han sufrido daño alguno.
3. Al ver la óptica se me ocurre comprar un estuche para resguardarlos de accidentes.
4. Compró el estuche y los guardo, sintiéndome tranquilo por la idea que tuve.
5. Nuevamente se me vuelven a caer los lentes, pero esta vez están dentro del estuche.
6. Los voy a recoger confiado en que no les ha pasado nada.
7. Compruebo con asombro que la brillante idea del estuche no ha servido para nada.



Dados do grupo da interlúngua**Língua Espanhola VIII (Diurno)****Informante D 8.1**

Primeros contactos: en la universidad

DI:

1. Se le caen las gafas al hombre
2. Por poco no se rompieron las lentes
3. Concluye que es más seguro ponerlas en una caja.
4. Compra una caja y pone dentro las gafas.
5. Se le cae la caja
6. Muy tranquilo, recoge la caja del suelo
7. Para su sorpresa, la caja está intacta pero se rompieron las gafas

DD:

8. ¡se me cayeron las gafas! ¡Deben haberse roto!
9. ¡Qué buena suerte!
10. Hum... mejor ponerlas en una caja...
11. Así están más protegidas
12. ¡Ops! Se me cayó la caja...
13. Pero no hay problema...
14. ¿Eh?

Informante D 8.2

Primeros contactos: no 1º. año de facultad (1998)

DI:

1. Resulta que... un hombre andaba por la calle cuando se le cayeron los anteojos así él se volvió enojado
2. Cuando agarró sus anteojos se puso aliviado pues ellos no estaban quebrados
3. Al pasar por una óptica tuvo la idea de comprar un estuche para que los anteojos no se quebraran
4. Al comprarlo, puso los anteojos en el estuche.
5. Pero al guardarlo en el bolsillo el estuche se le cayó
6. Por los anteojos estar guardados en el estuche el hombre se quedó aliviado y los agarró.
7. Pero al abrirlo, se puso sorprendido a causa de los cristales que estaban quebrados aunque estuvieran en el estuche.

DD:

8. ¡Que droga! Se me cayeron los anteojos.
9. Ah, que bueno, no están quebrados
10. para que no se quebraran, voy a comprar un estuche
11. Ahora, guardándomelos en el estuche jamás van a quebrarse.
12. Vi, el estuche se me cayó

13. Menos mal que es el estuche que se me cayó y no los anteojos.
14. ¿Cómo es posible? ¡Cuando se me cayeron sin el estuche los cristales no se quebraron, ahora que estaban seguros en ello, quebraron!

Informante D 8.3

Primeros contactos: Obtive meus primeiros contatos com a língua espanhola em 1997, ao ingressar no curso de letras

DI:

1. Un hombre estaba andando por la calle cuando accidentalmente dejó caer sus anteojos en el suelo.
2. Él se quedó preocupado y trató de verificar si sus anteojos habían se roto. Se sintió más aliviado al ver que ellos estaban inteiros.
3. Vió una optica y pensó en comprar una cajita de protección para sus anteojos
4. Al salir de la tienda con la cajita en las manos pensó: Bueno, ahora están protegidos.
5. Pero al guardarla en su bolsillo, la dejó caer en el suelo nuevamente.
6. Sin embargo, ahora no estaba más preocupado porque pensó que sus anteojos estaban mucho más protegidos que anteriormente.
7. Pero al abrir la cajita, el hombre tuvo una gran sorpresa: se habían roto sus anteojos.

DD:

8. ¡Ay, no! ¡Se me caeron mis anteojos!
9. ¡Que bueno! ¡No se rompieron ! Estoy aliviado.
10. Es mejor ser más cuidadoso. Voy a comprar una cajita para guardarlos y así evitar que se rompan.
11. Bueno! Ahora no necesito preocuparme con ellos.
12. ¡Ay, los dejé caer de nuevo!
13. Pero, ahora, estoy seguro que mis anteojos están inteiros y protegidos.
14. ¿Cómo? ¡No creo! ¡Se rompieron los cristales de mis anteojos!

Informante D 8.4

Primeros contactos: En la familia y después en la Universidad.

DI:

1. Érase una vez... (Cortázar no empezaría así, ¿verdad?) Un hombre camina por la calle y deja caer sus gafas. Se pone muy enojado porque es muy tacaño y miope.
2. Imagina que se rompieron las gafas y, sin embargo, las ve intactas.
3. El hombre que se imagina muy listo, entra en una óptica y se regala un estuche, así, piensa, el destino, el azar o otra cosa no le causarán nuevos perjuicios.
4. Sale de la óptica contento con su nuevo estuche, comprarlo fue una excelente idea, incluso porque se lo compró con su tarjeta de crédito y eso lo tranquiliza (es un hombre tacaño, ¡no se lo olvide, lector)
5. El destino, el azar o otra cosa hizo lo imprevisible, lo imposible, lo improbable para el hombre (que además de tacaño, es un tonto) y el estuche, que incluso estaba de moda, se cayó.
6. Tranquilamente, agarra el estuche que está en el suelo y lo imagina intacto y, por supuesto, las gafas, las imagina perfectas.
7. El hombre tacaño, miope y tonto, que todo el tiempo se puso imaginando cosas, ve la realidad cruda (apretando los ojos, pues sigue siendo miope y sin gafas). Lector, si no eres miope, puedes ver que se rompieron las gafas...

MORALEJA: La imaginación, tan buena para los miopes y soñadores, no paga la cuenta de la tarjeta.

DD:

8. ¡Carajo! ¡Se me cayerón las gafas!
9. ¡Qué bárbaro! ¡Qué increíble! Están intactas.
10. Voy a comprar un estuche, así no me las rompo.
11. ¡Ajha! Soy un hombre muy listo
12. ¡Pucha! ¡Se me cayerón, una vez más!
13. Bueno, todo está bien, el estuche las protegió (no sé si este verbo está correcto.
14. Hay más misterios entre el cielo y la tierra...

Informante D 8.5

Primeros contactos: Em um centro de línguas do Estado e por um programa de ensino de espanhol na TV Cultura.

DI:

1. Un hombre está en la calle y se le caen las gafas.
2. Preocupado, cógelas y verifica aliviado que no se estropearon.
3. Un poco después, pasa delante de una tienda y se le ocurre comprar un estuche para que pueda poner las gafas y de se modo protegerlas.
4. Pero, cuando está guardándolo,
5. este se le escapa de las manos y se cae.
6. El hombre cógelo con tranquilidad pero se queda perpeljo porque de esta vez
7. se rompieron los cristales.

DD:

8. ¡Ai, que desastre! ¡Se me cayeron las gafas!
9. ¡Uff, por suerte no se rompieron los cristales!
10. Creo que voy a comprarme un estuche en esta óptica para que pueda protegerlas mejor.
11. Ahora sí estarán bien protegidas.
12. ¡Ops! Se me escapó de nuevo ¿Qué pasa con mis manos hoy?
13. Por suerte compré el estuche y las gafas están protegidas
14. ¡Ai madrecita! Es que ahora no lo entiendo ¿Cómo se rompieron los cristales?

Informante D 8.6

Primeros contactos: na graduação em espanhol na USP, em 1998

DI:

1. Juan Ramírez caminaba por la vereda, pero como estaba cansado se detuvo un rato para tomar un poco de aire fresco. Quitó sus gafas para limpiarlas, pero se le caen.
2. Casi seguro de que se le rompieron, los agarra en el suelo... y sorprendido, se da cuenta que están como nuevos.
3. Entonces Juan, sin querer seguir dependiendo de la buena suerte, decide comprarse un estuche
4. ... y más contento y seguro sale a la calle, creyendo que nada malo podrá pasarle, ahora que tiene un estuche de acero...
5. Este, sin embargo (pues nada podía hacer en contra los [¿?] torpes de su dueño) también se le cae.
6. Juan, que cree que nada podrá perjudicarlo y tampoco a sus anteojos, se baja para agarrar el estuche. Intacto, ¡qué maravilla!

7. Los anteojos, sin embargo ¡qué horror!

DD:

8. ¡Capute madre! ¡Se me cayeron los anteojos!...

9. ¡Qué suerte que están enteros!

10. Mejor sime compro un estuche

11. ¡Ahora ni que se me caiga un rayo hombre pasará nada!...

12. Uh... Otra vez... No hay problema, estoy protegido,,,

13. ... se me rompieron...

Informante D 8.7

Primeros contactos: estuve en Argentina y Uruguay

DI:

1. Bueno esta historia es muy divertida. Es un hombre al que se le caen los lentes y tiene tanta suerte que

2. cuando los recoge, se da cuenta que no se han quebrado.

3. Inmediatamente se le ocurre que es mejor comprar un estuche para los lentes

4. para protegerlos.

5. Esta es la mejor parte de la historia porque luego que el pone los lentes dentro del estuche,

6. este se le cae y cuando él lo recoge y lo abre

7. se da cuenta que desta vez los lentes se han quebrado.

DD:

8. Voy a dar un paseo por la vereda ¡Que rabia se me cayeron los lentes!

9. ¡No lo puedo creer!, ¡no se han quebrado! Pucha, hoy estoy con mucha suerte.

10. ¡Qué bueno! Una optica, voy a comprar un estuche para los lentes, no conviene abusar de la suerte

11. ¡Qué alivio! Ahora puedo quedarme tranquila

12. Mejor guardarlos en el bolsillo

13. ¡Qué rabia! los lentes de nuevo en el suelo, menos mal que compre el estuche, hoy estoy con mala racha.

14. Debe ser una broma o una vurla del destino porque estos lentes ahora que estan con estuche ¡se quebraron!

Informante D 8.8

Primeros contactos: Na facultade

DI:

1. Se le caen las gafas

2. Las agarra y nota que no se han roto

3. Piensa en comprarse un estuche

4. Se lo compra

5. Le cae el estuche

6. Tranquilamente, lo agarra del suelo

7. Se da cuenta que se le rompieron las gafas, aunque estuvieran dentro del estuche.

DD:

8. ¡Una vez más se me caen estas gafas! Puede que se hayan roto

9. A ver... ¡Qué raro! No se rompieron

10. Bueno, para que no ocurra nuevamente ésto de que se me cayan, voy a comprarme un estuche

11. ¡Ahora sí estoy más tranquilo! Así las gafas están absolutamente seguras
12. Ops... me cayó ahora el estuche.
13. Bueno, no pasa nada, ya que las gafas no se iban a romper dentro del estuche...
14. ¡Que lástima! Aunque estuvieran –supuestamente- seguras las gafas, aun así se me rompieron los cristales.

Informante D 8.9

Primeros contactos: na facultade

DI:

1. Un hombre caminaba por la calle y, de repente, se le caen las gafas.
2. Para su suerte, al agarrarlas, están enteras.
3. Para no pasar otro susto como ese, resuelve, al pasar por una tienda, comprar una cajita para protegerlas.
4. Entonces, la compra
5. y luego, le caen nuevamente las gafas,
6. pero como ahora están protegidas las agarra despreocupado.
7. Sorprendentemente, al abrir la cajita ve que sus gafas están rotas.

DD:

8. ¡Arghh! Se me rompieron
9. ¡Qué suerte!
10. Es mejor comprarme una cajita para protegerlas.
11. Ahora sí. Estoy listo para cualquier accidente.
12. Uff! De nuevo
13. No hay problema. La cajita las está protegiendo
14. ¡Pero, cómo! Cajita inútil.

Informante D 8.10

Primeros contactos: No primeiro semestre do curso de Letras, em 1997, aqui e em um curso de idiomas na POLI.

DI:

1. Un hombre está caminando y de repente se le caen sus anteojos. Él se pone nervioso porque piensa que los anteojos se han roto.
2. Pero, cuando los agarra ve que el objeto está perfecto. ¡Qué suerte!
3. Para que eso no pase de nuevo él resuelve comprar un estuche para proteger sus anteojos.
4. Cómpralo, guarda sus anteojos y se pone más tranquilo.
5. Cuando va a guardar el estuche en el saco, él se le cae.
6. Pero ahora el hombre está calmo porque sus anteojos están protegidos
7. ¡Qué engaño! Cuando abre el estuche encuentra sus anteojos hecho añicos.

DD:

8. ¡Mierda! ¡Perdí estos anteojos carísimos!
9. ¡Qué bien! ¡No se han roto!
10. Bueno, es mejor prevenirme. Voy a comprar un estuche para anteojos en la óptica.
11. Bueno, ahora estoy segurísimo, mis anteojos nunca se romperán.
12. ¡Ops! ¡De nuevo!
13. ¡Que bueno que ellos están protegidos!
14. ¡No creo! ¡Están hecho añicos! Había pensado que el estuche los protegería.

Língua Espanhola VII (Diurno)

Informante D 7.1

Primeros contactos: Em 1998, quando iniciei minha graduação

DI: (falta)

DD:

1. ¡Pero, como puede! ¡Se me cayeron mis gafas!
2. ¡Que bueno! Se me cayeron mis gafas, pero no se rompieron!
3. ¡Voy a comprar una caja para que mis gafas se queden más protegidas!
4. Ahora puedo quedarme tranquilo, porque no hay posibilidad de mis gafas cayeren y se rompieren.
5. ¡Cómo estoy distraído hoy! Que bueno que ya me compré esta caja para proteger mis gafas. La compré hace tan poco tiempo y ya la derribé.
6. Puedo quedarme tranquilo porque cuando abrir la caja, mis gafas estarán intactas.
7. ¡Por Dios! ¡Si yo no tuviese comprado la caja, probablemente mis gafas estarían intactas!

Informante D 7.2

Primeros contactos: com meus avôs, na infância

DI:

1. Las lentes de un señor (se) caen de su bolsillo.
2. El señor mira a las lentes. No están rotas
3. Piensa que tal vez sería mejor comprarle una cajita o un estuche para ponerlas.
4. Sale de una tienda, ha comprado la cajita/el estuche.
5. La cajita se cae nuevamente de su bolsillo.
6. La recoge del suelo (a la cajita).
7. Las lentes se han roto. Aunque estén dentro del estuche se han roto.

DD:

8. ¡Que * ! Se me cayeron las lentes de nuevo!
9. ¡¿Qué pasa con estas lentes!?
10. A lo mejor caen porque no tienen una cajita para guardarlas.
11. Bueno, ahora no van a caerse más.
12. ¡Ay, se cayó de nuevo!
13. Pero ahora no va a pasar nada porque están dentro de la cajita.
14. ¿Qué pasó? ¿Pero, estaban dentro de la cajita?

Informante D 7.3

Primeros contactos: Quando intrei na faculdade de letras, em 1998.

DI:

1. El hombre les dejó caer sus anteojos en el suelo.
2. Cuando los tomó del suelo, percibió que nada había pasado y que estaban como antes de caer.
3. Tuvo una idea: comprar una caja para guardar sus anteojos y protegerlos.
4. Salió de la tienda con la cajita y puso sus anteojos dentro de ella. Estaba satisfecho.
5. Cuando fue a guardar la cajita en su bolsillo, la dejó caer en el suelo.
6. Estaba cierto que nada había pasado con los anteojos porque estaban protegidos dentro de la cajita y, aún contento, la sacó del suelo.

7. Abrió la cajita para ver como estaban los anteojos y estaban totalmente quebrados.

DD:

8. ¡Uh, no! Mis anteojos va a estar en pedazos.

9. ¡Qué bueno! ¡Que suerte! No ha pasado nada. Están enteros.

10. Es mejor que me vaya a esta tienda para comprar una cajita y guardarlos antes que sea tarde.

11. ¡Bueno! Ahora los anteojitos están protegidos.

12. Voy a ponerlos aquí en mi bolsillo y ... ¡OPS! De nuevo se cayeron.

13. Pero esta vez no hay lo que preocuparme. Están dentro de la cajita.

14. ¡Fui engañado! Están realmente en pedazos...

Informante D 7.4

Primeros contactos: Iniciei meus estudos (língua espanhola) em 1993 no Centro Espanhol “Alfonso X – el Sabio” em Santos/SP.

DI:

1. Las lentes del señor González se le cayeron cuando las guardaba en el bolsillo de su saco.

2. Él observó que las lentes no se le habían quebrado, pues estaban enteras.

3. Entonces, él vió una tienda donde se vendían lentes y pensó que quizá fuese mejor que se comprara una caja para guardarlas.

4. Al salir de la tienda, el señor González estaba contento porque pensó que sus lentes estarían seguras dentro de la caja.

5. Cuando él iba a guardarlas en su bolsillo nuevamente, la caja se le cayó.

6. Pero el señor González se quedó tranquilo porque estaba cierto de que las lentes estarían seguras.

7. Al abrir la caja, él tuvo una gran sorpresa porque las lentes estaban quebradas.

DD:

8. ¡Ay, mis lentes!

9. Bueno, no se me quebraron.

10. Quizá sea mejor comprarme una caja para guardarlos.

11. Ahora no hay peligro. Ellas estarán seguras acá.

12. Voy a ponerlas en mi bolsillo y ...

13. Quédate tranquilo ... Hoy es tu día de suerte.

14. ¡Dios! Mis lentes se me quebraron . . . ¡No puede ser!

Informante D 7.5

Primeros contactos: Em 1995 quando fui fazer um curso de espanhol em um centro de línguas do Estado e também em um curso pela televisão (TV Cultura).

DI:

1. Un hombre está en la calle y sus anteojos le caen en el suelo.

2. Agárralos y constata que no se rompieron.

3. Decide comprar una cajita para protegerlos.

4. Sale satisfecho de la tienda.

5. Cuando va a ponerla en el bolsillo, la cajita se le cae de la mano.

6. La agarra despreocupadamente.

7. Para su sorpresa, constata que se le rompieron los anteojos y no entiende cómo.

DD:

8. ¡Hui! ¡Mis anteojos!

9. ¡Uff! Gracias, no se rompieron.
10. Voy a comprar una cajita para protegerlos.
11. Ah, Ahora sí estarán seguros.
12. ¡Uy, que se me escapa la cajita!
13. Pero, no hay problema los anteojos están protegidos.
14. Pero ¿cómo? ¿por qué? no lo entiendo . . .

Informante D 7.6

Primeros contactos: No curso superior.

DI: (falta)

DD:

8. ¡Caramba! ¡Los anteojos que me he comprado hoy! ¡Ojalá no se me hayan roto!
9. ¡Qué suerte! Están como si no les hubiera pasado nada ...
10. Mejor si me compro un estuche para ponerlos.
11. Ahora sí ... No hay más peligro ... Nada malo me podrá suceder ...
12. ¡Carajo! Se me cayeron otra vez...
13. Pero ahora no habrá problema ...
14. ¡ . . . !

Informante D 7.7

Primeros contactos: Eu tive meus primeiros contatos com o espanhol na faculdade.

DI:

1. Un hombre se lo deja caer sus anteojos.
2. El hombre mira los anteojos.
3. El hombre piensa en comprar una caja para sus anteojos.
4. El hombre sale de una tienda con la caja de los anteojos.
5. El hombre se lo deja caer la caja.
6. El hombre coge la caja.
7. El hombre abre la caja y ve que los anteojos se han rotpido.

DD:

8. ¡Ah! ¡se me cayeron mis anteojos!
9. ¡Qué bueno! no se ha rotpido.
10. Creo que necesito de una cajita para guardarlos.
11. Ahora mis anteojos estan seguros.
12. ¡Ahora se me cae la caja!
13. Bueno, mis anteojos deben estar bien.
14. ¡Ups! Compro una caja para que yo pueda tener mis anteojos protegidos y aún así ellos se rompen. ¡Qué lástima!

Informante D 7.8

Primeros contactos: Na faculdade de Letras (Espanhol).

DI:

1. Se le cayen las gafas al señor.
2. El señor se las agarra del suelo y se da cuenta de que no se le rompieron.
3. El sujeto piensa en comprar un estuche para poner sus gafas.
4. Él efectivamente las compra.
5. Más una vez, se le cayen las gafas y el estuche al señor.
6. El hombre, tranquilo, vas a agarrarlas del suelo.

7. El señor se da cuenta de que no le sirvió de nada el estuche, ya que las gafas se le rompieron.

DD:

8. ¡Ah! ¡Siempre se me cayen estas gafas!
9. Ah ... sí ... está todo bien ... No pasó nada con las gafas.
10. ¡Se me ocurrió una idea! Me voy a comprar un estuche.
11. Si éstas se me cayen ahora, no pasa nada, pues hay un estuche.
12. ¡Ops, se me cayó el estuche.
13. Ah ... pero todo está bien, pues las gafas están muy bien dentro del estuche.
14. (falta)

Informante D 7.9

Primeros contactos: Em 1998, no meu primeiro ano da faculdade.

DI: (falta)

DD:

1. ¡Ahh! Ahora se me rompí las gafas.
2. ¡Uff! no está enterita. ¡Qué suerte!
3. Con lo descuidado que soy es mejor que compre una cajita para poner mis gafas.
4. Bien, ahora no habrá más peligro.
5. ¡Pero, de nuevo!
6. No hay problema están seguras.
7. ¡Qué maravilla, pero qué maravilla! ¡Qué buenísimo! Están rotas mis gafas.

Informante D 7.10

Primeros contactos: 1997, quando cheguei à USP, em meu 1º. ano de faculdade.

DI:

1. Accidentalmente se cayó del bolsillo del personaje, de ese hombre, sus anteojos y no le agradó.
2. (falta)
3. “
4. “
5. “
6. “
7. “

DD:

8. ¡* * ! ¡Mis anteojos!
9. Gracias a Dios por lo menos no se rompieron las lentes!
10. ¡bueno, que tal si yo ... ¡Es eso! tengo la solución ... ¡un estuche!
11. ¡Ahora sí! está mejor
12. ¡Oh, no! se me cayó ¡de nuevo! Otra vez
13. ¡Tranquilo! De esa vez, ¡no hay cómo! Lo estuche va a protegerlo ¡sin duda! (Ahora tengo un estuche, ¡sí!) Ahora están bien seguros, ¡no hay duda!
14. ¡ De nuevo! ¡No creo en eso! ¡No es posible! ¿Cómo puede? ¡Que rabia!

Informante N 7.1

Primeros contactos: Apesar do meu avô ser espanhol, meu 1º. contato com a língua foi na universidade. Antes disso, porém, sempre gostei de músicas latino-americanas.

DI:

1. Un hombre deja sus lentes cayeren. Pero ellos no se rompen.
2. El hombre se siente muy bien cuando percibe que sus lentes están interos.
3. Después, pasa adelante de una óptica y resuelve comprarse una cajita para protegerlas.
4. Sale contento de la óptica.
5. Es que entonces ocurre lo mismo que en la escena 01, le cayerón las lentes.
6. Él no se preocupa porque ellas estaban protegidas.
7. Lo que ocurre es que mismo en la cajita, las lentes se romperón.

DD:

8. Dios mío, ¡ voy a perder las lentes!
9. ¡Qué suerte! Nada ocurrió, están como nuevas.
10. Pero, sería bueno que las comprase una protección . . .
11. Ahora sí, puedo quedarme tranquilo, están bien guardadas las lentes.
12. Ops, ¡más una vez! Estoy terrible hoy, muy desatento . . .
13. Pero no hay peligro . . . ellas están protegidos . . .
14. ¡Qué mala suerte! Al fin y al cabo, (¿?) sin las lentes . . .

Informante N 7.2

Primeros contactos: Em 1997 quando comecei a faculdade de Letras, os primeiros contatos foram em sala de aula.

DI:

1. El chico va a sacar sus anteojos del bolsillo y éstos le escapan de las manos y se cayeren en el llano.
2. Con los anteojos en su mano se pone más tranquilo por se dar cuenta que ellos están perfectos y no se rompieron
3. Pasando adelante de una óptica ve una cajitas para poner los anteojos con finalidad de protegerlos.
4. Se le compra la cajita y pone los anteojos dentro de ella.
5. Cuando saca la cajita del bolsillo ella se vá al llano.
6. El chico, tranquilo, vá a recoger la cajita del llano seguro que nada se ocurrió con sus anteojos.
7. El chico, consternado, abre la cajita y ve que sus anteojos se rompieron.

DD:

8. Oh no! mis anteojos se rompieron.
9. Ufa, que raro, nada de malo ocurrió. Están perfectos!
10. Mira, una cajita, voy a comprarla para proteger mis anteojos, es mejor prevenirme . . .
11. Ahora estoy prevenido, mis anteojos no más van a sufrir el peligro de se cayeren y se romperen.
12. Oh no! De nuevo . . . se escapan de mis manos mis anteojos !!!
13. Estoy tranquilo, ellos están protegidos por la cajita. Bien hice de comprarla.
14. No es posible! Ahora que tengo todos los cuidados los anteojos se rompieron. Antes no hubiera comprado la cajita, de nada me sirvió. Fui prudente, pero esto de nade me sirvió.

Informante N 7.3

Primeros contactos: Específicamente nesta Universidade.

DI:

1. Orlando se distrae y deja caer al suelo sus gafas.
2. Las coge del suelo y ve que no se han roto.
3. Piensa que debería protegerlas más con una pequeña caja de gafas.
4. Compra la cajita y se vuelve muy contento.
5. De pronto, la deja caer más una vez. Ahora sus gafas dentro de la cajita están el en suelo.
6. Cogió la cajita y sonrió, pues estaba seguro de que nada había pasado con sus gafas.
7. Abrió la caja, tranquilamente, para usar sus gafas y las encontró quebradas. No más tenía unas gafas, sino un montón de pequeños vidrios.

DD:

8. ¡Qué rollo! Con este ruido no más tendré mis gafas
9. ¡Mirá, están perfectas . . .
10. Tuve una gran idea, voy a proteger mis gafas con una buena y simple cajita
11. Además de buena me costó muy poco. Con sólo esto que gasté ahorraré mucho pues no tendré más problemas con mis gafas.
12. ¡Ah! Me cayó más una vez.
13. En realidad hice un teste. Nada pasará con mis gafas.
14. ¡Dios! Mis gafas . . . Perdí el dinero de la cajita, de las gafas . . . ¿Será que puedo hacer un mosaico con estos vidrios? Quizás podría ganar dinero con una obra de arte en vidros . . .

Informante N 7.4

Primeros contactos: pouco antes da faculdade, ouvindo cantores de língua espanhola

DI:

1. se le caen las gafas a un chico, él se pone preocupado, pues se deben haber roto.
2. él las mira y ve que están enteras
3. le ocurre comprar una caja donde ponerlas y mantenerlas intactas
4. sale contento de la tienda y ya las guarda en la caja
5. de repente, al ir a poner la caja en el bolsillo del saco, esta se le escapa
6. agarra la caja tranquilo, en el suelo
7. al abrir la caja, observa, sorpreso, que las lentes se hicieron “polvo”

DD:

8. Ay, ¡Dios!
9. Mira, están enteras . . .
10. Voy a comprarles una caja en la óptica
11. Ahora, sí, que nunca se me romperán . . .
12. Se me escapó . . .
13. Muy bien las haber puesto en la caja ...
14. ¡Dios! ¿Cómo se pueden haber roto?

Informante N 7.5

Primeros contactos: na Universidade

DI:

1. El hombre se lastima porque sus anteojos cayeron.

2. El hombre verifica que sus anteojos no se quebraron, pero, que necesita protegerlos mejor.
3. Entra a la óptica y mira una cajita para guardar los anteojos.
4. Compra la cajita y guarda los anteojos.
5. Se le cae la cajita donde están los anteojos
6. Agarra la cajita que está en el suelo.
7. Aunque no lo crea, sus anteojos se rompieron.

DD:

8. Se me cayeron los anteojos.
9. Que bien que no se rompieron. Pero, no tendré la misma suerte la próxima vez. Voy a comprar algo que lo proteja.
10. Creo que aquella cajita va a ayudarme a dar protección a mis anteojos.
11. Ahora no se romperán jamás.
12. No debo preocuparme. Estarán enteros.
13. Vamos a ver que pasó.
14. No es posible. Antes los hubiera dejado sin ninguna protección.

Informante N 7.6

Primeros contactos: viagem, em 1991

DI:

1. Se le caen las gafas al señor.
2. El señor mira sus gafas y nota que nada ha pasado.
3. El señor mira hacia una tienda y piensa en una caja para sus gafas.
4. El señor compra una cajita para sus gafas y las arregla, muy contento.
5. Se le cae la cajita del bolsillo del saco del señor.
6. El señor baja, para agarrar sus gafas, que piensa estar muy segura.
7. El señor abre la cajita y nota que las gafas están rompidas.

DD:

8. Al carajo, ¡se me cayeron mis gafas!
9. Por lo menos no se rompieron.
10. A lo mejor había que comprar una cajita para que el riesgo de romper mis gafas no exista.
11. Ah si. Ahora las tengo muy segura.
12. Ai , ¡se me caen de nuevo!
13. Como están en la cajita, no es necesario tener miedo. Lo único que tengo de hacer es felicitarme por ser listo. Bueno, ¡muy listo!

Informante N 7.7

Primeros contactos: Em Carapicuíba, cidade onde nasci, moro e trabalho.

DI:

1. Un hombre que estava de passeio por la calle dejó que cayere sus anteojos y estos se rompieron
2. El hombre se quedo muy preocupado porque no podía quedarse sin sus anteojos y
3. entonces miró al lado y por suerte, estava muy cerca de una ótica.
4. Para su felicidad, logró que hiciesen un nuevo anteojos para él que en poco tiempo, salió muy contento con sus nuevos anteojos que fueron guardados dentro de uno soporte de protección.

5. Pero, al salir nuevamente por la calle y aun precisar guardar sus anteojos en el casaco, por ser muy distraído, se los dejó caer en el piso nuevamente;
6. quedóse tranquilo porque ahora sus anteojos estaban protegidos ...
7. mas la suerte le abandonó porque sus anteojos nuevamente se rompieron.

DD:

8. La queda de los anteojos.
9. El hombre ve que sus anteojos se rompieron.
10. Miró al lado una otica.
11. Salió con sus nuevos anteojos.
12. Se le cayer.

Informante N 7.8

Primeros contactos: En 1994, en un curso del SENAC

DI:

1. A un hombre se le caen las gafas al suelo.
2. Él se sorprende porque las gafas no se rompieron y, a la vez, se siente aliviado por ello.
3. Al mirar un escaparate donde había algunos estuches para gafas, el hombre pensó que sería bueno comprarse uno para proteger las suyas.
4. Después de comprar el estuche, el hombre se siente tranquilo porque sus gafas están seguras.
5. De repente, el estuche se le cae al suelo.
6. Pero ahora el hombre ya no se preocupa por sus gafas, pues están en el estuche.
7. Al abrir el estuche, el hombre verifica que las gafas se rompieron, a pesar de que estaban protegidas.

DD:

8. ¡Qué porquería!
9. ¡Uf! ¡Qué suerte! Están enteras.
10. No puedo fiarme tanto de la suerte. Mejor comprarme un estuche para guardarme las gafas.
11. ¡Ahora sí no tendré más problemas!
12. Uy ... Otra vez ...
13. Qué bien que están seguras.
14. ¡¿Eh?!

Informante N 7.9

Primeros contactos: 1998 contato formal – anos anteriores informalmente com livros, revistas e ouvindo pessoas e músicas.

DI:

1. Un señor que usa anteojos, estaba caminando calmamente por la calle cuando se cayeron sus anteojos y estos se rompieron.
2. El hombre les mira a los anteojos y piensa ¡bueno! ¿como los voy a arreglar?
3. El señor mira atentamente a la calle y percibe que hay una óptica muy cerca de él. Entonces piensa que allá podrá arreglar sus anteojos.
4. El mozo vá hasta alla, y se le arreglan sus anteojos. Icluso le regalan con una caja para que el mozo los ponga adentro.
5. Pero el hombre se la dejó caer al suelo cuando la iba a guardar en su saco

6. El hombre la sacó del suelo, pero estaba muy calmo, pues creía que los anteojos no se habían roto.
7. Cuando el hombre abrió la caja, sus anteojos se habían roto.

DD:

8. ¡Que lástima! Se cayeron mis anteojos, y ahora se rompieron.
9. Bueno, necesito arreglarlos ahora mismo.
10. ¡Que bueno! Hay una óptica acá, probablemente podrán arreglar mis anteojos.
11. ¡Que bueno! Ahora que está perfecto los voy a guardar en esta caja.
12. ¡Que lástima! Nuevamente se cayó al suelo.
13. Bueno, creo que no se rompieron, están muy seguros.
14. ¡Que droga! Se rompieron nuevamente.

Informante N 7.10

Primeros contactos: En mi trabajo

DI: El fue a una tienda y se lo compró otro antiojos, pero de nuevo su antiojos cayó y se rompió en el suelo.

1. Juan paseaba tranquilo cuando su antiojos se rompió en el suelo. A mi me parece que el personaje está nervioso y deja su antiojos caer y habla
2. En esta escena Juan mira a sus antiojos y piensa
3. En esta escena Juan decide ir a una óptica y piensa
4. En esta escena Juan comprólo y piensa
5. En esta escena Juan deja de nuevo su antiojos caer y piensa
6. En esta escena Juan pega sus antiojos y piensa
7. En esta escena Juan verifica que sus antiojos se rompieran y piensa

DD:

8. ¡Por Dios, mi antiojos!
9. ¡Pobrecito se lo rompió todo!
10. Bueno, lo mejor es comprar otro.
11. Aquél otro era muy feo, este es más bonito.
12. ¡No! ¡No puede ser!
13. No es posible ...
14. ¡Que mala suerte!

Língua Espanhola IV (Diurno)

Informante D 4.1

Primeros contactos: En la Universidad.

DI:

1. El hombre intenta guardar sus anteojos en el saco, pero se le caen los anteojos. El hombre se pone rabiado.
2. Mira sus anteojos e se sorprende por saber que están inteiros, que no se han quebrado.
3. Piensa en ponerlos seguros.
4. Compra una caja especial para anteojos y los pone dentro.
5. Intenta otra vez guardar en el saco y se le caen nuevamente.
6. Tranquilo, el hombre se inclina y los recoge.
7. Cuando abre la caja, descubre que se han partido los anteojos. Se siente un burro y se queda con cara de tonto.

DD:

8. Mierda.
9. Que suerte no se ha quebrado.
10. Tal vez sea más seguro ponerlos en una caja.
11. Ahora sí.
12. ¡Otra vez!
13. Pero ahora estoy tranquilo.
14. ¡Burro!

Informante D 4.2

Primeros contactos: Facultad de

DI:

1. Un hombre llamado José camina por la calle. José es un hombre que usa gafas y las precisa para mirar las vitrinas de los negocios. Cuando las saca del bolsillo de su saco, las derruba.
2. Pero, algo increíble ocurrió: sus gafas no se rompieron y José se puso sorprendido.
3. José sabe que las gafas son frágiles y se pueden romper con facilidad. Por eso, él compra una caja para guardarlas.
4. Muy contento con su nueva caja, guarda sus gafas y sale del negocio.
5. Pero José se olvida que tiene que ponerla para mirar las vitrinas de los negocios y, más una vez, cuando las saca del bolsillo de su saco, las derruba.
6. Ahora, más tranquilo, no se preocupa con sus gafas, porque están guardadas en la caja e allí no se pueden romper.
7. Pero, más una vez, lo increíble ocurrió: sus gafas se rompieron en la caja y José no entendió nada.

DD:

8. Caray.
9. Bueno por lo menos no se rompieron.
10. Voy a comprarme una caja para guardarlas
11. ¡Ahora sí!
12. Ops...
13. Bueno, ahora no hay problema... mis gafas están guardaditas...
14. ¡Qué raro!

Informante D 4.3

Primeros contactos: Na USP em 2000.

DI:

1. Un tipo de gafas las deja caer en el chán.
2. Agarra las gafas y queda sorprendido por no haberen rompido.
3. Mira una tienda de gafas y tiene la idea de comprar una cajita para las suyas.
4. Compra la cajita, pone en ella las gafas y sigue caminando orgulloso.
5. La cajita con las gafas va al chán.
6. El tipo, tranquilo, la agarra.
7. No puede creer en lo que pasó: ahora, se rompieron las gafas.

DD:

8. ¡No! ¡Mis gafas!
9. ¡Qué suerte!
10. Hmm... Quizás una cajita...

11. Ah, precavido...
12. ¿Donde vas, cajita?
13. Venga con papá...
14. Pero... no es posible...

Informante D 4.4

Primeros contactos: Em 95 em um curso.

DI:

1. Un hombre deja que sus gafas cayan, pero no se rompem.
2. Pensando en la suerte que tuvo, el hombre resuelve comprarse una cajita donde pondría las gafas para que no se rompieran.
3. Así entra en la tienda donde se vendían gafas.
4. Sale de la tienda y las pone en la cajita, pensando que hizo un buen negocio.
5. Sin embargo dija caer la caja mientras la ponía en el bolsillo del saco.
6. Seguro de que no les iba pasar nada, no se preocupa y baja tranquilamente para cogerlas.
7. Pero, cuando abre la cajita, descubre que se habían roto.

DD:

8. ¡Qué lástima! me dejé caer mis gafas.
9. Pero, no se rompieron ¡qué suerte!
10. Lo mejor es no abusar de la suerte... voy a comprar una caja para protegerlas.
11. Ahora cuando se cayan nunca van a romperse.
12. ¡Ops! ¡Qué desastre soy!
13. ... pero nada las pasará...
14. Ay caramba! ¿Cómo es posible?

Informante D 4.5

Primeros contactos: Na facultade e com amigos.

DI:

1. Pablo estaba caminando por la calle cuando se lo cayeron sus gafas.
2. Felizmente ellas no se rompieron, afinal eran nuevas y no podía quedarse sin ellas.
3. Mientras tanto el vio a una tienda donde vendian gafas y cajitas para ponerselas. Pronto él fue hasta la tienda y se compró una cajita.
4. Mientras salía de la tienda Pablo guardó las gafas en la nueva cajita.
5. Sin embargo encuanto él guardaba la caja en el bolsillo, ella se cayó nuevamente.
6. Pablo agarró tranquilamente la caja, seguramente sus gafas estaban protegidas.
7. Pero para su sorpresa las gafas estaban rotas!

DD:

8. ¡No! Ahora puersupuesto, se me rompieran mis gafas.
9. Que suerte! Están perfectas, no puedo quedarme sin ellas.
10. Creo que lo mejor seria comprarme una caja para ponerlas así estarán protegidas.
11. Ahora sí puedo quedarme tranquilo.
12. ¡Ops! Me cayeron nuevamente, soy un tonto.
13. Pero ahora no hay problema. Con la nueva cajita mis gafas estan protegidas de quedas. Realmente fue una buena idea comprarla.
14. No! ¡Estan completamente rotas! ¿Como esto pudo ocurrir?

Informante D 4.6

Primeros contactos: Na faculdade, no 1º semestre do ano passado.

DI:

1. El hombre estaba andando por la calle cuando de repente, sus anteojos cayeron. Con una expresión de fatalidad el hombre pensó que los anteojos se habían rompido.
2. Por suerte, verificó que nada de mal había ocurrido, e sus anteojos quedaban perfectos.
3. Decidió así, comprar una cajita para guardar los anteojos y si viniera a caer nuevamente estarían protegidos.
4. Guardó los anteojos en la cajita, con gran satisfacción
5. Cuando, de repente la caja cayó.
6. El hombre despreocupado, apañó la cajita de llano.
7. Con gran sorpresa, abrió la cajita y vio que sus anteojos habían se rompido por intero. No había adelantado de nada comprar la cajita.

DD:

8. Mis anteojos, no, van se romper.
9. Que bueno, aun estan interos. Tengo realmente mucha suerte.
10. Pero es mejor comprar una cajita.
11. Mui bien, ahora nada ni nadie podrá romper mis anteojos que quedaran muy protegidos.
12. Cayo nuevamente, no lo creo.
13. Pero no hay problema, está protegido por la cajita.
14. No puede ser, se rompieron completamente, las cajitas no sirven para nada.

Informante D 4.7

Primeros contactos: Com minha avó que é descendente de espanhóis, mas só fui aprender mais profundamente o idioma na faculdade c/uma optativa. (Introdução à língua espanhola)

DI:

1. Un señor caminava por la calle mirando todo alrededor y paró un minuto para arreglar sus anteojos en el bolsillo de su traje, cuando por una distracción, le cae sus anteojos en el suelo.
2. Percibió, entonces, que estaban perfectos, que no hubieron quedado rotos.
3. Pienso en una cajita para ponerlos, protegéndolos de los peligros de la distracción.
4. Entró en una tienda de anteojos y compró una caja para los suyos.
5. Pero, la distracción le persiguió y cuando fue poner la caja dentro de su bolsillo, novamente, dejó caer sus anteojos.
6. Feliz y orgulloso por tener una cajita de protección para sus anteojos, agarró la caja del suelo y, para confirmar la protección, abrió la caja,
7. pero sus anteojos ya estaban rotos.

DD:

8. ¡Ai, caramba!
9. ¡Qué bueno! No se rompieron. Preciso protegerlos. Pero cómo?
10. ¡Ah, sí! ¡Una cajita para ellos. Muy bien. Una tienda en la hora cierta.
11. Ahora, pongolos aquí y listo: están protegidos, bien guardados. ¡Qué idea brillante me ocurrió!
12. ¡Ops! ¡De nuevo! ¡Caramba!

13. Pero, no se rompieron de nuevo, porque tuve una idea brillante en ponerlos en una caja. Sí, sí, no se rompieron...
14. ¡Ó! ¡Dios mío! ¡No lo creo!

Informante D 4.8

Primeros contactos: Mi primer contato con la lengua fue en la facultad cuando empecé a tener clases de español en la graduación en el año de 2000

DI:

1. Un hombre al sacar las gafas de su saco se puso nervioso porque ellas cayeron.
2. Pero como las lentes no se rompieron, el hombre se quedó contento.
3. Andando por la caye, el hombre pasó en frente a un negocio de lentes y vió un estuche. Entonces pensó que sería una buena idea comprar uno para proteger sus gafas.
4. El hombre salió satisfecho del negocio pensando que sus gafas ahora estarían protegidas.
5. Y cuando sacó novamente las gafas, con el estuche, del saco, ellas cayeron novamente.
6. Pero el hombre no se puso nervioso, porque tenía certeza que las gafas no se habían rompido.
7. Pero tuve una sorpresa al abrir el estuche, porque las lentes no solo se rompieron pero estaban en pedacitos.

DD:

(falta)

Informante D 4.9

Primeros contactos: Em 1997, em um curso de língua espanhola (Yázigi)

DI:

1. Un hombre va a coger sus gafas y las derrumba.
2. Entonces ve que no están rotas,
3. y tiene la idea de comprarse una cajita para protegerlas.
4. Después, cuando vuelve a derrumbar las gafas – que entonces están dentro de la cajita –
5. piensa que están protegidas;
6. así que se sorprende al ver que se han roto.
7. –

DD:

8. Mis gafas!
9. ¡Uf! Que suerte! No se han roto.
10. Es mejor que me compre una cajita para protegerlas.
11. Ahora sí. Estoy tranquilo.
12. ¡Ops! Otra vez...
13. Pero ahora no necesito preocuparme...
14. ¡Se han roto! ¿Cómo es posible?

Informante D 4.10

Primeros contactos: No primeiro ano da faculdade, numa disciplina optativa – “Introdução à Língua Espanhola” – em 1999.

DI:

1. El hombre dejó sus gafas cayeren en el llano.
2. Pero sus gafas no se rompieron.
3. Entonces, decidió comprar una cajita para ponerlas y protegerlas mejor.
4. Compró la cajita y salió muy tranquilo del negocio.
5. De esa vez, la cajita cayó en el llano.
6. El hombre fue agarrarla, muy seguro de que sus gafas no se habían roto.
7. Pero, miró el interior de la cajita sorprendido: sus gafas estaban rotas.

DD:

8. ¡Ay! Mis gafas cayeron. Probablemente se han roto.
9. ¡Que bueno! No pasó nada con mis gafas.
10. Es mejor comprar una cajita para poner mis gafas y protegerlas de algún otro accidente.
11. Bueno, ahora no hay más riesgos de que mis gafas se rompan.
12. ¡Ops! la cajita cayó
13. Pero no hay por que preocuparme. Seguramente mis gafas no se rompieron.
14. ¡No es posible! Mis gafas están completamente destruidas.

Língua Espanhola IV (Noturno)

Informante N 4.1

Primeros contactos: En la Universidad

DI:

1. Un hombre estaba caminando por la calle cuando sus anteojos cayeron.
2. Él se quedó sorprendido
3. porque ellos no se rompieron.
4. Para evitar nuevos accidentes resolvió comprar un estuche para proteger sus anteojos,
5. pero le dejó caer y
6. ... sus anteojos no resistieron.
7. Estaba caminando por la calle cuando mis anteojos cayeron.

DD:

8. Me quedé sorprendido porque ellos no se rompieron.
9. Entonces, tuve la idea de comprar un estuche en la tienda.
10. Sali feliz y seguro de que mis anteojos estaban protegidos.
11. Pero dejé el estuche caer cuando lo ponía en mi saco
12. Sin preocupación cogí el estuche.
13. Me quedé sorprendido cuando vi que mis anteojos estaban rotos.

Informante N 4.2

Primeros contactos: Aquí, en la universidad

DI:

1. Un hombre está caminando por una calle cuando se le caen las gafas al suelo.
2. Este hombre observa y percibe que las gafas no se quebraron con la caída.
3. Entonces, el hombre ve un estuche en una tienda y piensa en comprarlo para proteger las gafas.
4. Por fin, el hombre compra el estuche y camina más una vez alegremente por la calle
5. cuando el estuche se le cae al suelo con las gafas en su interior.
6. El hombre coge el estuche, le abre y
7. se da cuenta de que las gafas se quebraron.

DD:

8. ¡Qué mala suerte! ¡Mis gafas cayeron al suelo!
9. ¡Qué bueno! No se quebraron.
10. Voy a comprar un estuche para proteger mis gafas.
11. ¡Qué bueno! Ahora estoy cierto de que mis gafas no se quebrarán!
12. ¡Qué mala suerte! El estuche se fue al suelo.
13. Estoy cierto de que, protegidas por el estuche, mis gafas no se quebraron.
14. ¡Oh! Mis gafas se quebraron. El estuche no las protegió.

Informante N 4.3

Primeros contactos: Em curso de “Espanhol para viaje” e o segundo módulo de “Español Instrumental” em 1997.

DI:

1. Mi jefe estaba caminando por la calle y como hacía mucho calor y la luminosidad era muy fuerte decidí poner sus gafas. Cuando fue sacalas del bolsillo de su traje las dejó caer en el suelo.
2. Inmediatamente halló que se habían roto pero cuando las recogió vio que no.
3. Siguiendo por la calle pasó delante de una tienda de gafas y accesorios y tuvo la idea de comprar unos estuches para protección de sus gafas.
4. Salió de la tienda y las guardó,
5. pero cuando fue ponerlas en el bolsillo las dejó caer otra vez,
6. entonces pensó: ahora no hay peligro.
7. Mas tuvo una sorpesa muy desagradable, las gafas estaban hechas en pedazos y creió que no era un buen día para él.

DD:

8. Como el día está quente, voy a poner mis gafas. Oh no, creo que las perdí.
9. Estoy con suerte, no se romperon.
10. Es una buena idea comprar uno estuche para protección de mis gafas.
11. Ahora las tengo bien guardadas y no gasté mucho dinero.
12. Voy a guardalas pues el tiempo está cambiando.
13. ¿Cómo pudo dejalas caer otra vez? Suerte que ahora están bien guardadas.
14. ¡No lo puedo creer! ¡Que día!

Informante N 4.4

Primeros contactos: Aos 13 anos, quando comecei o curso de espanhol no CEL.

DI:

1. Cierta día, un hombre que portaba saco y corbata estaba caminando por la calle cuando resolvió detenerse para cojer sus gafas que estaban en el bolsillo interno de la parte de arriba del saco.
2. Pero lo que ocurrió fue que las gafas, en el momento en que el hombre fue a scarlas, acabaron indo al suelo.
3. El hombre, claro, se quedó asustado, esperando por lo peor. Sin embargo, para suerte suya, las gafas no se rompieron.
4. El hombre tubo, entonces, una idea, puesto que estaba delante de una óptica: comprarse un estuche para proteger sus preciosas gafas. Y lo hizo.
5. Pero más una vez sus gafas fueron al suelo.
6. Sin embargo desta vez en el estuche protector, para el alivio del hombre.
7. Pero por una infelicidad, ahora sí, las gafas estaban rotas cuando él abrió el estuche.

DD:

8. ¡Mis gafas!
9. Que suerte, no se rompieron.
10. Hm... ya que estoy delante de una óptica, voy aprovechar para comprarme un estuche protector.
11. Ahora si, estan seguras.
12. ¡No creo!
13. Pero no hay lo que temer, están protegidas por el estuche.
14. ¡Miércoles!

Informante N 4.5

Primeros contactos: Aos 18 anos, quando trabalhava em uma livraria de livros importados.

DI:

1. Estoy mirando la calle. Ahora un hombre, que me parece viejo, acaba de dejar caer sus anteojos en el suelo. Parece que se queda raviioso.
2. Pero ... ¡espera! já estan de nuevo en sus manos. Ahora se encuentra calmo.
3. En este momento se queda en frente a una tienda de anteojos.
4. Parece que compró una caja para ponerlos más seguros. Ahora esta contento.
5. ¡Pero Dios! La caja se cayó.
6. Pero parece que él cree ahora que no se quebró ya que los anteojos estan seguros.
7. Espera, que pasa! De acuerdo con su (...), la verdad es que ahora sí que se quebró.

DD:

8. ¡Dios! ¡Mis anteojos se cayeron en el suelo!
9. Que bueno, no se quebráran
10. Aqui esta una tienda de anteojos. Es mejor cmprar una caja para que les ponga más seguros.
11. ¡Que bueno! Ahora si que esta seguro.
12. ¡Dios! La caja se cayó.
13. Ahora no hay problema, está seguro.
14. ¡No lo creo! Los anteojos se quebraran en la caja.

Informante N 4.6

Primeros contactos: Já na Faculdade, nas aulas de língua espanhola.

DI:

1. La historieta empieza con un hombre que deja caer en el suelo sus anteojos al intentar sacarlos de su bolsillo.
2. Al recogerlos percibe, sorpeso, que nada les había ocurrido a los anteojos. Estaban intactos.
3. A causa de eso pensó que necesitaba comprar un estuche para guardar sus anteojos y vió que podría comprarlos en la tienda que estaba ubicada cerca de allí.
4. Así que el hombre compró su estuche, guardó sus anteojos y siguió tranquilo su camino.
5. Sin embargo, al intentar más una vez sacar sus anteojos del bolsillo, ahora en un estuche, dejó caer en el suelo nuevamente.
6. Apesar de eso, el hombre no se preocupó puesto que ahora sus anteojos estaban progegidos.

7. Cuando abrió su estuche tuvo una nueva sorpresa, ahora desagradable: sus anteojos estaban quebrados.

DD:

8. ¡Qué mala suerte! ¡Cayeron mis anteojos!
9. ¡Qué bueno! Nada se les ocurrió.
10. Sería mejor se estuvieran en un estuche. Voy a comprarlos allí.
11. Ahora no tendré más problemas.
12. ¡Otra vez, no!
13. Qué bueno que compré el estuche.
14. ¡Oh, no...!

Informante N 4.7

Primeros contactos: En la facultad.

DI:

1. Cierta día, un hombre decidió sacar sus gafas y ponerlas en el bolsillo de su saco. Era un hombre muy elegante, pues estaba muy bien vestido. Sus gafas se le escabulleron y cayeron en el llano, casi pertindose.
2. El hombre miró sus gafas y las lentes e pensó que no podría quedar sin ellas, pues no vería nada.
3. Entonces decidió comprar un estuche para mejor protegerlas.
4. Comprado el estuche, guardó confiante sus gafas. Allí ellas estarían a salvo.
5. Tentó poner ahora el estuche en su bolsillo. El estuche también se le escapó, cayendo en el llano.
6. Muy feliz por haber comprado el estuche, lo cogeu sonreindo.
7. La sonrisa findó cuando abriu el estuche y verificó que sus gafas estaban partidas.

DD:

8. Caramba!
9. Uf!
10. Es mejor comprar un estuche.
11. Ahora si, estan seguras!
12. De nuevo!
13. No hay problema!
14. Que falta de suerte!

Informante N 4.8

Primeros contactos: Tuve contato en la facultad el año de 2000 con Neide. Me gustó mucho el primero contato y no tuve muchas dificultades.

DI:

1. Un hombre que andaba por la calle fue sacar sus lentes de su casaco y los dejó caer. Hizo aquella cara de quién va a perder sus lentes.
2. Pero cuando agarró sus lentes, estaban enteras. No habían se rompido. Fue un alivio.
3. El hombre que andaba por la calle pasó por una tienda de lentes y pensó en comprar una pequeña caja para guardar los lentes.
4. Compró la pequeña caja y salió alegre.
5. Más tarde fue sacar nuevamente sus lentes de su casaca y la escena se repitió
6. Pero tranquilo, el hombre agarró la caja que probablemente protegió los lentes.
7. Cuando el hombre abrió la pequeña caja, la sorpresa: sus lentes habían se rompidos.

DD:

8. Caramba! Mis lentes caeron!
9. ¡Ufa! Están enteras, no creo.
10. Uhm... creo que sería mejor comprar unas de esas cajas para lentes. Así cuando caer de nuevo, es cierto que no romperán.
11. Así será mejor...
12. ¡Upa! Caeron de nuevo...
13. No va a ocurrir nada...
14. ¡No creo! ¡Que **#! Esa caja no me sirvió para nada.

Informante N 4.9

Primeros contactos: Quando comecei o curso de Letras.

DI:

1. Las gafas de un hombre cayeron cuándo él iba a guardálas en el bolsillo de su saco.
2. En cambio, ellas no tuvieron ningún arañazo, lo que dejó el señor muy sorprendido.
3. Como pasaba frente a una relojería tubo la idea de comprar un estuche para guardar sus gafas.
4. Salió muy contento de la tienda, entonces, y puso las gafas en el estuche que había comprado.
5. Fué guardar el estuche en el bolsillo nuevamente, pero él también cayó de sus manos.
6. Ahora, en cambio, el señor estaba seguro de que sus gafas no habían se quebrado.
7. Pero, para su asombro, cuando abrió el estuche, vió que sus gafas estaban destrozadas.

DD:

8. ¡Por Dios, mis gafas van a romperse!
9. ¡Qué raro! Están intactas. Tube mucha suerte.
10. Es mejor prevenirme. Voy a comprar un estuche.
11. Ahora sí que mis gafas estarán seguras.
12. Cayeron de nuevo. ¡Increíble!
13. Pero ahora sí que no se rompieron.
14. ¡No puedo creer! Están destrozadas.

Informante N 4.10

Primeros contactos: Tuve mi primero contato con la lengua española en la facultad.

DI:

1. Juan caminaba por la calle, fue cuando al intentar agarrar sus anteojos los dejó caer.
2. Con suerte no se habían roto.
3. Entonces, Juan, decidió comprar una cajita para guardar sus anteojos antes que los dejase caer nuevamente.
4. Contento y orgulloso de tener sus anteojos seguros salió de la óptica.
5. Caminando, mientras guardaba su cajita la dejó caer.
6. En seguida la agarró.
7. Pero, a pesar de todo su cuidado, sus anteojos se habían roto.

DD:

8. ¡No, por Dios!
9. ¡Qué bueno! ¡No se han roto!
10. Uhm, voy a comprar una cajita.
11. Ahora no hay más peligro. Mis anteojos están seguros.
12. ¡Qué mala suerte hoy!
13. Buena idea esa cajita

14. ¡No es posible! ¡Gasté con esa cajita por nada. ¡Muy mala suerte!

Língua Espanhola III (Diurno)

Informante D 3.1

Primeros contactos: Na Faculdade.

DI:

1. Un hombre está caminando, cuando percibe que necesita sus gafas. La busca en su saco, pero las gafas se le cayen.
2. Se da cuenta de que las gafas no se romperán.
3. Piensa que debe comprar una caja para guardar sus gafas.
4. La compra y pone sus gafas en la caja.
5. Después de un rato, busca la caja en su saco, y la cajita se le cae.
6. Está tranquilo, pues sus gafas están en la cajita y no van a romperse. La toma y la abre.
7. Cuando abre la caja, se da cuenta de que las gafas se romperán en la queda, a pesar de estaren en la cajita.

DD:

8. ¡Por Dios! Se me cayeron mis gafas.
9. Bueno, por lo menos no están rompidas. ¡Qué suerte!
10. Creo que voy a comprar una cajita para guardarlas.
11. Ahora, sí, están seguras.
12. Ops...
13. No hay problema. Las gafas están en la cajita...
14. ¡Qué cosa!

Informante D 3.2

Primeros contactos: Antes da faculdade fiz 3 anos de curso de língua espanhola.

DI:

1. Las gafas del hombre se caen cuando él va a ponerlas en el bolsillo del saco.
2. El hombre las coge y ve que no se han roto los lentes.
3. Pero para prevenir, cree que es mejor comprar un estuche para poner las gafas. Ve un negocio donde se puede comprarlo.
4. Sale del negocio satisfecho, poniendo sus gafas en su estuche nuevo ...
5. Y cuando va a ponerlo en el bolsillo del saco, nuevamente le escapa de la mano y se cae la cajita.
6. Ahora más despreocupado, coge estuche seguro de que no se han roto los lentes...
7. Y cuando abre la cajita es exactamente lo que ve: los lentes completamente rotos.

DD:

8. ¡Ai! ¡Ahora sí, se me han roto los lentes!
9. ¡Uff! Qué bueno. No se han roto.
10. Es mejor no confiar en la suerte, voy a comprar un estuche.
11. Ahora sí, están protegidas.
12. ¡Ops! ¡De nuevo!
13. He, he, si antes no se han roto, ahora entonces...
14. ... ¡van a estar como polvo!

Informante D 3.3

Primeros contactos: 1996

DI:

1. El hombre está sacando sus gafas del bolsillo de su traje cuando las gafas caen en el suelo.
2. Las gafas no se rompen.
3. El hombre ve una tienda de gafas.
4. Él decide comprar un estuche para guardar sus gafas y protegerlas caso cayan al suelo de nuevo.
5. Él estuche de gafas cae al suelo.
6. El hombre lo coge.
7. Cuando lo abre se da cuenta de que las gafas se han roto.

DD:

8. ¡Que **!
9. Que suerte. No se han roto.
10. Necesito comprar un estuche para proteger mis gafas.
11. Voy a guardarlas ...
12. ¡No! De nuevo, no ...
13. Al menos ahora estoy tranquilo. Seguro que no se han roto.
14. No me lo puedo creer...

Informante D3.4

Primeros contactos: Viagem a Espanha (1995)

DI:

1. Un hombre tiene unos anteojos que caen en el llano, pero no se rompen.
2. Ahora tiene sus anteojos en las manos y ve que realmente ellos no se rompieron.
3. Pasa por la calle y ve un negocio de anteojos abierto. Piensa en comprar una cajita para ponerlos.
4. Sae del negocio con la cajita y pone sus anteojos dentro.
5. Ahora, la cajita, ya con los anteojos, cae en el llano.
6. Agarra su cajita.
7. La abre y ve que sus anteojos, ahora sí, se rompieron.

DD:

8. ¡Caramba!
9. ¡Que bueno! Ellos no se rompieron.
10. ¡Ah! Creo que es una buena idea comprar una cajita para ellos.
11. ¡Ahora sí! No se van a romper nunca más.
12. ¡Opa!
13. ¡Ha, ha! Sin problemas.
14. ¿Qué? No creo.

Informante D 3.5

Primeros contactos: Quando entrei na faculdade em 1999.

DI:

1. Un hombre iba caminando por la calle y, de repente, sus gafas cayeron en el suelo.
2. Él vio muy contento que sus gafas no habían se rotpido.
3. Momentos después, vio en la vidriera de una tienda gafas y cajitas para poner gafas.
4. Entonces se compró una cajita para sus gafas.

5. El hombre deja la cajita donde están sus gafas caer en el suelo.
6. Muy tranquilo, agarra la cajita.
7. La abre y ve, sorprendido, que ahora sus gafas habían se rompido.

DD:

8. ¡Ay! creo que mis gafas se rompieron.
9. ¡Que bueno! Están nuevas como antes.
10. Ah, voy a comprar una cajita para poner mis gafas y así, no hay el riesgo de que se rompan.
11. Bueno, ahora sí que mis gafas están bien protegidas.
12. ¡Ay no! Se cayeron de nuevo.
13. Pero seguramente mis gafas no se rompieron, estoy tranquilo de esta vez.
14. No puedo creer en lo que veo...

Informante D 3.6

Primeros contactos: Aos 11 anos fui morar em El Salvador, onde permaneci durante 1 ano.

DI:

1. El señor fue sacar sus gafas del bolsillo y se las cayó en el piso.
2. Al coger sus gafas quedó sorprendido que no las hubiera ocurrido nada.
3. Pensó que tal vez fuese mejor comprar una cajita de protección para sus gafas. Se dirige a una tienda.
4. Al llegar a la tienda se compró la cajita y ahí puso sus gafas.
5. Después siguió caminando, cuando su cajita se le cayó nuevamente.
6. Se asustó, pero después se puso más tranquilo por recordarse de que sus gafas estaban dentro de la cajita. O sea, suponía que ellas estaban en buen estado.
7. Cuando abrió la cajita se puso sorprendido, pues las gafas con la protección se habían estropeado.

DD:

8. ¡Oh! Mis gafas.
9. ¡Ah! No lo creo, no las ha ocurrido nada.
10. Tal vez sea mejor comprarlas una protección.
11. Ahora sí, estaré más tranquilo.
12. ¡Oh! ¡Mis gafas nuevamente!
13. Tranquilo hombre, están en la cajita de protección.
14. ¡Oh! ¿Como pueden estar rotas si estaban protegidas?

Informante D 3.7

Primeros contactos: Na USP em 2000.

DI:

1. Las gafas del tipo fueron al chán.
2. El tipo quedó alegre porque las gafas no se rompieron.
3. Pensó que era mejor comprar una cajita para sus gafas.
4. Lo hizo, y quedó orgulloso de su astucia.
5. Las gafas cayeron de nuevo, ahora dentro de la cajita.
6. Tranquilo, el tipo se puso a coger la cajita.
7. Quedó sorprendido en ver que ahora las gafas se rompieron.

DD:

8. ¡Caramba!

9. ¡Ah, que bueno!
10. Mejor comprar una cajita ...
11. Soy el más cauteloso.
12. ¡Ah! Qué cosa ...
13. Mi plata bien gastada ...
14. ¿Pero?

Informante D 3. 8

Primeros contactos: Aos 15 anos, em um curso de espanhol, na escola de línguas Yázigi.

DI:

1. Un hombre derrumba sus gafas en el suelo.
2. Por suerte, verifica que no se han roto.
3. Tiene la idea de comprar una cajita para sus gafas, cuando mira una tienda donde se la venden.
4. Compra la cajita, donde pone sus gafas. Está satisfecho.
5. Derrumba la cajita.
6. No se preocupa. Simplemente la coge.
7. Cuando la abre, se sorprende: las gafas están rotas.

DD:

8. ¡Mis gafas!
9. ¡Que suerte!
10. Es mejor que yo compre una cajita.
11. ¡Ahora sí!
12. Otra vez...
13. Tranquilo. No hay problema. Mis gafas están protegidas.
14. No creo...

Informante D 3. 9

Primeros contactos: Comecei a estudar espanhol aos 15 anos na escola de idiomas onde eu estudava inglês.

DI:

1. Havía un señor y le cayeron las gafas cuando iba guardarlas.
2. Se quedó sorprendido que no se habían roto.
3. Entonces, decidió comprar una cajita para protegerlas.
4. Salió de la tienda contento, guardándolas en la cajita.
5. Pero dejó caer también la cajita cuando iba guardarla.
6. La cogió tranquilamente, seguro que las gafas estaban protegidas.
7. Al abrir la cajita, no pudo creer que estaban rotas.

DD:

8. ¡Oh no!
9. ¡Qué suerte!
10. Hum... Voy a comprar una cajita...
11. ¡Ahora sí!
12. ¡Ops!
13. No hay problema... Que suerte que compré la cajita.
14. ¡No creo!

Informante D 3.10

Primeros contactos: primeiro com minha avó e depois na facultade.

DI:

1. El hombre está caminando y sus gafas le caen de su bolsillo otra vez, y de nuevo él se pone enojado.
2. Él coge sus gafas del suelo y se queda sorprendido que más una vez le cayó sus gafas y nada ocurrió con ellas.
3. A camino de su trabajo el hombre pasa enfrente de una tienda de gafas y decide comprar una caja para sus gafas, para que queden protegidas.
4. El hombre sale de la tienda y pone sus gafas en la caja.
5. Caminando por la calle en dirección a su trabajo, las gafas le caen del bolsillo nuevamente. Pero de esta vez están en la caja de gafas.
6. El hombre coge la caja del suelo y piensa que ahora nada le ocurrió a sus gafas porque están en la caja.
7. El hombre abre la caja y ve las gafas partidas en pedazos y no entiende la razón. Antes no estaban en la caja y nunca se partieron, ahora que están en la caja se parten.

DD:

8. ¡No! ¡Otra vez mis gafas caen de mi bolsillo!
9. ¡Que bueno! Nada ocurrió con ellas. Por suerte.
10. Será mejor que yo las coloque en una caja. Voy a comprar.
11. Ahora no hay más peligro. Si mis gafas caen de mi bolsillo, a lo mejor están en la caja.
12. ¡Oh! Pero acabé de guardarlas!
13. Por suerte mis gafas están en la caja.
14. ¿Qué es eso? ¡Ahora que están protegidas mis gafas se rompen!

Língua Espanhola III (Noturno)

Informante N 3.1

Primeros contactos: Há um ano e meio na facultade.

DI:

1. Un hombre va a coger sus anteojos que están en el bolsillo, y los deja caer.
2. Percibe, entonces, que a pesar de la caída, sus anteojos no quedaron rotos.
3. Piensa que sería más bien confiable mantenerlos en una cajita, y se la va a comprar en una tienda.
4. Satisfecho, pone sus anteojos en la caja.
5. Pero, al poner la caja en el bolsillo, la deja caer.
6. Ni se preocupa: ahora sus anteojos tienen protección.
7. Entonces, cuando le abre a la caja ... ¡no! ¡Cuando pensaba que no iba a haber problemas, ve que sus anteojos están rotos!

DD:

8. ¡Que desastre!
9. ¡Mira! ¡No es tan malo! ¡Nada se los ocurrió!
10. Tal vez fuera mejor guardarlos en una caja...
11. ¡Ahora sí, están más bien seguros!
12. ¡Dios ...!
13. Sin problemas!

Informante N 3.2

Primeros contactos: Tuve mis primeros contactos con la lengua española aquí en USP, haciendo el curso de español. Antes de eso, tuve poco contacto con la lengua.

DI:

1. Un hombre camina por una calle y le cae las gafas en el suelo.
2. Entonces, el hombre coge las gafas desde el suelo y percibe, aliviado, que las gafas no se romperon.
3. Después, el hombre ve una tienda que vende gafas y estuches de gafas. En ese momento el hombre piensa que, si tuviera el estuche, las gafas no se romperían nunca, o se romperían con mayor dificultad.
4. El hombre, después de comprar el estuche, sale de la tienda, andando satisfecho por la calle.
5. Cuando el hombre va a guardar el estuche con las gafas en el bolsillo del saco, el estuche le cae en el suelo.
6. El hombre va a coger el estuche con la certeza de que las gafas no se romperon.
7. El hombre abre el estuche y ve que las gafas se romperon.

DD:

8. ¡Qué porquería! Me cayeron las gafas. Las he comprado ayer.
9. ¡Qué bueno! Las gafas no se romperon...
10. Un estuche podría proteger mis gafas... Allí hay una tienda...
11. ¡Qué bueno! Ahora no se romperan con tanta facilidad...
12. ¡Oh! Nuevamente me cayo las gafas...
13. Ahora no se romperon, el estuche las protege. Con certeza, no se romperon...
14. ¡Se romperon! Aunque protegidas por el estuche, las gafas se romperon... curioso ...

Informante N 3.3

Primeros contactos: Há quatro anos quando fiz un curso de “español para viaje” e “español instrumental”.

DI:

1. Un hombre va a sacar sus anteojos del bolsillo y los deja caer.
2. Él los recoge y percibe que no se romperon, el que lo deja muy satisfecho.
3. Él pasa delante de una tienda que vende anteojos y decide comprar una caja para poner los suyos.
4. Él sali de la tienda con la certeza de que hice lo mejor para la protección de sus anteojos y los guarda.
5. Cuando él va a poner la caja en el bolsillo la deja caer.
6. Él entonces la piega cierto de que sus anteojos, ahora protegidos, están como antes.
7. Cuando él abre la caja se queda estupefacto, sus anteojos se romperon por completo.

DD:

8. ¡No! ¡Los dejé caer!
9. Por suerte no se romperon.
10. Voy a comprar una caja para su protección
11. Ahora sí están protegidos.
12. ¡Otra vez!
13. Ahora estoy sin preocupación.
14. ¡No es verdad! Antes no hubiera comprado esta caja, perdi mi dinero.

Informante N 3.4

Primeros contactos: Num curso de espanhol, feito no CEL (e concluído).

DI: (falta)

DD:

8. ¡Miércoles, mis gafas se fueron al suelo!
9. ¡Qué bueno, no se rompieron!
10. Pero lo mejor es comprarme un estuche en una óptica, para guardarlas con más seguridad. ¡Por suerte, estoy delante de una!
11. Ahora sí, están seguras en el estuche que me he comprado.
12. ¡No creo! Se fueron otra vez al suelo...
13. pero estoy tranquilo, porque ahora están seguras en el estuche!
14. ¡Por Diós! no es posible... ¡Ahora sí se rompieron!

Informante N 3.5

Primeros contactos: Da família.

DI:

1. Cuando le cayeron las gafas, el hombre pensó que se romperían....
2. Sin embargo, no les pasó nada.
3. Mas adelante, tuvo la idea de comprar un estuche para que estuvieran seguras. Eso se le ocurrió porque podía ver muchos en el escaparate de una óptica.
4. Salió de la tienda con una sonrisa de satisfacción y un estuche en las manos.
5. Cuando iba a guardar las gafas en el bolsillo de su chaqueta se le cayeron al suelo otra vez.
6. Pero, no se preocupó. Confiaba que el estuche las protegería.
7. ¡Que mala suerte tuvo el hombre! Después de abierto el estuche, constató que el vidrio de las lentes se rompera.

DD:

8. Se me van las gafas....
9. Qué suerte
10. con uno desos quedarán protegidos...
11. Ahora sí ... que bien están.
12. ¡ jale !
13. vaya... con ese estuche... tranquilo...
14. ¡Qué vá! ¡Mala pata!

Informante N 3.6

Primeros contactos: Em 1997, numa viagem a Buenos Aires e Montevideo

DI:

1. Carlos caminaba por la vereda cuando necesitó sus gafas. Al sacarlas de su bolsillo, las gafas cayeron.
2. Él se quedó sorprendido porque las gafas no se rompieron con la caída.
3. Mismo así, resolvió comprar un porta-gafas, ya que pasaba delante de una tienda.
4. Tranquilo por estar cierto de haber hecho una buena compra, guardó las gafas en la pequeña caja.
5. De nuevo, el descuidado Carlos, dejó caer su porta gafas en el piso.
6. Bajo para tomar la caja, seguro de que nadie ocurrió con sus gafas dentro de su más nueva adquisición.

7. Pero, el que él no esperaba encontrar era las gafas rompidas y por eso quedóse aburrido.

DD:

8. ¡Oh, allá se van mis gafas!
9. ¡Que suerte! Nadie se les ocurrió.
10. Por precaución es mejor comprar una caja para guardar a ellas.
11. Pronto, ahora estoy más seguro y tranquilo.
12. De nuevo mis gafas cayeron.
13. Que buena idea ter ponido las gafas en la caja.
14. No, no puedo creer que ahora las gafas se rompieron dentro de la caja.

Informante N 3.7

Primeros contactos: Aqui na facultade (no ano 2000)

DI:

1. Cierta dia, un hombre muy elegante, que vestia traje y corbata, quiso guardar sus gafas. Las tiró de sus ojos y muy distraido, las colocó en el bolsillo de su saco. Sin embargo, ellas cayeron. Por poco no se rompieron.
2. Entonces el senhor las recogió y percibió que ellas si encontraban enteras.
3. Después pensó en adquirir un estuche para que las pudiese guardar con mas seguridad. Entró en la tienda y lo compró.
4. Saliu muy satisfecho. Guardó sus tan queridas gafas en el estuche como se fuese el punto mas seguro de todo el mundo.
5. Pero cuando tentó guardar el estuche en su bolsillo, lo dejó caerse.
6. Se bajó muy feliz porque creía que sus gafas no se habían rotpido.
7. Sin embargo, cuando abrió el estuche, las encontró totalmente quebradas. El estuche en nada le servió.

DD:

8. ¡Porquería!
9. ¡Están enteras!
10. Voy a comprar un estuche para las guardar.
11. Ahora estarán seguras
12. No hay motivos para preocupacion.
13. Estan enteras, estou cierto.
14. Ahora tengo que comprar otras gafas.

Informante N 3.8

Primeros contactos: Na facultade (2000)

DI:

1. Un hombre deja caer sus gafas.
2. Examina sus gafas temiendo que no pueda más usálas.
3. Piensa en comprar una caja para protegerlas.
4. Sale de la tienda, despues de haber comprado su caja ...
5. Pero deja caer la caja que contenía sus gafas.
6. El hombre abajase para quitar su caja, imaginandose que sus gafas estean muy bien protegidas...
7. Pero ellas no estaban y habian partidose.

DD:

8. Caramba, dejé caer mis gafas.

9. Que bueno, nada les aconteció.
10. Pero, sería mejor protegerlas, quizá numa caja.
11. Voy dejarlas acá porque estarán muy bien protegidas. ¡Soy realmente muy inteligente!
12. ¿De nuevo?
13. No hay problema. Como soy un hombre muy inteligente, ellas van estar perfectas.
14. ¿Que ha acontecido? Yo las habia protegido. ¿Como pueden estar partidas?

Informante N 3.9

Primeros contactos: Em 2000, quando comecei o curso na faculdade.

DI:

1. El chico dejó sus anteojos cayeren cuándo iba a los guardar en el bolsillo de su saco.
2. Pero ellos no se quebraron.
3. Él pensó en comprar una caja para los guardar con mayor protección.
4. Entró en una tienda y la compró.
5. Cuándo fué guardar la caja en el bolsillo de su saco ella también cayó.
6. Pero, ahora sus anteojos partieron en muchos pedacitos para su sorpresa.
7. (falta)

DD:

8. Mis anteojos cayeron.
9. Ellos podrían quebrarse con la caída.
10. Es mejor comprar una caja para los guardar. Así no se quebraran caso ocurra otra caída.
11. Ahora sí, mis anteojos están protegidos.
12. Voy a guardar la caja, en el bolsillo del saco. Oh, no creo, ella también cayo.
13. Pero ahora sí que no se quebraron mis anteojos, porque la caja los protegió.
14. No puedo creer. Los anteojos se partieron en muchos pedacitos.

Informante N 3.10

Primeros contactos: Na Universidade com o curso de Espanhol en el Campus.

DI:

1. El hombre va a agarrar sus anteojos del bolsillo y lo deja caer.
2. Por suerte, sus anteojos no han estropiado.
3. Entonces, el hombre resuelve comprar una cajita para protegerlos.
4. Sale de la tienda ponéndolos en su nueva caja y enseguida en su bolsillo.
5. Después de algun tiempo vuelve a agarrar sus anteojos, ahora protegidos.
6. Pero mismo así los deja caer.
7. Y al abrir la caja percibe que no adelantó haber comprado la cajita, pues sus anteojos se habían roto.

DD:

8. ¡Oh! ¡No!
9. ¡Qué bueno! No se han roto.
10. Voy prevenirme y comprar una cajita.
11. Ahora estoy tranquilo.
12. ¡Oh no! Qué suerte haber comprado una protección.
13. Voy a ver lo que se pasó.
14. ¡Por Dios, no és posible! Gasté tanto en esta caja y al final no ha servido de nada.

Língua Espanhola II (Noturno)

Informante N 2.1

Primeros contactos: Em 2000, na Universidade.

DI:

1. Juanito puso sus lentes en el bolsillo del saco y iba por la calle. El bolsillo estaba roto e los lentes cayeron.
2. Juanito se quedó preocupado, pues pensó que ellos se habían roto. Les sacó del suelo y se sorprendió pues estaban intactos.
3. Vió en la vidriera de una tienda varios estuches. Decidió comprar un estuche para guardar sus lentes.
4. Entró en la tienda lo compró y puso dentro del los lentes.
5. Contento, puso el estuche en el bolsillo del saco, seguro de que sus lentes estaban protegidos. Entonces el estuche cayó.
6. Él se abajó, lo quitó del suelo, lo abrió ...
7. y sorprendido notó que los lentes se romperon. Juanito se quedó muy nervioso.

DD:

8. Dios! Mis lentes cayeron...
9. Bueno, están intactos.
10. Voy a comprar un estuche...
11. Bueno, ahora mis lentes están protegidos. Los puedo poner en el bolsillo.
12. ¡De nuevo! Aún bien que mis lentes están seguros en el estuche.
13. Voy a cogerlos. Deben estar intactos.
14. ¡No, no es posible! Sin el estuche no se romperon.

Informante N 2.2

Primeros contactos: No início do ano de 2001 com as aulas de língua espanhola da graduação.

DI:

1. En la semana pasada yo caminaba por la calle y observé un caso interesante: Miré un señor que al buscar algo en el bolsillo de su saco dejó caer sus lentes en el suelo.
2. Me quedé impresionado porque a pesar de la caída no se quebraram. Continué observandolo.
3. El entro en una óptica,
4. compró un estuche para guardalas, pero las dejó caer de nuevo, pero ahora estaban dentro del estuche.
5. Miré su cara de tranquilidad porque no sólo él como yo pensamos que nada podría ocurrirlas.
6. Cuándo él lo abrió, un asombro: las lentes estaban completamente quebradas.
7. El señor se quedó muy triste porque allende haver gastado dinero con el estucho, gastará todavía más con las lentes nuevas.

DD: (falta)

Informante N 2.3

Primeros contactos: No 1º ano da faculdade, em curso de introdução.

DI:

1. La verdad es que la gente siempre llega a una idea general: si los objetos del cotidiano tienen algún valor personal, hay que suponer que los hombres no los saben

valorizarlo. Lo ocurrido en las escenas sirve para mostrar que, a veces la gente necesita utilizar el razonamiento de acuerdo con sus hábitos y atitudes. La falta de cuidado con lo que hacemos, no simplemente con el fato de las gafas, objeto cualquier se romper, pero si, se debe tener cuenta que como el objeto, es la propia vida.

2. Al fin y al cabo, la vida es tan importante que puede romperse como el objeto, o sea, se debe valorar la vida, porque los objetos utilizados por la gente son tan importantes como los actos humanos que direccionan la vida.

DD:

8. ¿Qué diabos me ocurrió? Mi corbata es como la sopa. ¿Dónde están mis gafas?
9. Ai queridas gafas, no me puedo vivir sin ti, pero estoy aburrido, pues casi se quebro. Me falta algo.
10. Creo que necesito de un estuche, ¿verdad?
11. ¡Que presunto estuche! Es estupendo. Ahora mis gafas están protegidas
12. ¡Por Dios! ¡De nuevo!
13. ¡No hay problema!
14. Al fin y al cabo el estuche nada me ayudó. No puedo ver, cuanto a las gafas, me dejarón sólo y nada puedo hacer. ¡Qué mala suerte!

Informante N 2.4

Primeros contactos: No curso de introdução à Língua Espanhola, no primeiro ano de faculdade.

DI:

1. Voy a contarte o que ocurrió con mi amigo Manuel. Ayer, ello estaba caminando por la calle Ruanda y sus anteojos se fueron al suelo. No vas a creer, pues nadie se pasó apesar de la caída, solamente el susto que tuve.
2. Después de esto accidente, se quedó muy preocupado ...
3. ... y fue a la óptica más próxima para comprar un estuche.
4. Cuando estaba seguro, pensando que sus anteojos se quedaban protegidos, lo extraño ocurrió.
5. De nuevo los anteojos se fueron al suelo,
6. ... pero ahora no havia más preocupación hasta lo momento que Manuel sacó el estuche.
7. No pudo acreditar en lo que ha visto, pues los anteojos se quebraran totalmente y Manuel se quedó nervioso y sin comprender. ¿No es terrible esto?

DD:

8. ¡Santo Diós! Mis anteojos se fueron al suelo.
9. ¡Que suerte! Nada ocurrió con los anteojos apesar de la caída tengo que hacer algo para evitar estos accidentes.
10. Preciso comprar luego un estuche de los anteojos. Como aquello en el escaparate.
11. Bueno. Ahora sí está perfecto. No hay necesidad de me quedar tan preocupado.
12. De nuevo mis anteojos se van al suelo. No creo.
13. Ahora estoy seguro realmente de que nada se pasó com los anteojos.
14. ¡Por Diós! No consigo comprender porque los anteojos se quebraran después de estar protegidos en el estuche.

Informante N 2.5

Primeros contactos: En el Centro de Lenguas desde hace cinco años.

DI:

1. Un hombre, una vez, dejó caer al suelo sus gafas que casi se rompieron.
2. Después de cogerlas se puso más tranquilo al darse cuenta de que estaban enteras.
3. Pensó que tal vez fuera mejor protegerlas metiéndolas en una cajita.
4. Luego, fue a una tienda y se compró una.
5. Pero, otra vez, cuando fue a coger las gafas del bolsillo de su saco, las dejó caer nuevamente.
6. Desta vez no se quedó nervioso, pensando que la caja protegería las gafas.
7. Pero cuando las miró estaban, irónicamente, rotas.

DD:

8. ¡No creo! ¡Mis gafas nuevas!
9. ¡Qué bueno, no se rompieron!
10. ¡Voy a comprar algo que las proteja!
11. ¡Ahora están protegidas!
12. ¡Ops! Cayeron...
13. Pero, no necesito preocuparme...
14. ¡Qué lío!

Informante N 2.6

Primeros contactos: Mi primero contacto con la lengua fue aquí en la facultad cuando hice un curso de introducción con la profesora Maite Celada.

DI:

1. El hombre se les deja caer sus gafas y se pone con una cara de preocupación, pues piensa que sus gafas están rotas.
2. Al recogerlas del piso se siente aliviado porque las gafas están en buen estado.
3. El hombre tiene una buena idea. Resuelve comprar una caja para evitar que se las caya otra vez.
4. Sal muy contento de la tienda guardando sus gafas en la caja.
5. Cuando va colocar la caja con las gafas en el bolsillo del saco, deja caer y hace una cara de alivio, pues piensa que sus gafas están protegidas.
6. Muy contento con la idea que tuvo al comprar la caja, recógela del piso.
7. Al abrir la caja el hombre se pone muy triste, pues sus gafas se han roto aunque las tenga ententado proteger comprando la caja.

DD:

8. ¡Ah! ¡Qué lástima!
9. ¡Qué bueno! No se ha roto.
10. Me parece una buena idea comprar una cajita para protegerlas
11. ¡Ahora sí!
12. ¡Ops!
13. ¡Qué bueno haber comprado la caja!
14. ¡Qué lástima! Lo mejor sería no haber comprado ninguna caja.

Informante N 2.7

Primeros contactos: Livros técnicos.

DI:

1. Se caen los anteojos de una persona,
2. pero no se rompen.
3. Para prevenir, la persona compra un estuche.
4. Al colocar los anteojos en el estuche se les caen nuevamente.

5. Piensa que ahora no habrá problemas,
6. pero el futuro no nos pertenece:
7. ¡los anteojos se rompieron todo!

DD:

8. Yá no veo nada y todavía me ha caído mis anteojos.
9. ¡Bueno! Estoy con mucha sorte hoy.
10. Pero, porvenir és el meyor remedio.
11. Con esto estuche no voy a tener más problemas.
12. Una vez más mis ojos me han traído.
13. Por supuesto nada ha ocurrido otra vez.
14. Puedo tener sorte, pero no sé nada a respecto del futuro.

Informante N 2.8

Primeros contactos: En el primer año de la Facultad, con Maite, en una optativa.

DI:

1. Un hombre estaba a caminar por una calle de una pequeña ciudad, cuando sus anteojos caen de sus manos.
2. Agarró sus anteojos y pensó: Qué suerte, no se rompieron.
3. Pensó ser mejor comprar un estuche para no tener más preocupaciones con sus anteojos.
4. Fué hasta la óptica y se quedó contento, porque ahora no había más peligro de quebrar sus anteojos.
5. En la misma calle de la óptica dejó caer su nuevo estuche.
6. Pero no tuvo prisa y agarró nuevamente sus anteojos que se cayeron. Ni pensó que ellos estaban corriendo peligro.
7. Cuándo abrió el estuche tuvo un sobresalto, sus anteojos estaban rotos y no más sabía lo que hacer.

DD:

8. Mis anteojos se cayeron, espero que no tengan quebrado.
9. ¡Ufa! Aún están bien. ¡Que bueno! pero es mejor que yo no corra más peligro.
10. Lo que voy a hacer ... Tuvo una idea, voy a compra un estuche.
11. Ahora, sí, no tengo con qué preocuparme. Mis anteojos jamás se quedarán rotos.
12. Ocurrió lo mismo que de la otra vez, pero ahora no necesito quedarme con miedo de que mis anteojos se rompán. Ellos están protegidos.
13. Ni tengo prisa. ¡Cómo soy despierto!
14. ¡Oh, no! Por Dios, están rotos, pero no puedo comprender. Ahora que estaban protegidos. ¿Que voy a hacer ahora?

Informante N 2.9

Primeros contactos: Junto ao 2º grau.

DI:

1. Él hombre dejó sus gafas caer.
2. Pero quedó muy contento cuando percibió que ellas no han quedado rotas.
3. Tuvo una idea de comprar una cajita de protección.
4. Salió de la tienda muy contento y guardó sus gafas con mucho cuidado en la cajita.
5. Pero no tuvo mucha suerte, pues dejó la cajita caer.
6. Agarró las gafas del suelo, pero tenía mucha seguridad que nada iba a ocurrir.
7. Pero las gafas han quedado rotas.

DD:

8. ¡Mis gafas! ¿Cómo eso fue ocurrir?
9. ¡Que bueno! Nada se paso.
10. ¡Una tienda! Voy adentrarme y comprar una cajita.
11. Ahora mis gafas están protegidas.
12. No tengo que preocuparme, pues mis gafas están seguras.
13. Con esa cajita de protección nada puede ocurrir.
14. No, no es posible que mis gafas están rotas.

Informante N 2.10

Primeros contactos:

DI:

1. Un hombre caminaba por la calle y cuando va a sacar sus gafas se las cayen.
2. Pero se da cuenta al tomar las gafas que no se rompieran.
3. Continuando a caminar ve un escaparate y piensa en comprar una caja para ponerlas.
4. La compra y las pone dentro.
5. Después va a guardar la caja en el bolsillo del saco. Pero se la caye.
6. Entonces va a tomarla en el suelo.
7. Pero cuando la abre se da cuenta que están rotas.

DD:

8. ¡Se lo cayo!
9. ¡Qué bueno, no se lo rompió!
10. Una tienda, voy a comprar una caja.
11. Ahora sí, voy a poner las gafas en una caja.
12. De nuevo se cayó.
13. Pero esta protegida.
14. No puedo creer.



ANEXO 5

Gráficos

Gráfico 01 - Comparação das construções produzidas pelos estudantes (médias) com as do GR - 2001

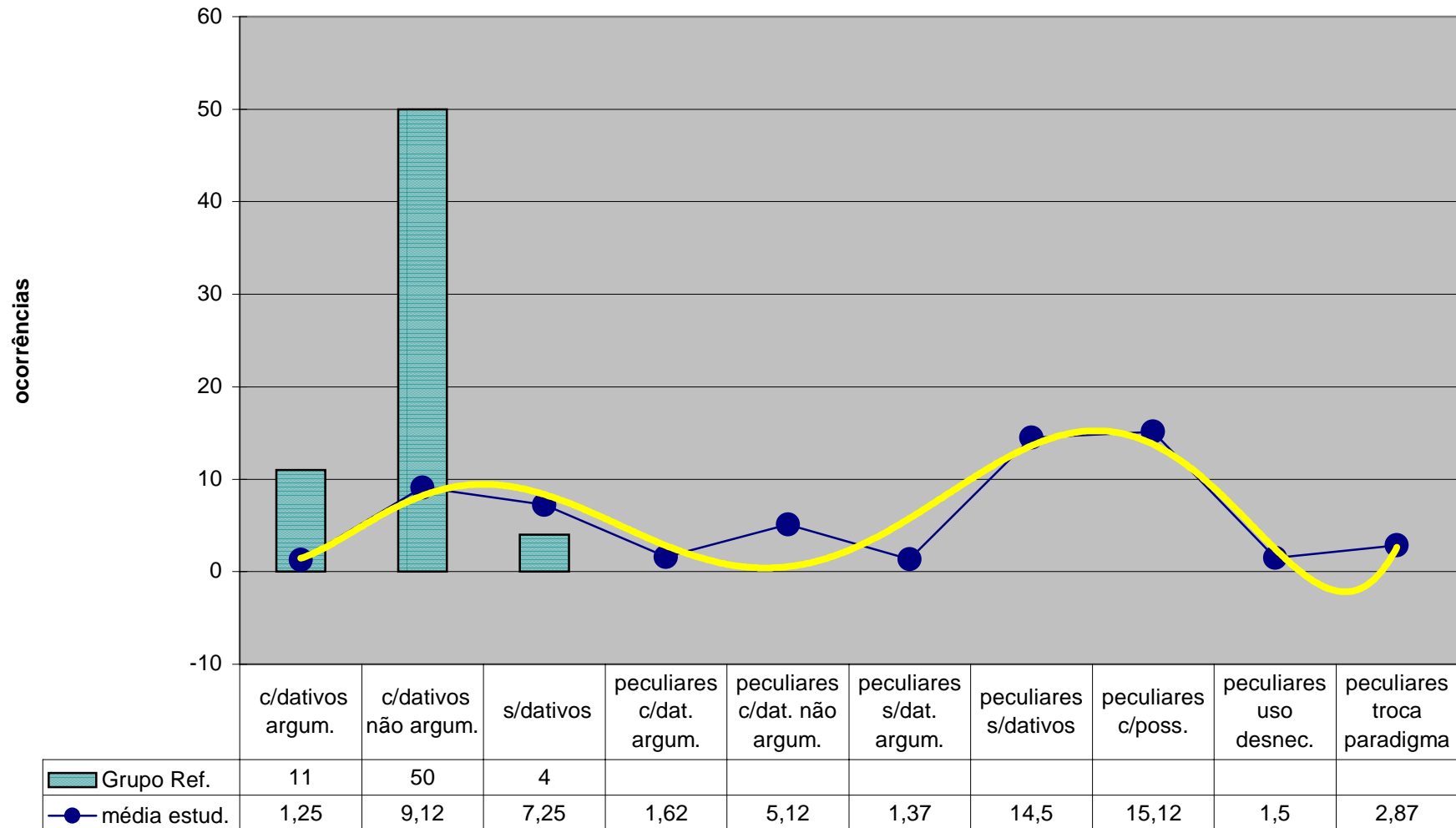


Gráfico 02 - Construções produzidas pelo grupo N II comparadas com as do GR - 2001

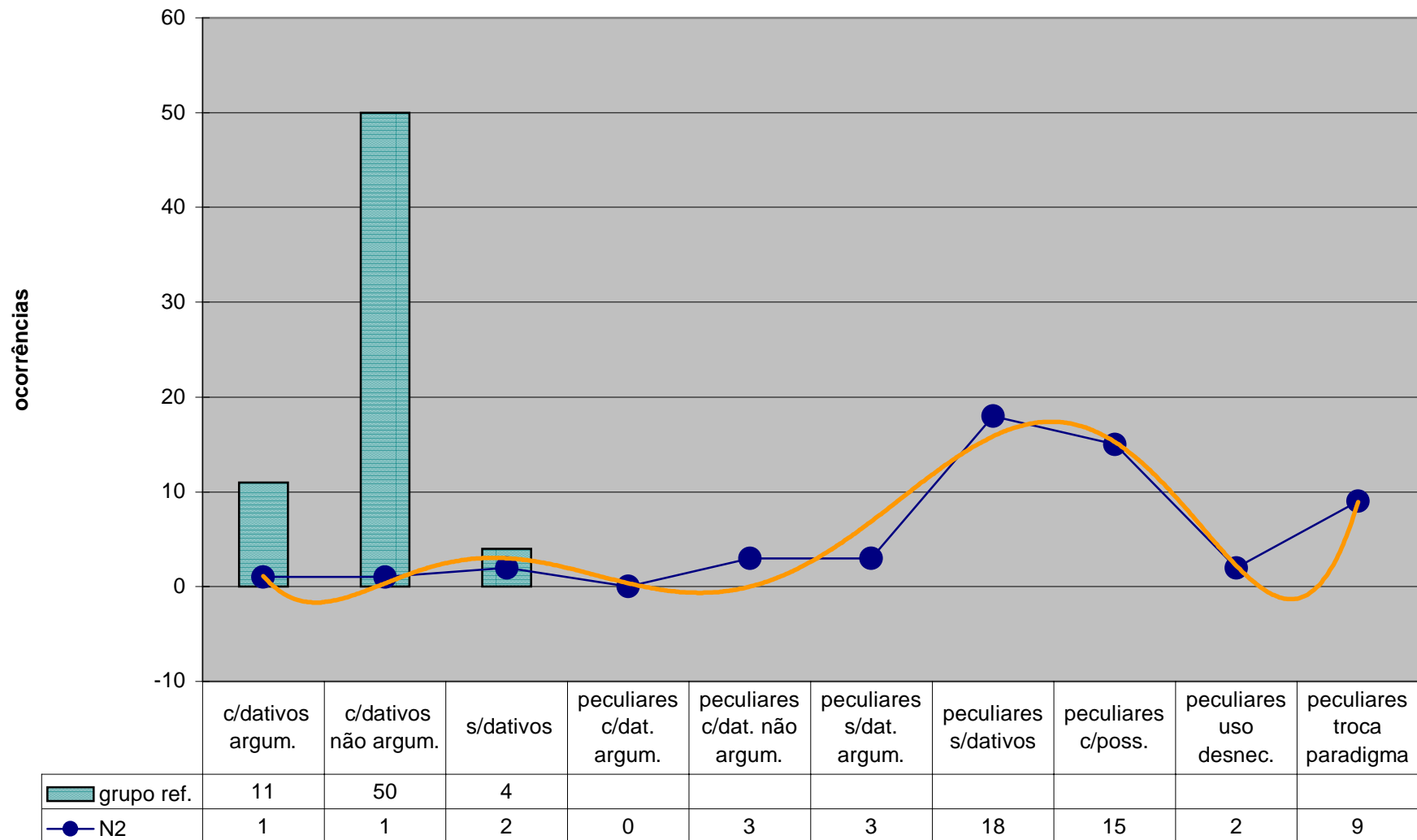


Gráfico 03 - Construções produzidas pelo grupo N III comparadas com as do GR - 2001

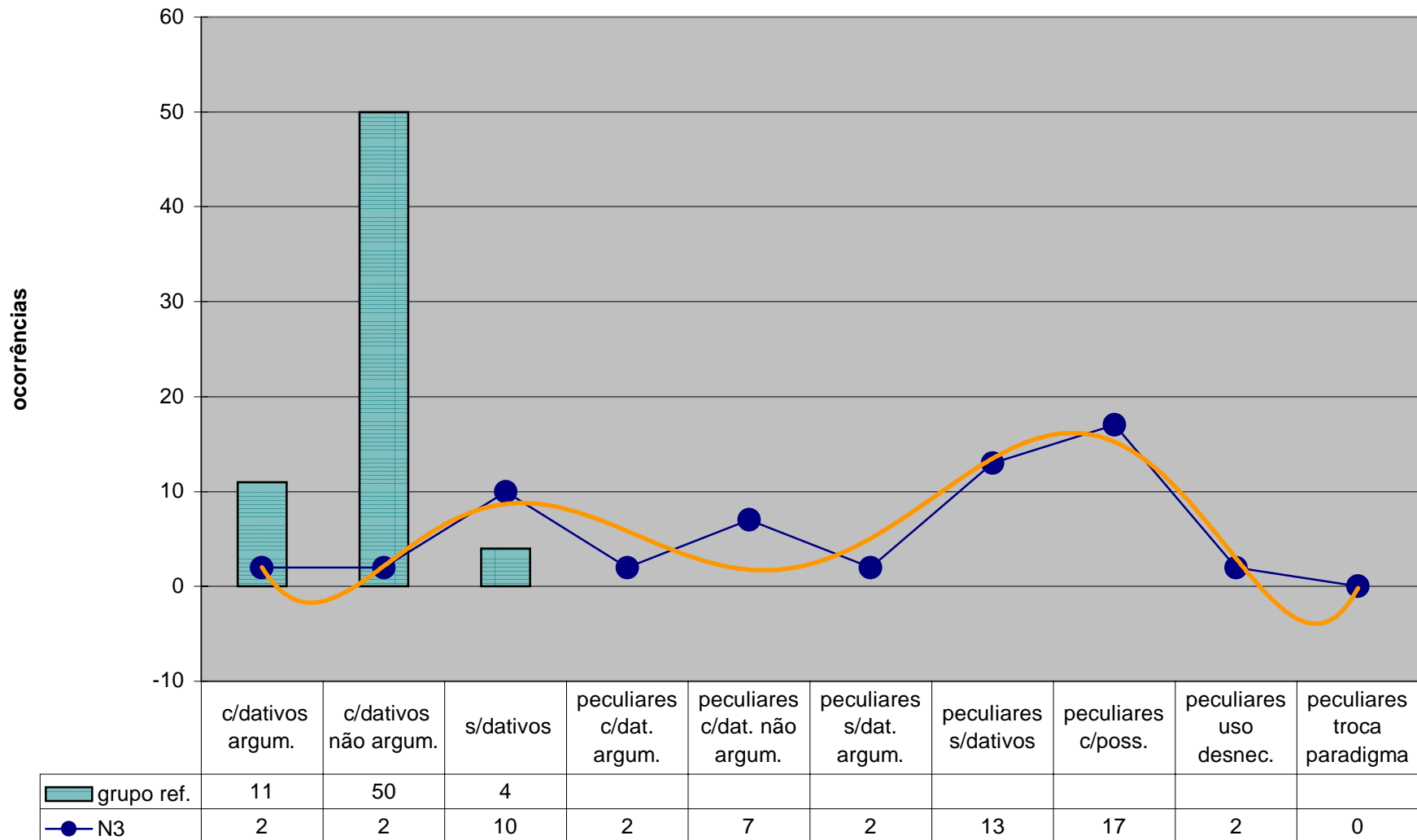


Gráfico 04 - Construções produzidas pelo grupo D III comparadas com as do GR - 2001

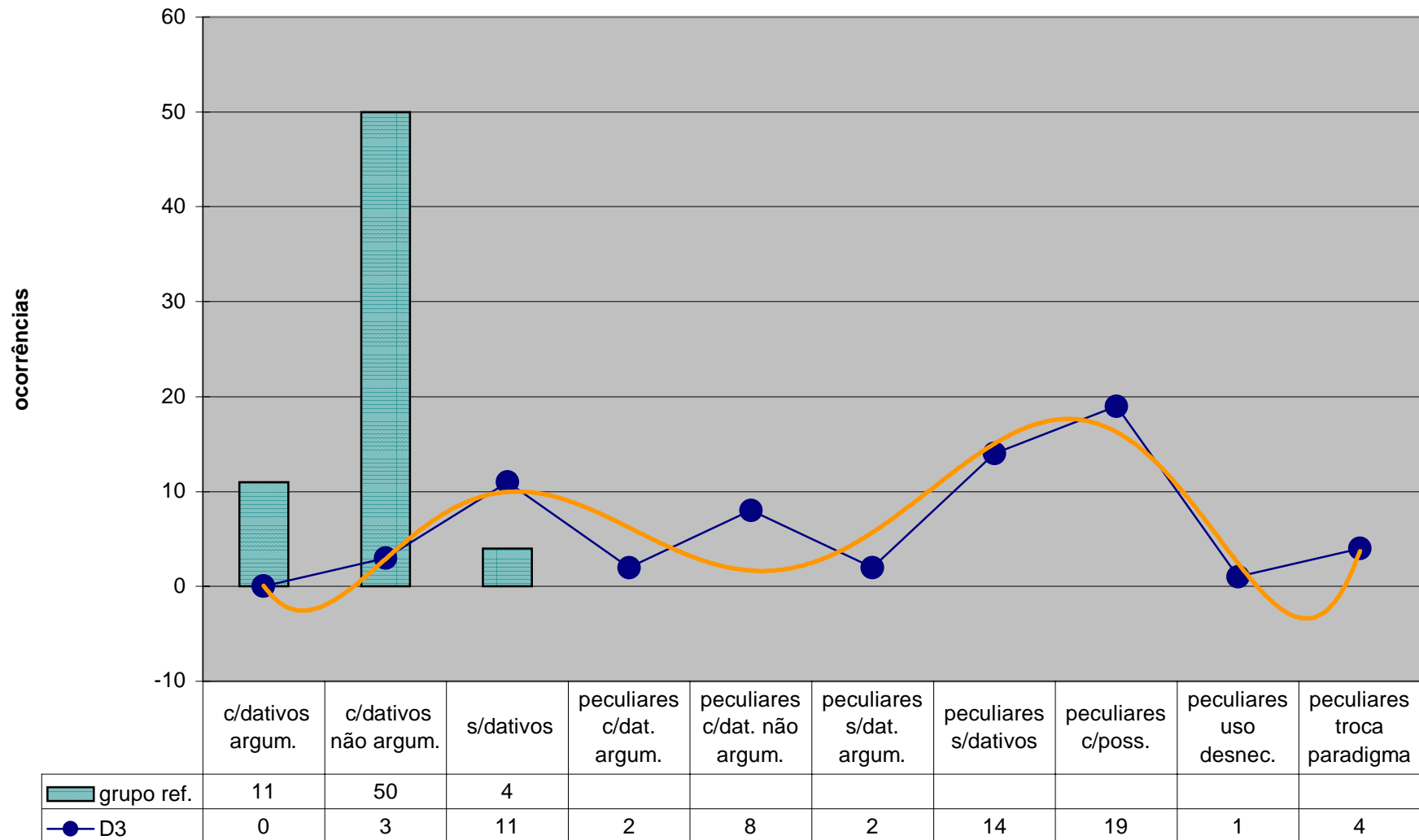


Gráfico 05 - Construções produzidas pelo grupo N IV comparadas com as do GR - 2001

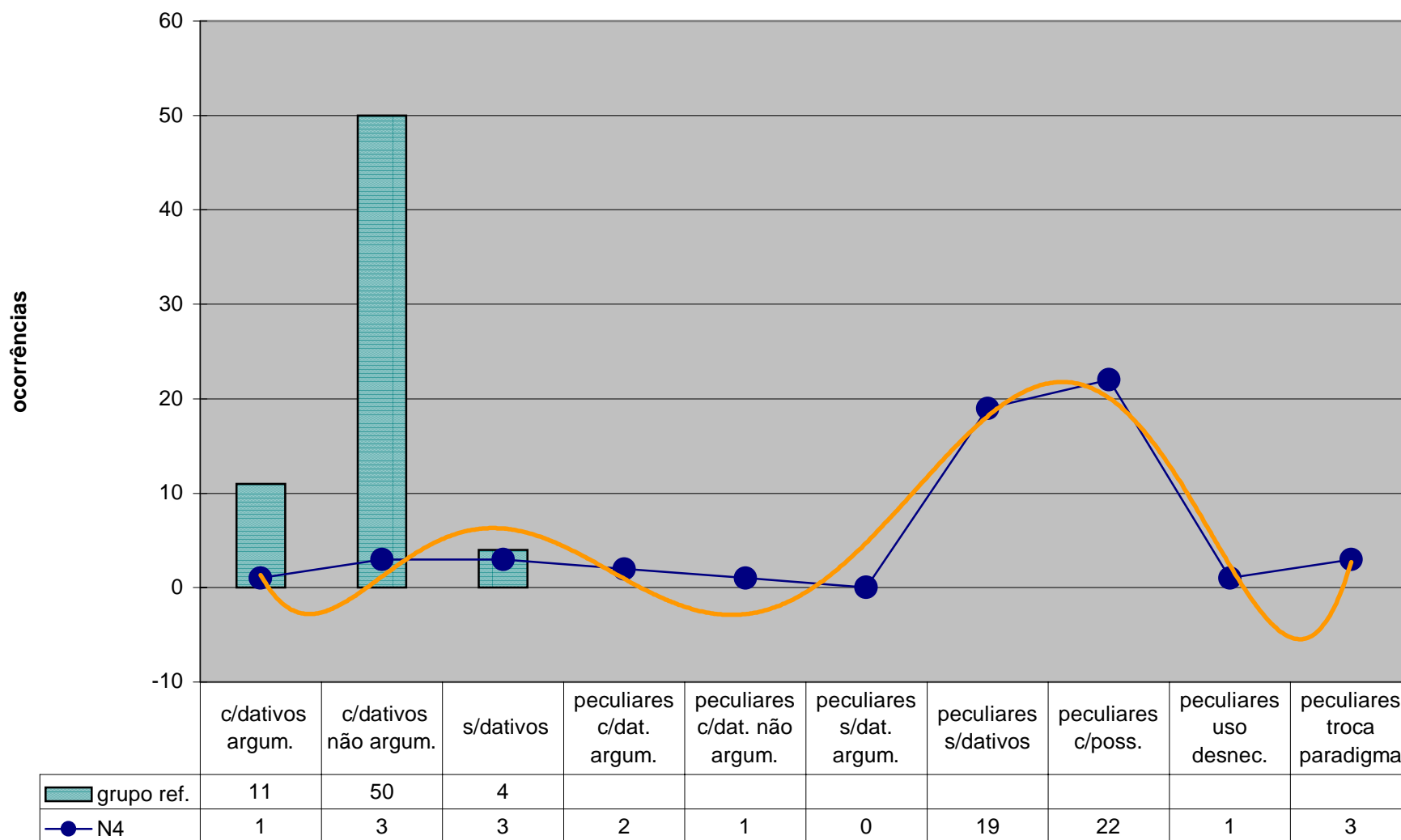


Gráfico 06 - Construções produzidas pelo grupo D IV comparadas com as do GR - 2001

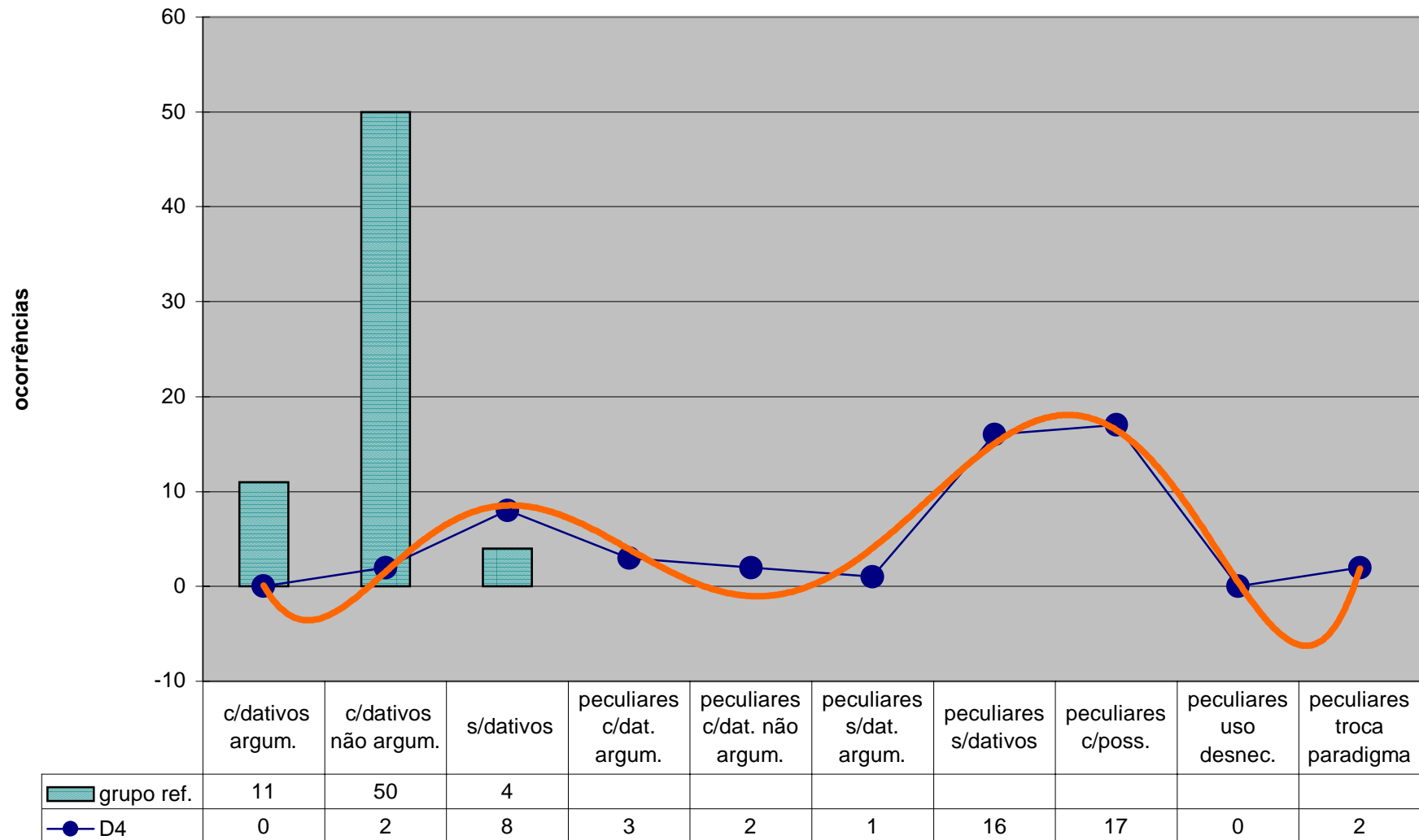


Gráfico 07 - Construções produzidas pelo grupo N VII comparadas com as do GR - 2001

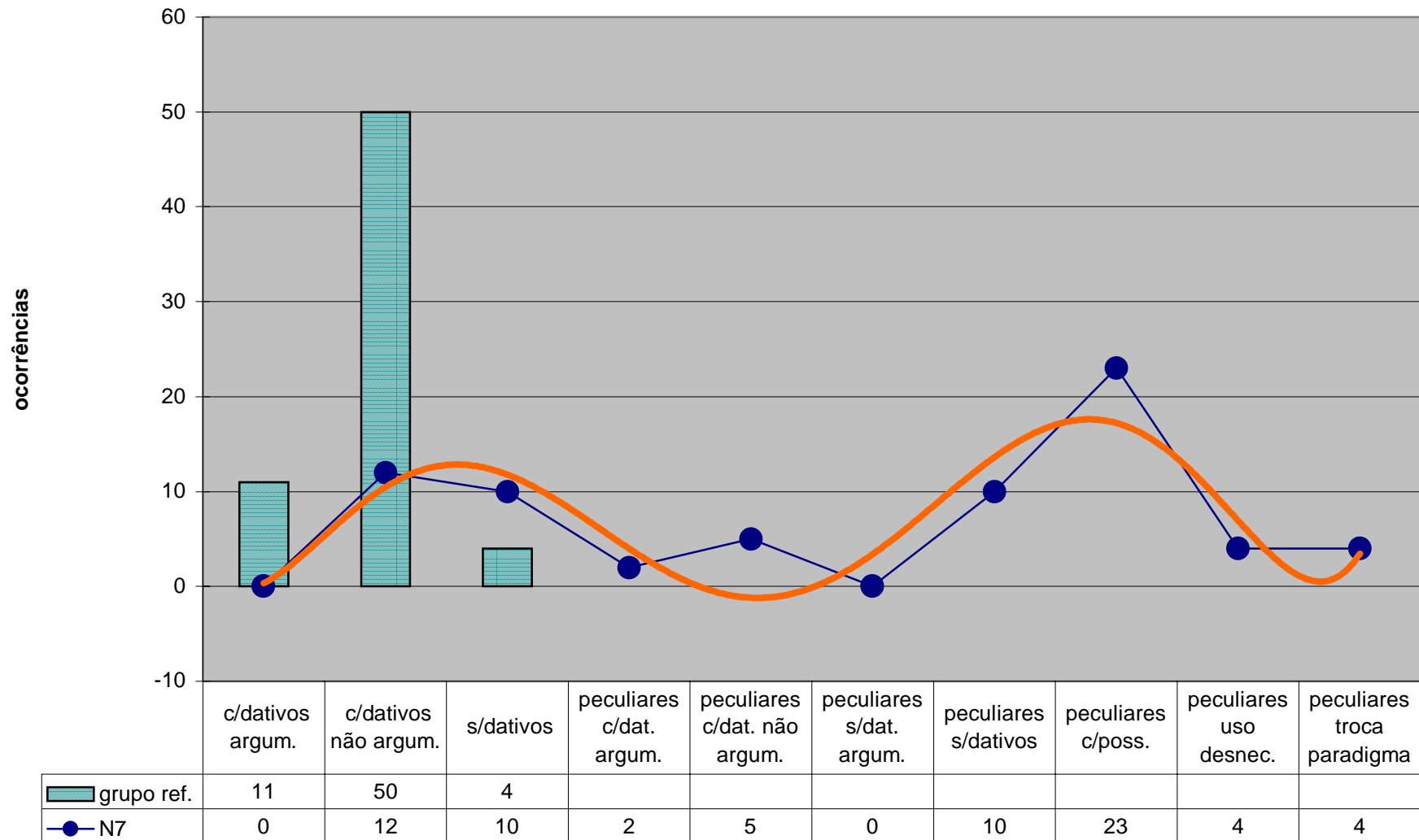


Gráfico 08 - Construções produzidas pelo grupo D VII comparadas com as do GR - 2001

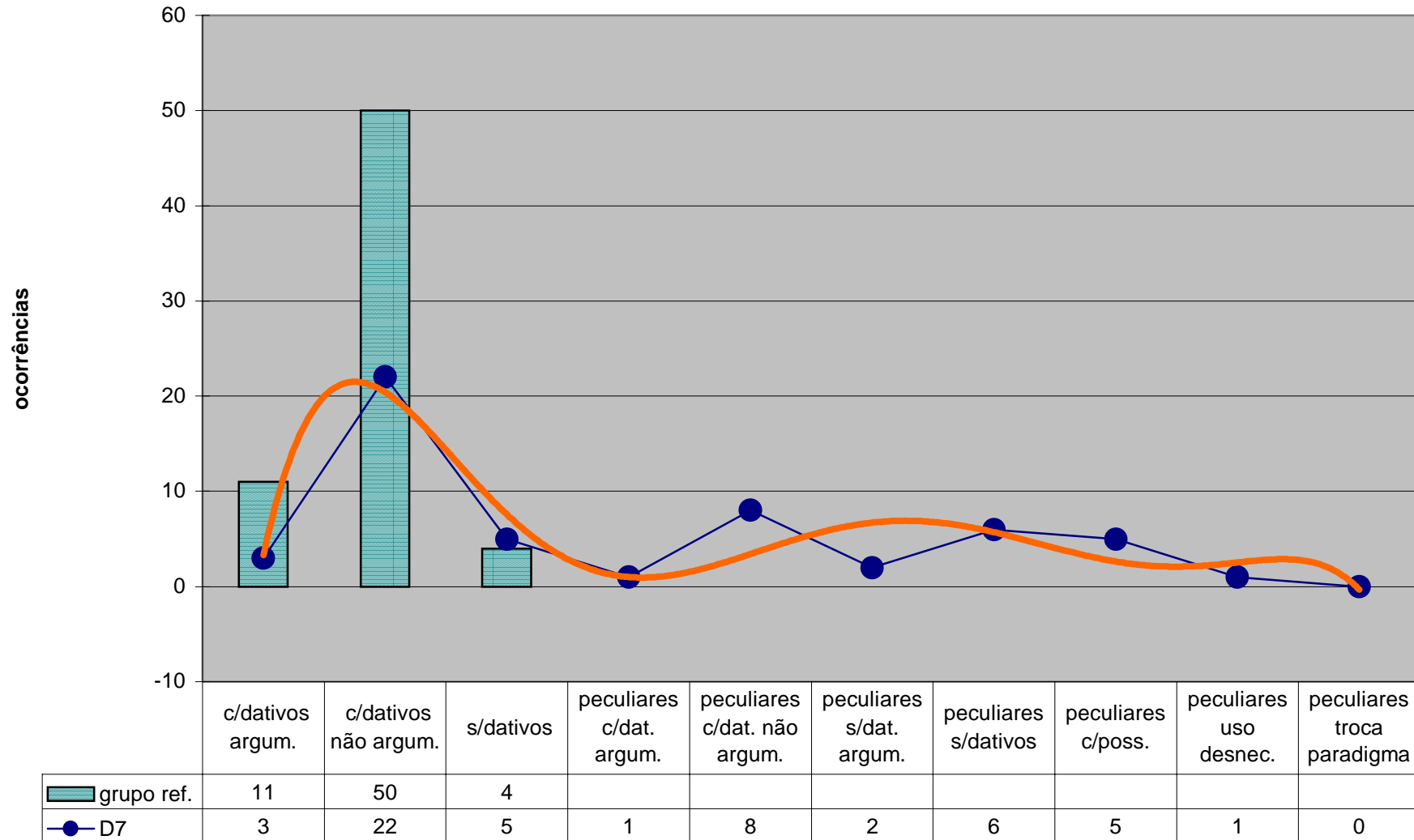


Gráfico 09 - Construções produzidas pelo grupo D VIII comparadas com as do GR - 2001

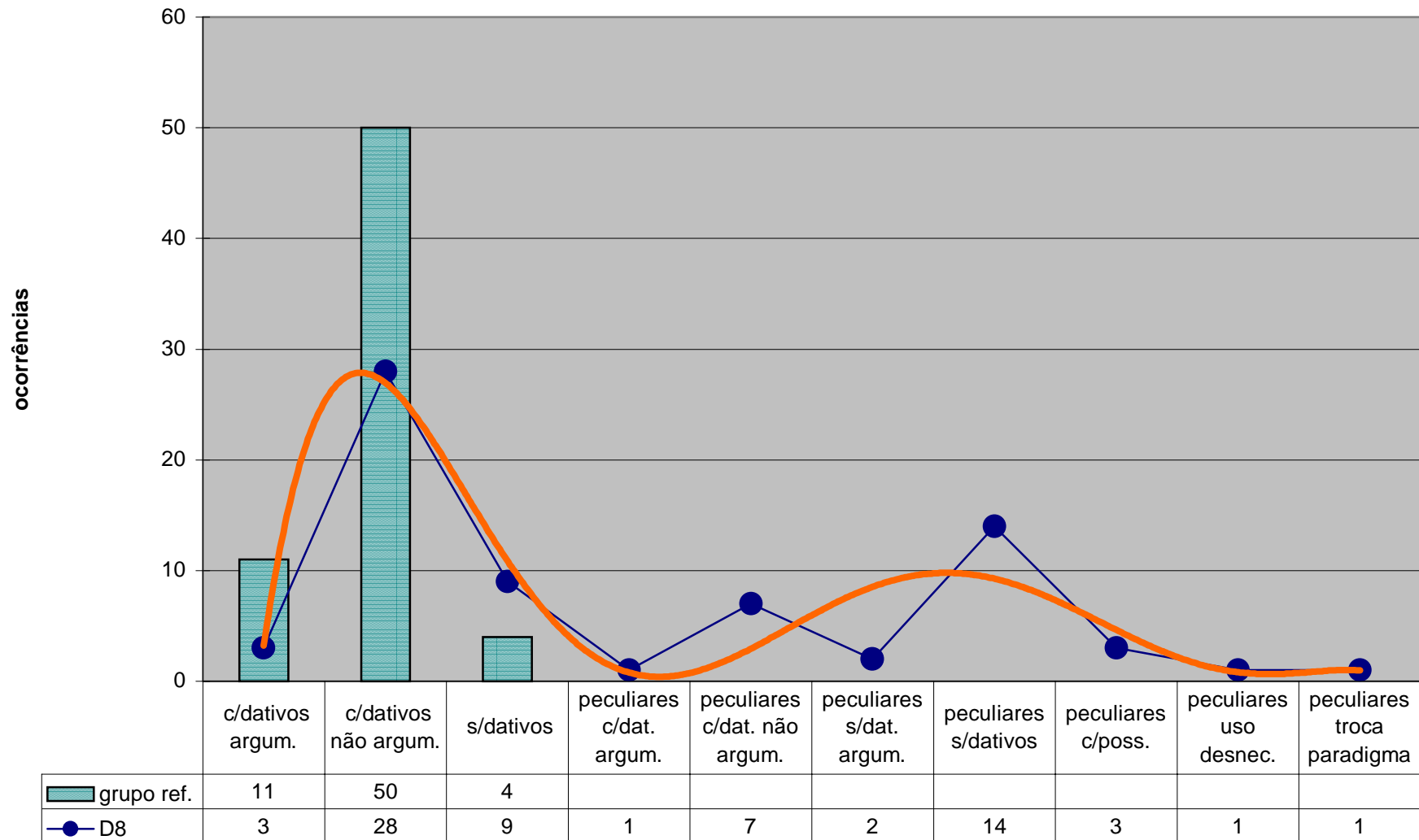


Gráfico 10 - Evolução das construções com e sem dativos na interlíngua de estudantes de ELE comparada ao GR - 2001

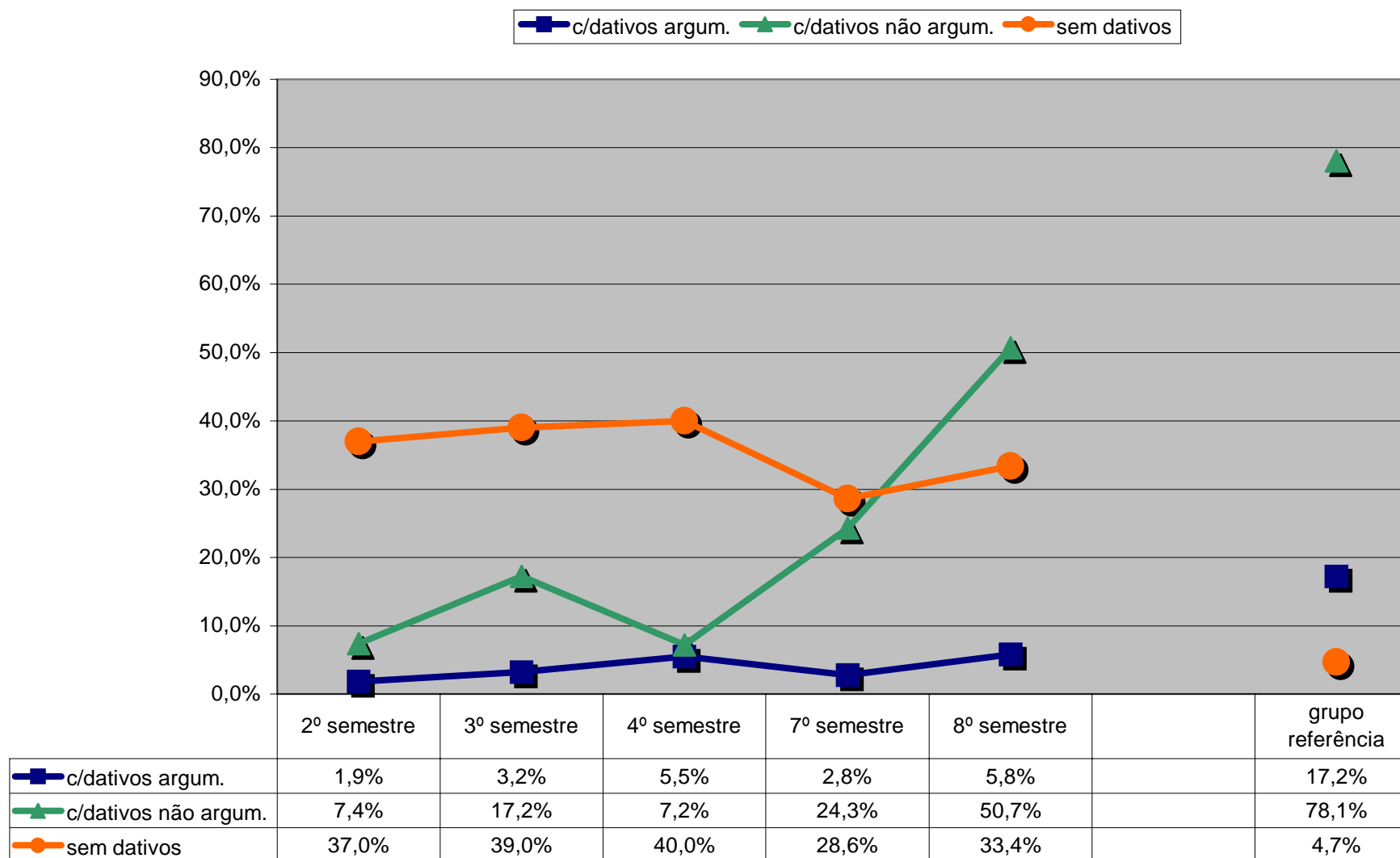


Gráfico 11 - Evolução das construções peculiares da interlíngua de estudantes de ELE - 2001

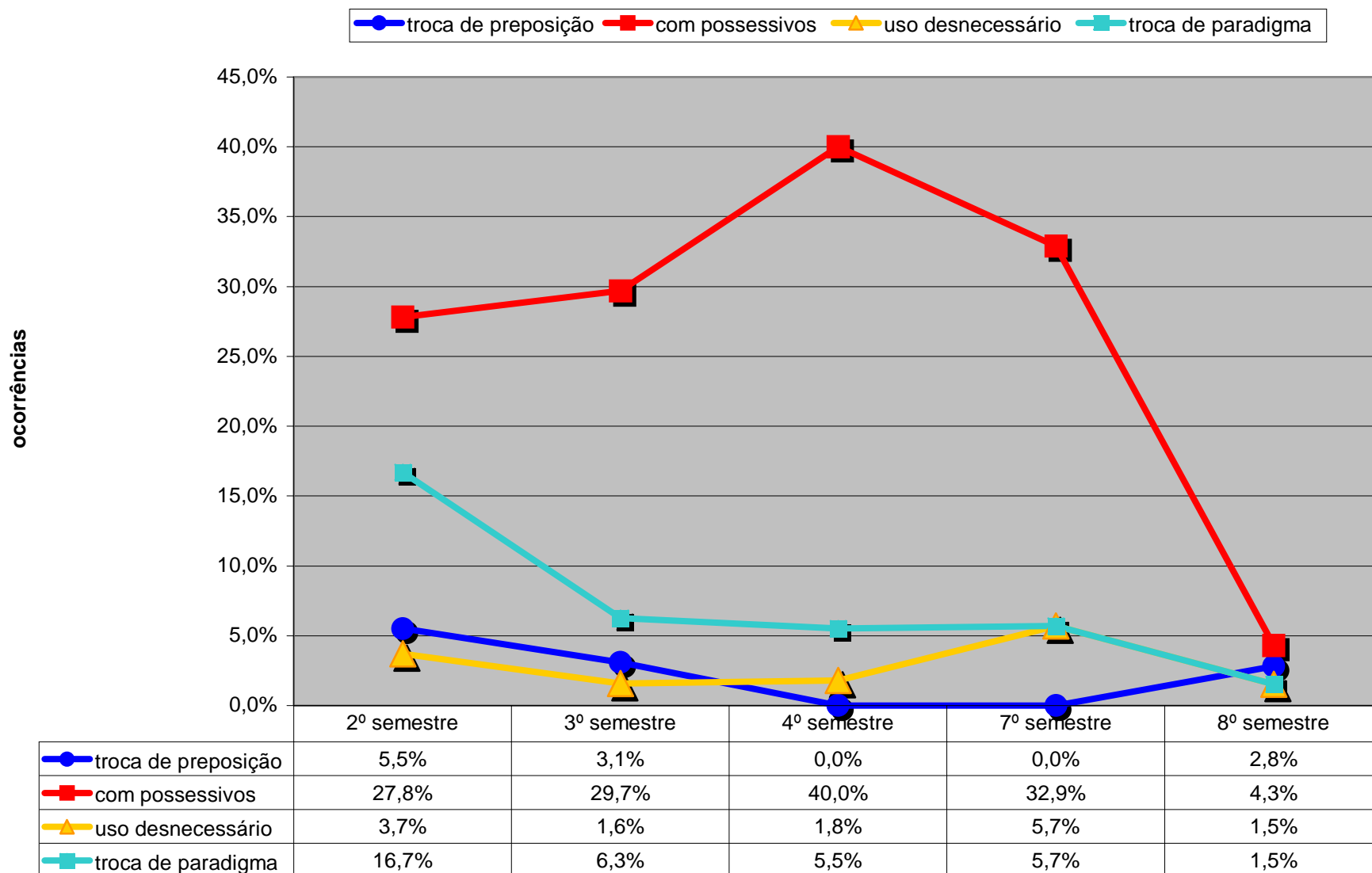
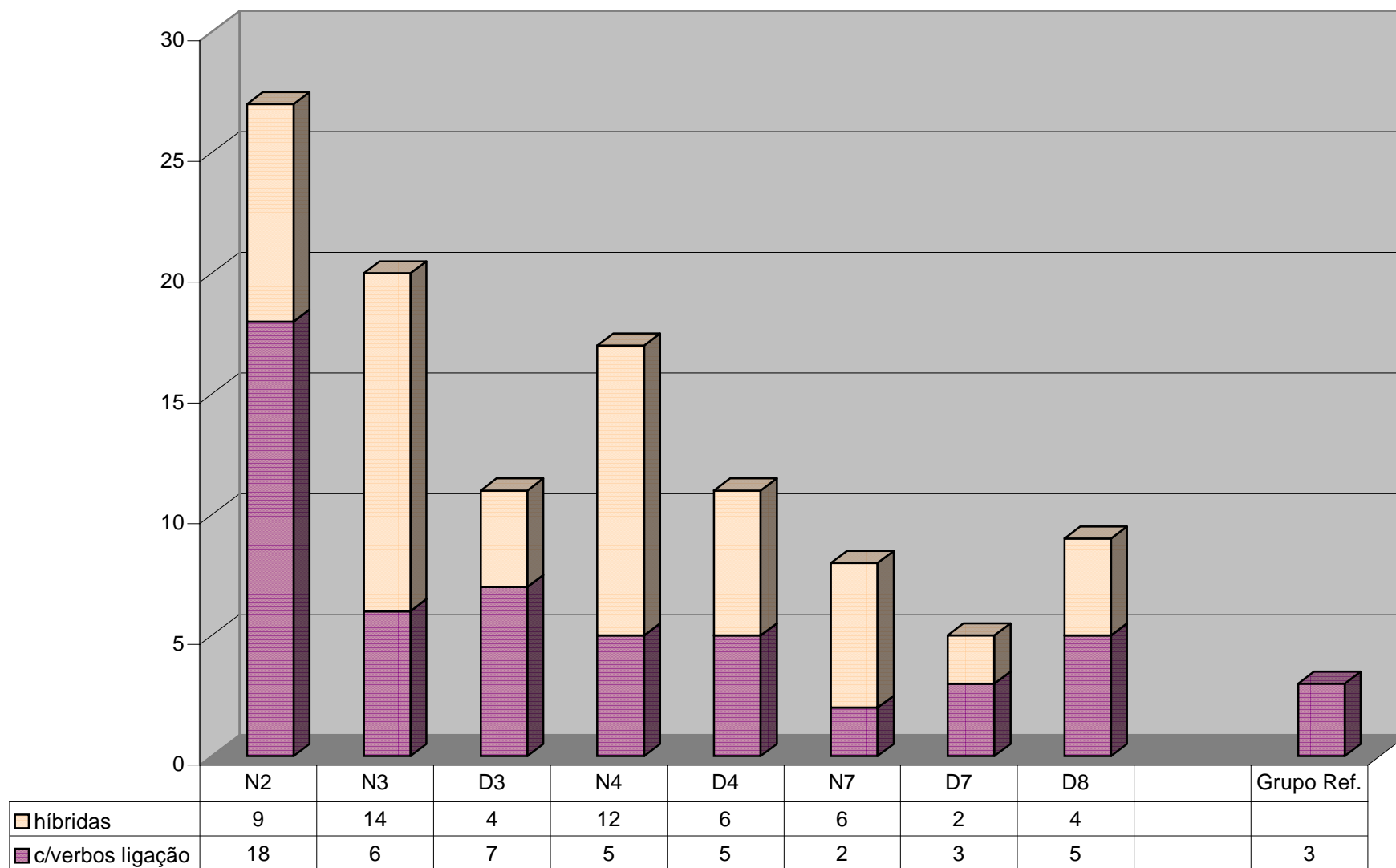


Gráfico 12 - Construções com verbos de ligação e *híbridas* - estudantes e GR - 2001



**Gráfico 13 - Estruturas com e sem dativos: grupo referência e estudantes
(média) - 2001**

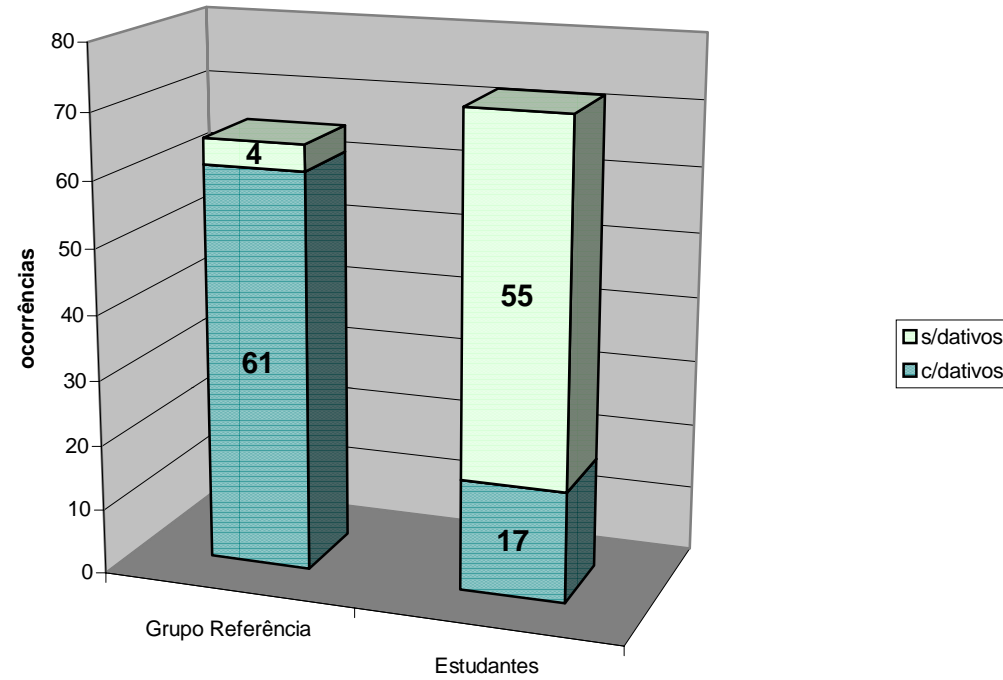


Gráfico 14 - Construções < S + V (+/- C) > ao longo do curso de ELE em 2001 e no GR

